

Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



Migração de reformados do “Sul-Global” ao “Norte-Global”: Portugal como destino dos reformados brasileiros

Nilcelene Bossoes Biasutti

Dissertação orientada pelas
Prof.^a Doutora Alina Isabel Pereira Esteves e
Prof.^a Doutora Jennifer Leigh McGarrigle Montezuma de Carvalho

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

2020

Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



Migração de reformados do “Sul-Global” ao “Norte-Global”: Portugal como destino dos reformados brasileiros

Nilcelene Bossoes Biasutti

Dissertação orientada pelas
Prof.^a Doutora Alina Isabel Pereira Esteves e
Prof.^a Doutora Jennifer Leigh McGarrigle Montezuma de Carvalho

Júri:

Presidente: Professor Doutor Eduardo Manuel Dias Brito Henriques do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Professora Doutora Maria Dulce de Oliveira Pimentel Antunes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

· Professora Doutora Alina Isabel Pereira Esteves do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

2020

Agradecimentos

Agradeço às minhas orientadoras Professoras Doutoradas Alina Isabel Pereira Esteves e Jennifer Leigh McGarrigle Montezuma de Carvalho, pelo apoio incondicional, pelos comentários, partilha de ideias e incentivos. Qualquer mérito que este trabalho possa ter, ele também é vosso.

Agradeço à Universidade de Lisboa, nomeadamente ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), por todas as condições que permitiram o desenvolvimento desta investigação.

Um agradecimento especial à Cristina Tosta, que com a sua generosidade e disponibilidade se transformou em uma amiga, e proporcionou o contacto com a comunidade de imigrantes reformados brasileiros em Porto.

O meu agradecimento aos imigrantes reformados brasileiros em Portugal que aceitaram pacientemente dedicar parte do seu tempo para participar das entrevistas. Pessoas especiais que levarei para sempre na memória e no coração.

A minha eterna gratidão às minhas filhas Mariana e Débora, que apoiaram este projeto de mestrado, e que sempre estiveram presentes, solidárias e disponíveis. De igual modo, minha gratidão à amiga portuguesa e colega de mestrado Sofia Ribeiro. Elas sabem quão fundamentais foram durante todo este processo.

Resumo

A migração internacional de reformados brasileiros em direção a Portugal é um fenômeno recente, intensificado na segunda metade da presente década, com aumento progressivo, notadamente nos anos de 2016 e 2017. Especificamente em relação a mobilidade de reformados brasileiros, até o momento, há uma escassez de análises empíricas e teóricas que explicam as motivações e aspirações desse grupo de migrantes. Dentre as múltiplas opções temáticas sobre migrações, este trabalho pretende investigar as motivações que levam os brasileiros reformados a se deslocarem para Portugal e habitar um novo espaço de vida em uma idade em que a capacidade de adaptação pode apresentar algumas limitações. Assim como contribuir para o colmatar de uma lacuna no conhecimento deste fluxo migratório que, nomeadamente nos últimos cinco anos, têm optado em fixar residência em Portugal após a reforma, seja na condição de portador do visto D7 ou de uma cidadania europeia. Situado no cruzamento da literatura sobre migrações internacionais de reformados, e com base em 21 entrevistas em profundidade com brasileiros reformados que fixaram residência em Portugal, nosso objetivo é clarificar e identificar as motivações dos reformados brasileiros em migrar para terras lusitanas e desvelar: (1) o processo migratório (planeamento, meios mobilizados, aspirações); (2) as expectativas versus realidade da experiência migratória em Portugal e as relações com a origem; (3) as perspectivas futuras (fixação, reemigração ou retorno). Para tal, este estudo adotou uma abordagem qualitativa e recolha direta de dados (entrevistas em profundidade), além de aplicação de um formulário sociodemográfico complementar junto aos entrevistados. Nossos resultados revelam que a maioria das motivações identificadas na amostra está em conformidade com as experiências de mobilidade de reformados encontradas na revisão de literatura. Direta e indiretamente, as motivações que impulsionam a mobilidade de pessoas em uma idade mais avançada estão vinculadas à busca por um estilo de vida relacionado à qualidade (amenidades, experiências socioculturais e clima ameno). Nossa amostra revelou que as motivações por um país seguro e facilidades de entrada, permanência legal e isenções fiscais, são as mais significativas, mesmo que diversas, entre as motivações reveladas com alguns buscando simplesmente estar mais próximos a seus filhos, que migraram por motivos profissionais, estilo de vida ou casamento. Por outro lado, os resultados revelam que a imigração de reformados brasileiros para Portugal pode ser, também, altamente atraente por motivos de estilo de vida, mas certamente não se encaixa nas categorias “para evitar tributação no país de origem” ou como uma estratégia de *geoarbitragem*.

Palavras-chave: migração internacional de reformados; migrantes mais velhos; migração de reformados brasileiros; Brasil; Portugal.

Abstract

The migration of Brazilian retirees to Portugal is a recent phenomenon, intensified in the second half of this decade, with a significant increase especially in 2016 and 2017. Specifically, in relation to the mobility of Brazilian retirees, so far, there is a lack of empirical and theoretical analyzes that explain the motivations and aspirations of this group of migrants. Among the many research themes on migration, this paper aims to investigate the motivations that lead retired Brazilians to move to Portugal and inhabit a new living space at an age in which the ability to adapt may have some limitations. This dissertation also seeks to contribute to knowledge or fill a gap in the literature about this migratory flow of people that, particularly in the last five years, have opted to establish residence in Portugal after retirement, either as a holder of the D7 visa or European citizenship. Based on available literature on international migrations of retirees, and based on 21 in-depth interviews with retired Brazilians who have settled in Portugal, the objective of this study is to clarify and identify the motivations of Brazilian retirees to migrate to Lusitanian lands and to unveil: (1) the migratory process (planning, means of mobilization, aspirations); (2) expectations versus reality of migratory experience in Portugal and ties to the home country; (3) future prospects (settlement, onward migration or return). To this end, this study adopted a qualitative research approach and data collection (in-depth interviews), as well as a supplementary questionnaire to capture additional socio-demographic information from the interviewees. The results reveal that most of the motivations identified in the sample are in line with the experiences of retired migrants found in the literature review. Directly and indirectly, the motivations that drive the mobility of older people are linked to the pursuit of quality-related lifestyle (amenities, sociocultural experiences, and mild climate). Our sample revealed that safety and ease of entry, legal stay and tax exemptions, are the most significant motivations for the migration of Brazilian retirees to Portugal. Other motivations include the desire to be closer to their children who migrated to Europe for professional reasons, lifestyle or marriage. Furthermore, the results show that the immigration of Brazilian retirees to Portugal can also be highly attractive for lifestyle reasons, but it certainly does not fit into the categories of “to avoid taxation in the country of origin” or as a strategy for *georbritage*.

Keywords: international migration of retirees; older migrants; migration of Brazilian retirees; Brazil; Portugal.

Índice de Conteúdos

Introdução	1
Capítulo 1 - Migrações internacionais de reformados: enquadramento teórico	9
1.1 Nexo entre teorias migratórias e migrações de reformados	9
1.2 Globalização, envelhecimento e migração de reformados	18
1.3 Migração internacional de reformados: quais as motivações?	22
1.4 Os programas estatais de atração de migrantes reformados	28
Capítulo 2 – Portugal como destino de reformados brasileiros na última década (2008-2018)	32
2.1 Fluxos (vagas) da migração brasileira para Portugal (2008-2018).....	32
2.2 A política portuguesa de atração de imigrantes reformados.....	36
Capítulo 3 – Apresentação da Pesquisa	47
3.1 Método de Pesquisa	47
3.2 Metodologia.....	48
3.3 Amostra.....	51
Capítulo 4 – O processo migratório: as motivações e as perspectivas do imigrante reformado brasileiro em Portugal.....	54
4.1 O perfil sociodemográfico dos entrevistados	58
4.2 A decisão migratória e as motivações	64
A questão da (in)segurança pública no Brasil.....	66
Estar próximo aos filhos.....	68
Experiência de viver em outro país	71
Questões de ordem emocional.....	75
Questões de ordem política	76
4.3 A escolha de Portugal como país de destino	78
4.4 A chegada em Portugal: a importância das redes sociais	85
4.5 As expectativas <i>versus</i> realidade da experiência migratória	88
Portugal e os portugueses: imaginários sociais e estereótipos	90
Onde morar? A escolha do concelho e a questão da moradia	97
4.6 As práticas transnacionais e os contatos com o lugar de origem.....	101
No Brasil.....	103
Em Portugal.....	106

4.7 Perspectivas futuras (ficar/reemigrar/retornar).....	108
Conclusão.....	112
Referências Bibliográficas.....	120
Anexo I.....	133
Anexo II	134

Índice de Quadros

Quadro 1: Total da população brasileira com título de residência em Portugal (2008 e 2018)	33
Quadro 2: Visto D7 concedidos a nacionais brasileiros (2008-2019).....	34
Quadro 3: Peso percentual dos vistos D7 nos fluxos de entrada de nacionais brasileiros.....	34
Quadro 4: Total de entrada de brasileiros por faixa etária (2008-2018).....	39
Quadro 5: Percentual das entradas de brasileiros por faixa etária (2008-2018)	39
Quadro 6: Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados	58
Quadro 7: As imagens e estereótipos dos brasileiros em relação a Portugal e aos portugueses.	91

Índice de Figuras

Figura 1: Vistos de residência (tipo D) concedidos a brasileiros (2008-2018)	35
Figura 2: Vistos de residência (tipo E) concedidos a brasileiros (2008-2018)	36
Figura 3: Índice de Envelhecimento, para portugueses e estrangeiros (2011-2017)	37
Figura 4: Principais nacionalidades estrangeiras residentes em Portugal, por grupo etário, em 2017 (%).....	38
Figura 5: Locais de origem e destino dos reformados brasileiros participantes da amostra	62
Figura 6: Visão geral das motivações	65

Lista de Abreviaturas

ACM	Alto Comissariado para as Migrações
BBVA	Fundação Banco Bilbao Vizcaya Argentaria
CDAM	Cerificado de Assistência à Saúde
CLAIM	Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes
INE	Instituto Nacional de Estatística
IRM	International Retirement Migration
IRS	Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares
MNE	Ministério dos Negócios Estrangeiros
OMS	Organização Mundial de Saúde
RFB	República Federativa do Brasil
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
SNS	Serviço Nacional de Saúde
UE	União Europeia
UN	United Nations

Introdução

Em 2018, a página de esportes do jornal *El País* relatou que em um restaurante em Dacar, capital do Senegal, um grupo de senegaleses - que assistiam o final da Copa do Mundo na Rússia, disputada entre as seleções da França e Croácia – celebravam a conquista do time francês como se uma equipe africana tivesse conquistado a vitória. Explico. O quarto gol, obra do jogador Mbappé, selou a vitória do time francês. Quatorze dos vinte e quatro jogadores da seleção francesa têm sua origem familiar no continente africano, quase todos filhos de emigrantes chegados à França (Naranjo, 2018). Mbappé é filho de imigrantes. Sua mãe é da Argélia, e o pai, de Camarões.

Neste mesmo ano, a repórter Marieta Cazarré do jornal *Agência Brasil*, ao escrever a matéria *Fugindo da crise e da insegurança, brasileiros migram para Portugal*, destacou a entrevista com a reformada carioca Lurdes Martins, 66 anos, que emigrou para Portugal em 2016. Motivo? A reformada brasileira comenta “que tirava brincos, anéis e colares para andar nas ruas de Ipanema, onde morava”, e acrescenta que “o contexto brasileiro - social, político e econômico - foi o que me impeliu a emigrar para Portugal”, além da “qualidade e o custo de vida ser bem melhor que no Brasil” (Cazarré, 2018).

Estes relatos refletem o quanto vivemos em um mundo em movimento. Cada vez mais, as pessoas escolhem ou são forçadas a atravessar as fronteiras nacionais, a fim de buscar meios de subsistência, cuidar dos membros da família e economizando para a aposentadoria em mais de um Estado-nação (Levitt et al., 2016). Bauman (1998: 103 e 115) afirma que, “na atualidade, todos vivemos em movimento”, inseridos em uma sociedade de consumo em que o “acesso à mobilidade global transformou-se no mais elevado de todos os fatores de estratificação”. Nos últimos vinte anos, a migração internacional tem apresentado um ritmo cada vez mais “acelerado”, além de ter se tornado “globalizada, feminizada, diversificada e politizada” (King, 2012b:4). A globalização da migração envolve um aumento no número de pessoas que se movimentam dentro e através das fronteiras dos Estados-nação. Embora muitas pessoas não se movam - não é um direito de todos e não acontece para todos da mesma forma - a migração tornou-se norma da vida moderna, compelindo as pessoas a se deslocarem mesmo quando não são claras as razões para fazê-lo (Franklin & Crang, 2001:11; O’Reilly, 2007; Papastergiadis, 2000). William et al. (2000) acrescentam que os movimentos contemporâneos não apenas aumentaram, mudaram suas formas. Carling (2002:12) enfatiza que “a disseminação dos fluxos

migratórios internacionais para um número crescente de origens e destinos” contribuiu para “expor a população mundial ao desejo de emigrar”. Na atualidade, o sucesso está associado à mobilidade, as novas elites estão em constante deslocamento (Barreto, 2009:4). As migrações internacionais são multidirecionais e tendem a obscurecer a distinção entre migração e turismo, uma vez que, “do ponto de vista legal, ser turista ou imigrante é, em qualquer parte do mundo, uma questão de vistos” (Barreto, 2009:3). O turismo constitui um fator de atração, uma vez que a experiência anterior (como exemplo a de um reformado como turista a curto prazo ou por temporada), pode influenciar na sua decisão de migrar (Padojinog & Rodolfo, 2004).

Embora as teorias da migração possam ser rastreadas até Ravenstein (1889), os estudos da migração de reformados geralmente estão associados com as pesquisas de Cribier, Duffau e Kych (1973), na França; e de Karn (1977) e Brearley (1978), na área costeira da Inglaterra, no final dos anos 1960 (Wong & Musa, 2013:142). Warnes, King & Williams (Williams et al. 1997; King et al. 1998; Warnes et al., 1999) estenderam esta ideia inicial com a de migração internacional de reformados da Europa do Norte e da Europa Ocidental em direção as áreas do sul do continente europeu. As pesquisas iniciais verificaram que a migração de pessoas que se deslocam após a reforma ou em idade próximo a reforma não pode ser explicada por meio de concepções teóricas neoclássicas, segundo as quais as migrações são definidas por considerações econômicas e políticas. É um tipo de migração motivada por um “estilo de vida” que aspira vivenciar novas experiências em locais que ofereçam qualidade de vida (clima ameno, diferenças socioculturais, lazer, segurança, custo de vida mais baixo, entre outros). Difere de outros tipos de migração internacional, tanto em suas causas e consequências quanto na situação demográfica e econômica dos migrantes (Breuer, 2005:315; Torkington, 2012:72; Balkir & Böcker, 2015:179; King et.al., 2000). Todavia, o modelo *push-pull* de Lee (1996) - que introduziu novos elementos à teoria de Ravenstein (1889) - foi adotado por Sunil, Rojas & Bradley (2007), Balkir & Kirkulak (2009), entre outros, para examinar a migração internacional de reformados (Abdul-Aziz et al., 2014:204). Há estudos que sugerem que mais atenção deve ser dada à migração de estilo de vida e sua vinculação com fatores econômicos (Benson & O’Reilly, 2015; Hayes, 2014).

A emergência de uma nova realidade associada à migração internacional de reformados, que tem dominado o cenário mundial nas últimas décadas, está associada a globalização dos movimentos migratórios e ao envelhecimento da população (Fonseca, 2012). As inovações nas tecnologias de transporte e comunicação levaram a um mundo cada vez mais globalizado e

interconectado, favorecendo as infraestruturas de viagens e a conectividade simultânea entre as pessoas em diferentes locais (Horn & Schweppe, 2017). Por outro lado, o rápido envelhecimento populacional decorrente das baixas taxas de fertilidade e aumento da expectativa de vida é uma tendência predominante na maioria dos países desenvolvidos e em alguns países em desenvolvimento (Näre et al., 2017; UN, 2019). Dentre esse contingente de pessoas envelhecidas, “os migrantes estão se tornando uma parte substancial da população mais velha na Europa e na América do Norte” (como também no Japão), com os “membros da geração *baby-boomer*, nascidos entre 1956 e 1965, atingindo a idade da reforma” (Ciobanu et al., 2016:164; Ashton & Scott, 2017:8). Uma maior expectativa de vida – que implica em um período mais alargado de pessoas usufruindo de uma vida ativa após a reforma - aliado ao “declínio das idades das reformas” e ao “aumento global das pensões”, incluindo uma maior “popularidade da experiência de viver no exterior” e do “rápido crescimento do turismo internacional de massa”, constituem fatores que impulsionaram a migração internacional de reformados (Balkir & Böcker, 2015:180).

Com relação ao movimento migratório internacional contemporâneo, monitorado por organizações internacionais, que enfatizam as novas tendências na mobilidade humana, Croucher (2012:2) chama a atenção para a lacuna existente nas pesquisas voltadas para o “movimento de indivíduos relativamente ricos de países bem desenvolvidos no norte global” em direção aos países “economicamente menos desenvolvidos do sul global”, entre os quais “muitos desses migrantes são reformados”. O termo IRM (*international retirement migration*) geralmente está associado ao deslocamento de pessoas mais velhas do Norte-Global para países com melhor clima, maiores opções de lazer, menor custo de vida e paisagens atraentes (Horn & Schweppe, 2017). A pesquisa nesse campo surgiu na década de 1990 (Casado-Diaz et al., 2004; King et al., 2000), e se concentrou na migração de estilo de vida dos reformados oriundos do Norte da Europa que se fixaram no sul deste continente, notadamente na Espanha. São migrantes que desenvolveram um estilo de vida transnacional, frequentemente transitando entre seu país de origem e o de acolhimento, participando de atividades sociais, culturais, políticas, e mantendo relacionamentos com amigos e familiares em ambos lugares (Gustafson, 2008; O’Reilly, 2000). É um tipo de migração que se caracteriza pelo consumo; e os recursos financeiros desse grupo migrante são destinados, entre outras coisas, aos prestadores de serviços, ao comércio e aos proprietários de imóveis (Warnes & Williams, 2006). A escolha pelo sul da Europa é justificada pelos preços mais baratos de moradia e custos mais baixos de vida; oferta em termos de políticas fiscais; oportunidade de viver em um clima mais quente,

paisagem, cultura e estilo de vida idealizado pelas pessoas de classe média. Há vinculação também com visitas a áreas turísticas durante as férias ao longo da vida laboral (com aquisição ou não de segundas residências), assim como conhecimento prévio de certas áreas devido a ocupações profissionais (Williams et al., 1997; King et al., 1998).

Os estudos levantados durante a revisão bibliográfica permitiu-nos ter uma noção dos projetos migratórios e suas motivações, especificamente daqueles grupos oriundos dos países com um maior índice de desenvolvimento económico – conhecidos como o Norte-Global – que se deslocam em direção aos países que oferecem uma melhor qualidade de vida (em termos de amenidades), oportunidade de novas experiências, um clima mais ameno e menor custo de vida (Benson & O'Reilly, 2009a; Gibler et al., 2009; Breuer, 2005; Gustafson, 2008; O'Reilly, 2000; Kaiser, 2011). Outras motivações, por sua vez, encontram-se vinculadas a utilização do capital económico e recursos acumulados durante a vida laboral, que tendem a diminuir após a reforma, a fim manter o padrão de vida do migrante em outro país (Toyota et al., 2006; Dixon, Murray & Gelatt, 2006; Hayes, 2014). Neste caso específico, observamos o deslocamento de pessoas de áreas socioeconómicas mais desenvolvidas em direção a países que oferecem maior poder de compra e/ou benefícios fiscais, independentemente se localizados em áreas fronteiriças, ou mesmo em regiões relativamente distantes (países do Sul-Global).

Implementar programas de imigração para atrair reformados - seja por meio de isenções fiscais, facilidades na aquisição de uma segunda residência e/ou instalações privadas (como exemplo, lares de idosos) que atendem especificamente a idosos com ofertas de serviços com valores muito mais acessíveis para indivíduos e famílias de rendas média e baixa - tornou-se uma estratégia de desenvolvimento económico para os países receptores (Fonseca, 2012; Toyota et al., 2006; Toyota & Xiang, 2012; Benson, 2013; Hayes, 2018; Croucher, 2012). Estamos em presença de um tipo de imigração com impacto óbvio nas economias dos locais de destino, que gera receita de despesas no consumo residencial e pessoal.

Em termos teóricos, a nossa investigação sobre a emigração de brasileiros reformados em direção a Portugal está situada nonexo entre as teorias migratórias e as migrações de reformados; entre a globalização/envelhecimento/migração internacional de reformados; e nas motivações que impulsionam o deslocamento de pessoas em idade mais avançada através das fronteiras de seus países de origem. Tendo, pois, como recorte temporal da imigração brasileira em Portugal o período de 2008 a 2018, pode-se dizer que, até ao momento, muito pouco se

sabe sobre a imigração de reformados brasileiros para fins de fixação de residência neste país. Sabe-se, no entanto, que a partir de 2010, em virtude da crise económica portuguesa que se estendeu até 2015, muitos imigrantes laborais brasileiros retornaram ao Brasil ou remigraram para países menos afetados pela crise, como Reino Unido e Alemanha (Machado, 2014). A partir de 2016, no entanto, observa-se a retomada da imigração brasileira para Portugal com alteração no perfil do fluxo migratório, destacando-se o aumento na solicitação de vistos de residência tipos “D” e “E”, vinculados a estudantes; a investigadores e profissionais altamente qualificados; a trabalhadores independentes; a investidores; à atividades de investimentos - ARI; a de estada temporária para efeitos de transferência de trabalhadores entre países pertencentes a OMC; a prestadores de serviços ou formação profissional; e a reformados (Fonseca, Pereira & Iorio, 2016; França, Alves & Padilla, 2018; França & Padilla, 2018; Iorio, 2018).

O aumento no fluxo de migração de reformados brasileiros para Portugal, notadamente a partir de 2016, pressupõe uma migração seletiva que atende com relativo sucesso às solicitações do local de destino, do país de acolhimento. A facilidade na obtenção de visto e permanência legal em Portugal constitui um fator positivo e determinante na decisão de migrar e na escolha do local de destino.

Este trabalho procura analisar um fluxo atípico de mobilidade de migrantes reformados, que se deslocam de um país localizado no Sul-Global, a fim de fixar residência e vivenciar uma nova experiência (na idade madura) em um país do Norte-Global. Quais as motivações levam os brasileiros reformados a se deslocarem para Portugal e habitar um novo espaço de vida em uma idade em que a capacidade de adaptação pode apresentar algumas limitações? Baseando-se no que a literatura tem demonstrado, e tendo em conta que não há estudos sobre a mobilidade de brasileiros reformados para Portugal, propomos como objetivo geral da pesquisa identificar as motivações dos reformados brasileiros em emigrar para Portugal, assim como desvelar: (1) o processo migratório (planeamento, meios mobilizados, aspirações); (2) as expectativas *versus* realidade da experiência migratória e as relações com a origem; (3) as perspectivas futuras (fixação, reemigração ou retorno).

Em síntese, esta investigação pretende descobrir o que motivou os reformados brasileiros a escolherem Portugal; determinado concelho; o processo migratório; as expectativas *versus* a realidade; e as perspectivas futuras.

Na busca de responder às questões de investigação acima apresentadas, a dissertação está estruturada da seguinte forma:

No Capítulo 1 analisamos a migração internacional de reformados, procurando em primeiro lugar discutir o nexos entre as teorias migratórias e as migrações de reformados, apresentando de forma sucinta as principais teorias desenvolvidas por especialistas nos estudos das migrações que explicam os fatores motivacionais na decisão de migrar; as principais abordagens entre teorias que tentam explicar o início da migração (neoclássica; nova economia das migrações laborais; mercados de trabalho duplos e segmentados; e dos sistemas mundiais), e aquelas que se esforçam para explicar a perpetuação da migração (sistemas e redes). Na sequência, discutimos as abordagens dos estudos migratórios baseadas na “virada cultural” nas ciências sociais que redirecionaram suas pesquisas para uma abordagem qualitativa, contribuindo para uma nova versão nas causas dos fluxos migratórios e uma melhor compreensão da experiência migrante. Essa nova perspectiva possibilitou a emergência de estudos migratórios que objetivam compreender o nexos entre o envelhecimento e a migração. Em segundo lugar, a partir de uma revisão da literatura acerca da migração internacional de reformados, analisamos a interligação entre globalização, envelhecimento e migração de reformados. Em terceiro lugar, abordamos as literaturas convencionais acerca das motivações que impulsionam as pessoas na idade madura a desejar fixar residência e vivenciar uma nova experiência além das fronteiras do seu país de origem. Na sequência final, apresentamos uma revisão de literatura acerca dos programas estatais de atração de migrantes reformados, que, na disputa para atrair esse tipo de migrante, alguns países têm facilitado vistos e autorizações de residência para reformados ou oferecendo benefícios fiscais.

No Capítulo 2 pretendemos explicar os fluxos migratórios de brasileiros para Portugal, a partir das vagas migratórias ocorridas no intervalo 2008-2018, e analisar a importância relativa na concessão de vistos para reformados brasileiros (visto D7) em relação aos vistos para outras categorias de imigrantes da mesma nacionalidade nos anos de referência. Na sequência, apresentar a política estatal de atração de migrantes reformados para Portugal, mostrando a importância do regime fiscal denominado Residentes não Habituais (voltados para os imigrantes intracomunitários no espaço da UE28) e do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta - firmado entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil (conhecido como Tratado de Porto Seguro) - que estabeleceu o estatuto de igualdade entre portugueses e

brasileiros. Existem diferentes categorias de imigrantes em Portugal e, tal como há heterogeneidade dentro da imigração, também há no grupo de imigrantes cidadãos do norte europeu e de países terceiros, que emigraram após o término de sua vida laboral por motivações diversas.

No Capítulo 3 delineamos a nossa abordagem metodológica e contexto da investigação. Como se trata de estudar o caso específico dos reformados brasileiros que fixaram residência em Portugal, optamos por uma abordagem qualitativa, assentada no levantamento de dados por meio de 21 entrevistas *semiestruturadas* (com perguntas abertas e com um formulário sociodemográfico complementar), aplicadas a uma amostra ilustrativa da população imigrante brasileira reformada que reside em Portugal. Na primeira fase, foi realizada a revisão de literatura existente sobre a matéria, métodos de pesquisa e a elaboração do guião de entrevista, assim como o tratamento dos dados disponíveis em fontes documentais, nomeadamente as produzidas pelo Instituto Nacional de Estatística (Censos e Estatísticas Demográficas) e as bases de dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Na segunda fase, estabelecemos contatos com as pessoas que aceitaram participar da pesquisa por meio de mensagens de *WhatsApp* e/ou pelo *Messenger*. A amostra foi obtida de forma intencional, os participantes foram contactados por meio da rede de relacionamentos de amigos próximos da pesquisadora e de grupos da rede social *Facebook* para os imigrantes brasileiros em Portugal. Em seguida, utilizou-se amostragem por efeito *snowball*, ampliada através de contatos de grupos de *WhatsApp*. A terceira e quarta fases consistiram na realização das entrevistas, transcrição, codificação e análise.

No Capítulo 4, apresentamos a análise e discussão dos resultados. Para melhor clarificar e identificar as motivações dos reformados brasileiros em emigrar para Portugal, assim como desvelar o processo migratório, este capítulo divide-se em sete subtemas: (1) O perfil sociodemográfico dos entrevistados; (2) A decisão migratória e as motivações (3) A escolha de Portugal como país de destino; (4) A chegada em Portugal: a importância das redes sociais; (5) Expectativas *versus* realidade: as imagens sociais dos portugueses e de Portugal; (6) As práticas transnacionais e os contatos com o lugar de origem; e, (7) Perspectivas futuras (ficar/reemigrar/retornar). Concomitantemente à análise dos dados, a discussão dos resultados objetiva confrontar os dados obtidos com o enquadramento teórico e os estudos empíricos apresentados na revisão de literatura, a fim de tecer considerações tanto sobre as motivações que impulsionaram os reformados brasileiros a fixar residência em Portugal como analisar o

processo de decisão migratória; a escolha deste país como local de destino, do concelho e questões relativas a inserção na comunidade portuguesa, assim como suas expectativas e confronto com a realidade ao sentir-se migrante e as perspectivas futuras.

Por último, nas conclusões, considerando os objetivos a serem alcançados, procuramos responder à questão de partida, assim como fazer algumas considerações e recomendações para próximos estudos.

Capítulo 1 - Migrações internacionais de reformados: enquadramento teórico

1.1 Nexos entre teorias migratórias e migrações de reformados

A migração não é um fenómeno novo. As suas diferentes manifestações resultam da evolução da dinâmica migratória que remonta aos primeiros períodos da história humana, sendo considerado um dos eventos demográficos mais importantes (O'Reilly, 2012). King (2012a:4) considera que “o instinto itinerante é intrínseco à natureza humana: a necessidade de procurar alimentos, pastagens e recursos; o desejo de viajar e explorar; mas também para conquistar e possuir”. De acordo com Castles (2010), a migração refere-se ao ato de residir em lugar distinto do local de origem durante um período mínimo de tempo, como exemplo de seis meses a um ano. O processo migratório pode ocorrer no âmbito de um mesmo país (migração interna), ou através das fronteiras dos Estados-nação (migração internacional).

O ponto de partida da constituição teórica em torno da temática sobre migração em muito deve-se reconhecer o contributo de Ernest George Ravenstein (1852-1913), sendo por isso considerado o primeiro autor da teoria económica neoclássica da migração, nas suas versões micro e macro¹ (King, 2012a; Nolasco, 2016). Fundador do modelo de repulsão-atração (*push and pull*), que “espelha o princípio do *homo economicus* que também influenciou a sociologia e a demografia, entre outras disciplinas” (Pinho, 2012:29), “coloca em confronto dois lugares com patamares de desenvolvimento socioeconómico desiguais” e “tendem a atribuir às áreas emissoras características opostas às que se observam nos países receptores” (Nolasco, 2016:16-17). Todavia, Russel King (2012a:12), destaca que na historiografia da migração, as leis² formuladas por Ravenstein são “economicamente determinísticas”, “metodologicamente individualistas” e “terrivelmente antiquadas”, e que “realmente não são leis, mas generalizações empíricas, com base nos cálculos britânicos” do geógrafo inglês e “outros censos da época”. Além disso, tais generalizações tratavam “mais sobre a migração interna do

¹ Inspiração calcada em mecanismos causais de natureza económica encontra-se, também, na macroteoria neoclássica (Harris; Todaro, 1980; Lewis, 1963). Essa perspectiva teórica afirma que a migração internacional é causada pelas desigualdades geográficas na oferta e na demanda de trabalho. Para a microteoria neoclássica (Sjaastad, 1980; Todaro, 1980), os indivíduos racionais decidem migrar, porque esperam obter um retorno líquido positivo, geralmente monetário, desse movimento: dada a qualificação que possuem, migrantes potenciais estimam os custos e benefícios de se deslocarem para outros países e transferem-se, em determinado horizonte temporal, para onde os retornos líquidos, descontados os retornos esperados, são maiores. (Soares, W. (2002). Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Ouro Preto, MG, Brasil, 1-27)

² São 7 as leis apresentadas por Ravenstein em 1885: 1) A maior parte dos migrantes percorre uma curta distância, dirigindo-se de preferência para os centros de comércio e da indústria; 2) O processo de atração para uma cidade em rápido crescimento inicia-se pelas suas zonas circundantes, e progressivamente estende-se para lugares mais remotos; 3) O processo de dispersão é o inverso do de atração; 4) Cada corrente principal de migração produz uma contracorrente compensadora; 5) Os migrantes provenientes de longas distâncias preferem os grandes centros de comércio e da indústria; 6) As pessoas das cidades migram menos do que as das zonas rurais do país; 7) As mulheres são mais migratórias do que os homens (Ravenstein, 1885: 198-199)

que internacional”. Este modelo, que reflete o paradigma da economia neoclássica, dominou o pensamento migratório até a década de 1960 (King, 2012a).

Na década de 1960, o demógrafo norte-americano Everett Lee introduziu novos elementos no modelo de *atração-repulsão* de Ravenstein. Lee defendeu a tese “que se deve ter em conta a existência de obstáculos intervenientes” (a distância entre os locais que encarecem o deslocamento; as barreiras burocráticas e as políticas migratórias) e “fatores pessoais (idade, a escolaridade, a relação conjugal, entre outros) que também interferem na decisão de migrar”. Esses fatores - que podem capacitar ou ser fator impeditivo na escolha em migrar – propiciam uma melhor compreensão que “perante contextos geográficos, sociais e económicos similares, existam indivíduos que migrem enquanto outros optam por não o fazer” (Castro, 2012:206).

Limitando-nos à migração internacional ou transnacional³ – fenómeno diversificado e complexo - torna-se difícil encontrar uma única teoria capaz de fornecer uma explicação satisfatória e abrangente para justificar o deslocamento de pessoas para além das fronteiras dos Estados (King, 2012a; Massey et al., 2006:34; Brettell & Hollifield, 2000:5). Há uma variedade de perspectivas e fatores que poderiam explicar as causas da migração internacional.

As teorias de migração podem ser classificadas de acordo com seu nível de abordagem (micro/macro), a sua postura analítica (controle ou perpetuação da migração) e o seu papel nas dinâmicas de globalização: fenómeno mais ou menos autónomo determinado por diferentes fatores ou parte de dinâmicas mais vastas, como os processos de desenvolvimento ou estruturas de poder. (Castro et al., 2015:12)

De forma resumida, a *European Commission*⁴ enumerou as principais teorias desenvolvidas por especialistas nos estudos das migrações que explicam as motivações que impulsionam a decisão de migrar:

- (1) Economia neoclássica (sobretudo os incorporados no modelo de *push-pull*) - considera a decisão de migrar como uma ação individual, racional, cujo objetivo do agente é deslocar-se das sociedades onde a oferta de trabalho é abundante e os salários são baixos, para as

³ As migrações internacionais são um fenómeno dinâmico e em expansão, que duplicou nos últimos 25 anos, apesar de, enquanto proporção de toda a população mundial, continuar a ser relativamente modesto, cerca de três por cento. (Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais (2005). As migrações num mundo interligado: novas linhas de ação. *Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 5).

⁴ Disponível em <https://ec.europa.eu/jrc/sites/jrcsh/files/theoriesofmigration2.pdf>

sociedades onde o trabalho é escasso e os salários são altos, o que implica considerar que ganhos mais elevados a longo prazo compensam o custo e o risco de migrar (vide Peixoto, 1998:48; Hodgson, 1994; Nolasco, 2016).

- (2) Nova economia das migrações laborais (variação da teoria neoclássica) ou teoria do capital humano⁵ – caracteriza-se pela decisão coletiva no processo migratório, especialmente dentro das famílias. Membros da família podem ser incentivados a migrar para mitigar riscos e diversificar rendas para a família inteira na forma de remessas (ver Stark 1991; Lucas & Stark 1985; Stark & Bloom 1985; Taylor 1999; Massey et al. 1998). Considerando que o objetivo da migração é o investimento no capital humano, a educação (formação acadêmico-profissional) está no cerne da motivação de migrar, o que justifica a predominância de pessoas mais jovens nos fluxos migratórios (Castro, 2016:87).
- (3) Mercado de trabalho duplo ou segmentado - esta teoria justifica o movimento migratório a partir da necessidade por mão de obra em economias desenvolvidas, que atraem os migrantes independentemente das condições de trabalho ou salariais nas sociedades de origem. Na economia receptora, o mercado de trabalho é segmentado: o cidadão nativo tem acesso a carreiras, melhores salários e condições de trabalho seguras; os migrantes são canalizados para setores de trabalho intensivo ou terciário que proporcionam empregos precários, baixos níveis salariais e condições de trabalho perigosas (vide Piore, 1977 e 1979; Portes, 1981; Massey et al., 1993; Castro, 2016). A teoria das “cidades globais” representa uma das explicações mais interessantes, uma vez que defende a tese que “estes polos urbanos dominam não apenas o sistema internacional como são responsáveis pela atracção (migratória) de uma mão-de-obra crescentemente dualizada: profissionais de topo e trabalhadores desqualificados” (Peixoto, 1998:62).
- (4) Sistema-mundo – esta teoria enfatiza a migração de áreas em desenvolvimento periféricas para os principais centros capitalistas desenvolvidos, e justifica que os “mecanismos, que levam a uma dada localização dos estabelecimentos humanos, conduzirão, por sua vez, a movimentos populacionais (migratórios) concretos” (Peixoto, 1998:59). Embora os estudos desta teoria tenham abordado especificamente as diferenciações regionais no âmbito nacional (Wallerstein⁶, 1979; Peixoto, 1998:61), uma grande variedade de pesquisas foram

5 Haas refere o contributo da nova economia das migrações laborais que emergiu durante os anos 1980 e 1990 no contexto americano em contraponto às teorias neoclássicas, características do primeiro período otimista face às migrações, e estruturalistas, características do período pessimista. (<https://www.om.acm.gov.pt/-/remessas-e-migracoes>)

6 Wallerstein (1974) classificou os países de acordo com seu posicionamento dentro da economia de mercado global: os poderes capitalistas dominantes (América do Norte, Europa, Japão, Austrália e Nova Zelândia) constituíram o 'núcleo' sobre o qual os países pobres da 'periferia' tornaram-se inteiramente dependentes através de laços assimétricos de comércio, penetração de capital e migração. Uma “semiperiferia” consistiu em países intermediários em termos de sua riqueza e status interdependente dentro desta 'nova divisão internacional do trabalho' ou NIDL (Froebel et al. 1980) (King et al., 2012a: 18)

aplicadas a uma dimensão internacional (Massey et al. 1993:444), cujo “argumento mais conhecido é o das teorias do sistema-mundo” (Peixoto, 1998:61).

- (5) Sistemas e redes (ou teoria do capital social) – esta teoria (desenvolvida por autores como Thomas e Znaniecki, Douglas Massey, James Coleman e Pierre Bordieu) se concentra no nexos entre as pessoas na origem e no destino, sendo conceituada como “conjunto de vínculos interpessoais que conectam migrantes, não migrantes e antigos migrantes em teias de parentesco, amizade e origem compartilhada” (King, 2012a:20). Os movimentos migratórios estão frequentemente interligados entre países emissores e receptores que possuem relações comerciais e culturais de longa data. Russel King (2012a:22) observa que “existem três tipos principais de redes de migrantes: redes familiares e pessoais, redes de trabalho e redes de migrantes ilegais” (Boyd & Nowak, 2012). E acrescenta que “esses autores também destacam o caráter de gênero de todas as redes, e o papel frequentemente ativo das mulheres no desenvolvimento e manutenção de redes pessoais”. A visão dominante nos estudos da teoria de sistemas e redes destaca o papel do capital social nas funções de fornecer informações e contatos, dirigir os migrantes para destinos específicos, onde a ajuda sobre a habitação acomodação, encontrar um emprego, assistência financeira e outros tipos de apoio estão disponíveis, assim como tendem a ter um efeito multiplicador e a perpetuar a migração (King, 2012a; Arango, 2004; Castro, 2016). Massey et al. (1993:448) destacam que “as ligações dentro da rede conexões constituem uma forma de capital social que as pessoas podem recorrer para obter acesso ao emprego no estrangeiro”. A Internet potencializou a mobilização de capital social e do entrelaçamento das redes pelos migrantes. A *web* “potencializa o aumento e o crescimento do capital social” (Pinho, 2015:98). Por meio de diferentes aplicativos disponibilizados pela Internet (*Facebook, Facetime, Skype, Instagram, WhatsApp, YouTub, TransferWise*, entre outros), o potencial migrante tem acesso a grupos de interesse, informações, realização de transações económicas (bancárias, imobiliárias, entre outras). As novas tecnologias de informação permitem, de modo geral, minorar os custos e o tempo no processo de planeamento migratório. Por outro lado, a *web* tem exercido papel importante ao minimizar as distâncias entre migrantes e quem permaneceu, assim como permitir a integração entre os atores no local de acolhimento.
- (6) Institucional – o desequilíbrio entre o aumento do número de pessoas que desejam migrar e as políticas restritivas dos países desenvolvidos no que toca a entrada e permanência nos países de destino contribuiu para o surgimento de uma economia migratória envolvendo

diferentes atores, que vão desde advogados de imigração, viagens e agências de recrutamento, aos contrabandistas (Massey et al., 1993).

As principais abordagens que buscam explicar as causas da migração internacional têm demonstrado que não há uma única teoria que capta a plena complexidade das migrações (King, 2012a:24). A migração é uma realidade multifacetada e sua dinâmica abrange uma complexidade substancial e imediatismo em termos de seus efeitos na vida das pessoas (Carling & Collins, 2017). Contempla diferentes dimensões da experiência humana, não devendo, portanto, ser estudada de forma isolada, mas de forma interdisciplinar e considerando os fenômenos mais amplos de mudanças e transformação sociais (Castles, 2010; Faist, 2010; Portes, 2010).

O apetite pela busca de uma teoria de máximo alcance da migração diminuiu, juntamente com a crescente diversidade de fluxos migratórios na nova economia política global da nova ordem mundial. (...) a natureza mista dos fluxos migratórios, e as diversas motivações de muitos indivíduos para migrar, como o migrante estudante/trabalhador, o turista/migrante, o migrante/comerciante, e assim por diante (Van Hear, 2010:1535; King, 2012a:24).

Castles e Miller, na sua obra *The Age of Migration*, apontam que dentre as tendências ao nível das migrações internacionais encontra-se a diferenciação das migrações, ou seja, “a maioria dos países não tem apenas um tipo de migrações, como as migrações laborais, refugiados ou outros, mas vários tipos em simultâneo” (Rodrigues & Ferreira, 2014:137). O século XXI (*A Idade de Migração*) “tem visto uma proliferação de novos tipos de migração e mobilidade internacional”; “o pós-fordismo, a compressão do espaço-tempo e a incorporação da migração e da mobilidade nas forças da globalização e a nova ordem mundial introduziram novas formas de mobilidade” (King, 2012a:9).

(...) cada vez mais os países são simultaneamente países de origem, destino e transição (Swing, 2013; Munz, 2013, entre outros) e cada vez mais desempenham um papel central na gestão de fluxos que, comandados por diversas variáveis, são difíceis de prever (Castro et al., 2015:14).

Desde a primeira metade da década de 1990 (e, talvez até um pouco antes, na década anterior), os estudos de migração têm sido direcionados para abordagens baseadas na “virada cultural” nas ciências sociais, a partir de “novas perspectivas decorrentes da sociologia qualitativa,

antropologia, geografia humana e estudos culturais” (King, 2012a:24). No âmbito da geografia humana (de inclinação quantitativa), os geógrafos culturais redirecionam suas pesquisas para uma abordagem qualitativa, contribuindo para uma nova versão nas causas dos fluxos migratórios e uma melhor compreensão da experiência migrante (King, 2012a). A investigação geográfica, “através do seu pluralismo metodológico e epistemológico e abordagens multiescala”, tem trabalhado no sentido de fornecer “uma análise espacialmente sensível da crescente diversidade de mobilidades” (Sampaio et al., 2018:441).

Eles incluem o foco no transnacionalismo; críticas feministas e análises de gênero na migração; emoções e migração; o tempo de migração; e esforços para explorar as infraestruturas que apoiam os processos de migração (Carling & Collins, 2017: 912)

Há uma vertente emergente nos estudos migratórios que “investiga os processos interrelacionados entre envelhecimento e migração transnacional”, a fim de obter uma melhor “compreensão do envelhecimento nos contextos transnacionais” (Näre et al., 2017:2; Karl & Torres 2016; Walsh & Näre 2016; Baldassar, Wilding & Boccagni 2017; Ciobanu, Fokkema & Nedelcu 2016; Ciobanu & Hunter, 2017; Horn, Schweppe & Seong-Gee, 2013). Neste sentido, Sampaio, King & Walsh (2018:440) enfatiza a importância das pesquisas (no âmbito da geografia humana) que objetivam compreender o “nexo entre o envelhecimento e a migração” ao examinar “as intrincadas relações entre envelhecimento, migração, espaço e lugar”.

(...) estudos recentes têm atraído a atenção para uma variedade de preocupações geográficas e espaciais. Estes incluem o entrelaçamento das dimensões social e cultural, e biológica e fisiológica, do envelhecimento e da vida posterior; o desafio de incorporar tempo e espaço/temporalidade nas discussões sobre o envelhecimento e o potencial de abordagens relacionais e não representacionais para a idade e o envelhecimento no âmbito da geografia (Sampaio, King & Walsh, 2018: 441).

Embora as teorias da migração possam ser rastreadas até Ravenstein (1889), os estudos da migração de pessoas mais velhas e reformadas geralmente estão associados com as pesquisas de Cribier, Duffau e Kych (1973), na França; e de Karn (1977) e Brearley (1978), na área costeira da Inglaterra, no final dos anos 1960 (Wong & Musa, 2013:142). Ainda assim, Breuer (2005:315) destaca que a “migração de reformados não pode ser explicada por meio de concepções teóricas neoclássicas, segundo as quais as migrações são definidas por

considerações económicas”. Todavia, o modelo *push-pull* de Lee (1996) – que introduziu novos elementos à teoria de Revenstein (1889) - foi adotado por Sunil, Rojas & Bradley (2007), Balkir & Kirkulak (2009), entre outros, para examinar a migração internacional de reformados (Abdul-Aziz et al., 2014:204).

As pesquisas sobre movimentos internacionais de reformados iniciaram-se apenas em meados da década de 1990. Em um primeiro momento, os estudos estavam voltados para analisar a mobilidade de indivíduos que, após encerramento de suas atividades laborais, migraram para áreas rurais da França (Casado-Díaz et al., 2004: 354). Na sequência, Warnes, King & Williams (Williams et al., 1997; King et al. 1998; Warnes et al., 1999) estenderam suas pesquisas no campo da migração internacional de reformados da Europa do Norte e da Europa Ocidental, o que permitiu uma melhor compreensão dos fluxos migratórios de pessoas que se deslocam após a reforma ou em idades próximas à reforma, notadamente de grupos oriundos do norte da Europa e das Ilhas Britânicas em direção ao sul do continente europeu (Torkington, 2010; King, Warnes & Williams, 2000; Williams, King, Warnes & Patterson, 2000).

O debate acerca da migração de pessoas “mais velhas”, em termos gerais, buscou examinar a identidade e o comportamento dos imigrantes que envelheciam no país de acolhimento, incluindo a probabilidade desses migrantes retornarem ao seu país de origem (Baykara-Krumme, 2013; Bolzman, Fibbi & Vial, 2006; Bolzman, Kaeser & Christie, 2016; de Coulon & Wolff, 2010; De Haas & Fokkema, 2010; Ciobanu et al., 2016). Outros estudos incidiram sobre a migração internacional de reformados (IRM), procurando apurar a mobilidade de indivíduos mais velhos que se deslocavam do Norte ao Sul da Europa – de forma permanente ou de forma sazonal - em busca de melhor clima e qualidade de vida (Ciobanu et al., 2016). Nesse seguimento, King, Warnes & Williams (1998, 2000) direcionaram suas pesquisas principalmente sobre a “distribuição geográfica, motivações, características, estilos de vida e experiências dos migrantes internacionais reformados” (Ciobanu et al., 2016:166). Mais recentemente, as pesquisas têm se voltado para análises do impacto social dessa mobilidade dos migrantes idosos, buscando compreender a interação destes grupos com a comunidade de acolhimento e sua incorporação transnacional (Gustafson, 2008; Ciobanu et al., 2016).

Em relação ao movimento migratório internacional contemporâneo, monitorado por organizações internacionais, que enfatizam as novas tendências na mobilidade humana, Croucher (2012:2) chama a atenção para a lacuna existente no “movimento de indivíduos

relativamente ricos de países bem desenvolvidos no norte global” em direção aos países “economicamente menos desenvolvidos do sul global”, entre os quais “muitos desses migrantes são reformados”.

No que tange a abordagem cultural nas ciências sociais, cabe ressaltar o enquadramento da migração internacional como um processo transnacional, destacando-se os estudos pioneiros das antropólogas Glick Schiller et al. (1992) e Basch et al. (1994), espalhando-se posteriormente pelas ciências sociais, particularmente na sociologia e na geografia, notadamente nos estudos de Portes (1999; também Portes et al. 1999), Vertovec (1999, 2004), entre outros. Nessa perspectiva, Monsutti (2010) afirma que o transnacionalismo é uma tendência de fluxos migratórios complexos e múltiplas relações sociais através das fronteiras. Jeffery & Murison (2011:136), citando os estudos de Steven Vertovec & Vijay Agnew, chamam a atenção para o movimento transnacional dos migrantes, que se caracteriza por uma dupla orientação (bifocal), envolvendo as sociedades de origem e receptora (Vertovec, 2004a) e por uma consciência dual daqueles que compartilham raízes em multilocalidades (Agnew, 2005).

As atividades transnacionais desenvolvidas pelos imigrantes criam formas distintas de capital social entre os que migram e aqueles que permanecem em casa, propiciando transferências de significados e práticas socioculturais entre espaços diferenciados. Jeffery & Murison (2011:136), vê o transnacionalismo como múltiplas conexões de “transitórios permanentes” que “mantêm não apenas interesses comerciais e propriedades, mas também membros da família em vários locais - que são os geradores ou os destinatários das remessas - e estão interconectados através de redes sociais e matrimoniais”. Marques & Góis (2007:25) destacam que a “manutenção de relações dos migrantes com o seu país de origem constitui uma característica comum à generalidade dos processos migratórios”.

A abordagem transnacional é fundamental para reconfigurar a nossa compreensão dos fatores que estimulam a migração, uma vez que salienta a forma como os processos de migração, a incorporação em novos contextos e a criação e manutenção de ligações à pátria e a outros locais ocorrem simultaneamente e mutuamente informam uns aos outros (Carling & Collins, 2017:912).

King (2012a:25) argumenta que a abordagem transnacional na reformulação das teorias da migração tem seu mérito ao questionar “o modelo linear *push-pull*, sem retorno”; assim como

porque “baseia-se nas teorias das redes de migração” e por colocar “uma grande questão sobre o extenso corpo de literatura dedicada à integração/assimilação de migrantes nos países de acolhimento”. Em contrapartida, advertem para o “perigo de exagerar a importância da abordagem transnacional para a migração e de assumir que todos os migrantes internacionais conduzem “vidas transnacionais” ou ocupam “espaços sociais transnacionais”, uma vez que “isso se aplica apenas a uma minoria de migrantes” (Faist, 2000); Portes, 2003).

No caso específico da migração internacional de reformados, pesquisas acadêmicas demonstram como estes “constroem redes sociais em suas novas comunidades de residência e as estratégias adotadas para manter laços estreitos com seus amigos e parentes em seus países de origem” (Casado-Diaz et al., 2014:128). As redes sociais estabelecidas nos países de acolhimento proporcionam aos reformados uma comunidade informal de autoajuda e reciprocidade. Quando o migrante encontra dificuldades nas áreas receptoras em estabelecer uma ponte de ligação com a comunidade local, seja por questões de diferenças culturais (idioma, competências e qualificações profissionais) ou mesmo pela barreira imposta pela comunidade receptora (indivíduos não receptivos, preconceitos, e outros), há uma tendência do migrante reforçar os laços com seu país de origem e com seus compatriotas que estejam habitando o mesmo espaço (Casado-Diaz et al., 2014).

As práticas transnacionais dos migrantes reformados, regra geral, diferem daquelas realizadas por migrantes laborais. Os recursos econômicos, a não vinculação a uma atividade profissional e a permanência legal no país de destino são fatores que possibilitam, com certo privilégio, acesso aos meios tecnológicos, de comunicação e a livre circulação nas fronteiras, o que permite um maior e frequente contato com seu local de origem. Essas práticas podem assumir várias formas, como telefonemas regulares que o imigrante faz para os seus familiares no país de origem, a transferência de dinheiro por meio de transações bancárias oficiais ou plataformas *online*, que, em termos gerais, envolvem os imigrantes em atividades que ultrapassam as fronteiras nacionais como parte de suas rotinas diárias envolvendo dois espaços distintos. Práticas só possíveis, na escala de hoje, graças aos avanços das tecnologias de transporte e comunicação ao longo das últimas três décadas.

1.2 Globalização, envelhecimento e migração de reformados

A globalização e o processo de envelhecimento da população mundial trouxeram uma novidade aos fluxos migratórios internacionais: o deslocamento de migrantes reformados para um novo país.

Fonseca (2012:179) afirma que:

Chega-se a imigrante idoso por duas vias: ou envelhecendo no país para onde um dia se foi viver sem regresso definitivo ao país de origem, ou pela deslocação para um novo país, geralmente após a reforma, gozando aí a fase do ciclo de vida coincidente com a velhice.

É possível situar a origem da mobilidade internacional de reformados nos movimentos sazonais de contingentes populacionais que se deslocavam - durante o século XVIII - do Norte da Europa em direção aos *resorts* localizados nas praias do Mar Mediterrâneo. A região da Toscana (Itália) atraía os turistas britânicos desde o século XVII (King, Warnes & Williams, 2000).

Até a década de 1990, as pesquisas acerca da migração de reformados estavam voltadas quase que “exclusivamente para as migrações internas em países europeus, nos Estados Unidos e Austrália” (Warnes & Williams; 2006:1262). Na Europa, como exemplo, a migração internacional de reformados está, em algumas ocasiões, associada ao turismo residencial⁷ porque há uma certa tendência em “equiparar migração e turismo como formas de mobilidade humana” e o turismo como um “suporte para o recrutamento” de migrantes reformados (Rodriguez, 2004; Rodriguez; 2001). A literatura tem discutido acerca do papel do turismo no alargamento de potenciais lugares como destino de migrantes reformados (Casado-Diaz et al., 2004; King et al., 2000; O'Reilly, 2003).

O recente e rápido crescimento da migração de pessoas mais velhas, verificado notadamente no final do século XX, tem sido atribuído ao aumento da expectativa de vida e reforma precoce; ao aumento de renda das pensões; acumulação de experiências turísticas; aos níveis mais altos de educação; à mudanças no curso de vida; viagens internacionais mais rápidas e mais baratas;

⁷ A expressão surgiu nos anos setenta (séc. XX) para explicar as mudanças sociais ocorridas em Málaga, como resultado da venda de terra agrícola para, mais tarde, serem utilizadas na construção de atrações turísticas que foram adquiridas por aposentados do norte da Europa. Posteriormente, os termos são cunhados por outros pesquisadores no contexto das regiões turísticas do norte do Mediterrâneo, onde eles misturam atividade econômica relacionada a imóveis, turismo e novas formas de migração e residência (Huete, Mantecón, & Mazón, 2008).

e da expansão das telecomunicações (Casado-Díaz, Kaiser & Warnes, 2004:354; Casado-Díaz, 2009).

Por outro lado, ao analisarmos a relação entre a migração e o processo de globalização, Padilla (2009:29) afirma ser “impossível pensar no fenómeno da migração estando desligado do processo mais amplo que define o presente: a globalização”. O desenvolvimento nos meios de transporte e sua consequente massificação; o acesso ao turismo, assim como a facilidade nas comunicações (televisão, internet, aplicativos *online*, etc.) contribuíram para ampliar e fortalecer o movimento migratório (Bowen, 2010). Sampaio (2011:20) destaca que a globalização económica ao fomentar a mobilidade laboral - notadamente da migração de mão-de-obra qualificada - “favoreceu, em primeira instância, a internacionalização das redes turísticas, nomeadamente através da visita a familiares e amigos e, num momento posterior, a procura de espaços de residência sazonal e/ou permanente”. De fato, como bem referem Warnes & Williams (2006:1267), a “facilidade e o baixo custo das viagens internacionais” favoreceram a maior mobilidade de pessoas idosas e, como consequência, possibilitaram a obtenção de “oportunidades residenciais, redes sociais e direitos de bem-estar em mais de um país”.

King, Lulle, Sampaio & Vullnetari (2016:2) enfatizam que o processo de globalização e consequente transnacionalização da vida familiar “cria novos fenómenos sociais na intersecção do envelhecimento e da migração”. Em sua revisão de literatura concluem que o entrelaçamento das trajetórias de migração e envelhecimento permite categorizar diversas situações que afetam a vida do migrante idoso. King e colaboradores categorizaram seis situações: (1) idosos que “são deixados para trás” em consequência da emigração de seus filhos e, portanto, tornam-se dependentes de remessas financeiras, apoio e cuidados a longa distância; (2) idosos que migram para acompanhar os filhos (reivindicando direitos como ascendentes quando as barreiras legais não impõem restrições à migração de pais idosos) ou simplesmente para acompanhar seus filhos que migraram ainda jovens por motivos profissionais, estilo de vida ou casamento; (3) migração de reformados (referidos na literatura como migração internacional para reforma – IRM⁸), que migram independente de suas famílias, cujos

⁸ IRMs são geralmente relativamente ricas, pessoas ativas e saudáveis cuja migração ocorre quando eles ainda estão no estágio mais jovem de sua idade mais avançada (*young old*) e, às vezes, mesmo antes da aposentadoria. Estes necessitam ainda desenvolver trabalho, seja para o país de origem, através de teletrabalho, seja no local de destino, normalmente através de autoemprego. A maioria dos estudos descreve esses migrantes mais velhos como aposentados ricos que normalmente migram como casais, trocando suas valiosas casas metropolitanas no norte da Europa e suas pensões ocupacionais por um estilo de vida descontraído em um ambiente agradável, em um clima mais quente. (King et al, 2016)

membros, regra geral, permanecem no país de origem; (4) migrantes na faixa de 50 a 60 anos (*young old*), que, embora em idade formal de reforma, não são contemplados pelo regime de pensões, motivo pelo qual se deslocam para outros países para trabalhar (geralmente em atividades de cuidadores de idosos reformados); (5) migrantes idosos que retornam ao país de origem após a reforma; (6) imigrantes que permanecem no país de acolhimento em situação de envelhecimento e na idade convencional de reforma. Acrescenta-se a situação do migrante idoso, que não atingiu a idade formal de reforma, mas “possui outros rendimentos que lhe permitem desenvolver um estilo de vida tipicamente de reformado” (Sampaio, 2011:11).

O deslocamento de pessoas mais velhas para um novo país é um fenómeno que está intrinsicamente ligado ao envelhecimento da população mundial. Segundo um relatório da *United Nations, Department of Economic and Social Affairs* (2017:1):

A população global com 60 anos ou mais atingiu a marca de 962 milhões em 2017, mais que o dobro dos dados registrados em 1980, quando havia 382 milhões idosos em todo o mundo. (...) Espera-se que o número de pessoas mais velhas dobre novamente até 2050, quando é projetado para chegar a quase 2,1 bilhões. (...) Dois terços dos idosos do mundo vivem em regiões em desenvolvimento, onde seus números estão crescendo mais rápido do que nas regiões desenvolvidas. Em 2050, espera-se que quase 8 em 10 dos idosos do mundo estarão vivendo em regiões em desenvolvimento⁹.

Toyota et al. (2006:30) consideram, também, que a migração de reformados tem estreita ligação com o ritmo acelerado do envelhecimento da população mundial, notadamente nos países europeus e em alguns países asiáticos (como exemplo: Japão, Coreia do Sul e Taiwan). Constitui uma megatendência que envolve a geração *baby boomer*¹⁰, nascidos entre 1946 e 1965 que estão atingindo a idade da reforma (Ashton & Scott, 2017). Uma geração de pensionistas¹¹ que “têm hoje menos filhos e noras, que não se sentem na obrigação de cuidar

⁹Dos 103 países de renda média com pelo menos 90.000 habitantes, há projeção de aumento de 78 por cento no número de pessoas mais velhas. Estima-se que as pessoas com 60 anos ou mais, triplicam até 2050 em 42% dos países de renda média. Uma estimativa maior existe para o Brasil, com a previsão de que até 2050, a população mais velha será composta por 29,6% da população brasileira. (*United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2017*).

¹⁰ É um termo usado para se referir a pessoas nascidas entre o período após a Segunda Guerra Mundial e até cerca de 1960, em que foi observado um aumento na taxa de natalidade nos países anglo-saxões e em alguns países europeus. Embora possa ser usado para se referir a uma geração globalmente, o termo é usado mais para descrever os nascidos nos Estados Unidos, devido ao tamanho relativo de sua população. Atualmente, o termo "Baby Boomers" ganhou grande importância, pois descreve uma numerosa geração que está fazendo a transição do setor produtivo para o aposentado. O rápido crescimento da última década de centros de saúde geriátricos e ocupações relacionadas ao atendimento de pessoas da terceira idade deve-se a uma demanda originada por essa mudança demográfica na população de alguns países. Além disso, para alguns dos aposentados desta geração, seu projeto de vida incluiu a migração para outro país. (BBVA, 2012)

¹¹ Consideram-se migrantes pós-reforma todos aqueles que, possuindo 55 ou mais anos, decidam deslocar-se (internamente ou ao nível internacional) em busca de amenidades, permanecendo no local de destino pelo menos metade do ano (King, Warnes e Williams, 1998, 2000; Rodríguez, Fernández-Mayoralas e Rojo, 1998; O'Reilly, 2000; Casado-Díaz, 2006 – citados por Sampaio, 2011:17).

dos idosos, e os regimes de pensões – embora longe de serem generosos – tornam possível para os idosos viver de forma independente”.

O envelhecimento da geração *baby boom* (ou *boomers*) representa uma mudança considerável na estrutura etária da população mundial, especialmente nos países industrializados. Constitui um grupo muito maior do que qualquer outro que veio antes, além de ter beneficiado “da prosperidade económica do pós-guerra, ter acesso a uma melhor educação, empregos estáveis, pensões generosas e capacidade de ser proprietário de um imóvel quando ainda se é jovem” (Frey, 2010:28). Os *boomers* “são especialmente significativos porque eles são a primeira geração na história humana a atingir essa idade com renda e significativa riqueza” (Chand & Tung, 2014:415).

Hugo (2003:111), ao comparar a geração *boomer* com as gerações anteriores, verificou que os “*baby boomers* são mais propensos a:

- (1) ter um patrimônio familiar cultural e etnicamente diverso, ser mais instruídos e ter realizado muitas viagens;
- (2) serem divorciados ou separados, ter pais vivos e menos filhos, e que estejam mais separados geograficamente deles;
- (3) viver mais, estar ciente de sua saúde e boa forma e ter acesso a melhores condições cirúrgicas e perícia médica, mas também são (em virtude de ter sobrevivido quando as gerações anteriores teriam morrido) mais propensos a ter doença ou incapacidade crônica;
- (4) ter alguma fonte privada de fundos de aposentadoria, mas provavelmente ter deixado a força de trabalho mais jovem (quer estejam ou não financeiramente preparados isso);
- (5) morar em um subúrbio de baixa densidade e mais propensos a viver sozinhos.”

A primeira parcela da geração *baby boom* atingiu a idade de 65 anos em 2011. A segunda - nascidos entre 1955 e 1965 - atingirá a idade de 65 anos e mais até 2020 a 2030. Constituída por uma geração mais saudável e, regra geral, mais rica do que as gerações anteriores, buscam desfrutar seus últimos anos de vida de forma mais plena e livre. Entretanto, os *boomers* apresentam uma diversidade considerável, uma vez que nem todos se encaixam no estereótipo de reformados privilegiados, com carteira de ativos financeiros capaz de proporcionar uma reforma confortável e voltada para o lazer. Muitos reformados necessitam continuar a trabalhar após a reforma, a fim de complementar suas rendas (Pinnegar et al., 2012).

No Brasil, como resultado das taxas de fecundidade verificadas nas décadas de 1945 e 1960 e da queda de mortalidade, espera-se que em 2050 aproximadamente 68,1 milhões de pessoas

atingam a idade de 60 anos, o que representa quase uma triplicação deste contingente entre 2010 e 2050 (Camarano, 2014).

O envelhecimento foi identificado como uma das quatro "megatendências" chave que moldarão o mundo em 2030 como um dos cinco principais riscos globais na próxima década (Chand & Tung, 2014:410).

A experiência da velhice é cada vez mais moldada pela migração e pelas práticas transnacionais (Horn & Scheppe, 2017; Karl & Torres, 2016; Walsh & Näre, 2016). Cada vez mais pessoas, que chegam aos 65 anos, estão longe do declínio de suas capacidades físicas e mentais, o que desvincula as condições de reformado e de idoso (Machado & Roldão, 2010:22).

Uma importante característica do envelhecimento populacional global - que pode até mesmo ter contribuído para a migração das pessoas mais velhas – é o modo de vida desses “novos” idosos. Estimava-se que em 2010, aproximadamente, 40 por cento das pessoas com 60 anos ou mais viviam de forma independente (sozinhas ou apenas com o cônjuge), embora tenham sido observadas diferenças entre as regiões (United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2017)¹².

A migração internacional e o envelhecimento populacional, portanto, são dois processos que mudam identidades e sociedades em todo o mundo (Näre et al., 2017).

1.3 Migração internacional de reformados: quais as motivações?

Os estudos de migrações – intranacionais ou internacionais – reconhecem que as pessoas tendem a migrar nos primeiros anos de sua vida adulta. Não obstante, existe um grupo – embora menos numeroso – de migrantes que decidem mover-se para outros lugares após encerrar sua vida laboral. As motivações deste grupo diferem daquele que decide deslocar-se ainda no início da vida adulta (busca de emprego e outras oportunidades). A migração internacional de reformados constitui, portanto, um processo de migração altamente seletivo, que exige investimento com despesas de moradia, saúde e cuidados. Regra geral, são migrantes bem-vindos pelas autoridades e empresas dos países receptores, pois trazem poder de compra por

¹² Mais de 70% de idosos na Europa e na América do Norte viviam de forma independente por volta de 2010, para 33 por cento das pessoas na América Latina e no Caribe, 27 por cento na Ásia e apenas 20 por cento na África. Exclui residências de grupo, como instalações de enfermagem, dormitórios ou prisões. (United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2017: 17 e 19)

meio de suas pensões. É um tipo de migração que se caracteriza pelo consumo; e os recursos financeiros desse grupo migrante são destinados, entre outras coisas, aos prestadores de serviços, ao comércio e aos proprietários de imóveis (Warnes & Williams, 2006).

Na reforma, os ganhos não são gerados através da participação em um determinado mercado de trabalho no país de acolhimento, e as escolhas residenciais não são mais determinadas pelo emprego atual. Maior liberdade individual de escolha residencial permite uma gama de estratégias a serem consideradas pelos reformados, incluindo a escolha de residir em diferentes países ao longo do ano. (de Coulon, 2016:6)

Sampaio (2011:11) salienta que o “conceito de migrante reformado não é consensual, sendo possível encontrar diversas abordagens, que conferem relevância a dimensões distintas”. É o tipo de migração que integra uma categoria de “mobilidade pelos padrões de consumo”. Diferentemente dos migrantes adultos mais envelhecidos que, embora ainda em fase laboral estejam inseridos em uma categoria de migrantes *lifestyle*, os reformados não dependem das “oportunidades de trabalho ou da estrutura local”.

Em decorrência do aumento do contingente da população idosa (notadamente nos países desenvolvidos), intensificaram-se as pesquisas - desenvolvidas sobretudo na segunda metade do século XX - voltadas para a migração internacional de pessoas mais velhas (próximas da idade de reforma) e reformados – IRM¹³ (Abdul-Aziz et al., 2014). Entre os principais fatores de atração determinantes deste tipo de migração destacam-se:

(...) a procura de novas experiências e relações em busca de um clima mais ameno que possibilite viver mais tempo ao ar livre, aproveitando todas as possibilidades de vida ativa daí decorrentes (Fonseca, 2012: 180).

(...) reforma, estado de saúde, procura por suporte e reunião familiar, viuvez e busca por residência em locais que apresentam “amenidades”, como clima agradável, baixo custo de vida, segurança e instituições de saúde (Campos & Barbieri, 2013:570).

(...) “migrantes em busca de amenidades” ou “migrantes de estilo de vida” que escolhem essa opção quando se reformam. Buscando uma melhor qualidade de vida, os idosos dos países mais ricos se mudam para outros países com condições climáticas mais agradáveis, paisagens atraentes e várias opções de atividades de lazer (Bender, Hollstein & Schweppe (2018:98).

13 O IRM implica não apenas um movimento de não trabalhadores (aposentados), mas também uma mudança de serviço e solicitantes de cuidados que precisam de pessoas para trabalhar para eles, especialmente nos campos de trabalho doméstico, tratamento médico e cuidado com os idosos.

Na experiência europeia (especialmente os estudos desenvolvidos por King, Warnes & Williams, 1998) sobre reformados britânicos nas regiões do sul da Europa) destacam-se dois aspectos fundamentais da migração internacional de reformados:

Primeiro de tudo este tipo de migrações, comparadas às de outras idades e àquelas relacionadas e medidas com motivações laborais ou necessidades económicas, são vividas como uma experiência positiva e enriquecedora, mesmo com bastante antecedência, por indivíduos suficientemente saudáveis e com a experiência de viagens necessárias para que o movimento não envolva estresse. (Puga, 2001:257)

Teorias convencionais acerca da migração internacional de reformados afirmam que o foco desse tipo de movimento é a busca por amenidades naturais e oportunidades de lazer. Os destinos são muitas vezes valorizados devido aos contrastes existentes entre os locais de origem e o lugar de acolhimento, seus ambientes naturais e culturais significativos, que possam oferecer uma melhor qualidade de vida. Os atores envolvidos são migrantes relativamente ricos, que possuem bens e recursos financeiros (rendas, pensões e poupança), juntamente com o privilégio de posse de passaportes de países relativamente poderosos e/ou concessão de vistos que oferecem oportunidades de escolha de destinos (Bolender, 2010; Benson & O'Reilly, 2015). As áreas de frequentes visitas turísticas e o investimento em uma segunda casa¹⁴ podem influenciar decisões de onde viver no pós-reforma (Bolender, 2010; Wong & Musa, 2013; Balkir & Kirkulak, 2009; Breuer, 2005; Casado-Díaz, Kaiser & Warnes, 2004; Gober & Zonn 1983; McHugh 1990; Müller 2002). A posse de uma segunda casa constitui um reflexo do capital excedente dos migrantes internacionais de aposentadoria e o desejo de deslocar-se para países que ofereçam uma melhor qualidade de vida (Abdul-Aziz et al., 2014).

No entanto, os argumentos que justificam essa visão não consideram as diferentes razões pelas quais os migrantes em idade mais avançada se movem (Bolender, 2010). Nem sempre a escolha do local acompanha os sonhos e aspirações daqueles que desejam fixar residência em outro lugar. Para os migrantes reformados, as motivações podem incluir a mudança para um local com clima agradável, encontrar um lugar mais barato para morar ou mudar-se para estar perto da família. Como exemplo, podemos citar a contribuição da discussão proposta por Hayes

14 Alguns países já adotaram políticas para atrair aposentados imigrantes para comprar uma segunda casa em seu país de origem. Essas políticas geralmente oferecem atraentes licenças residenciais de curto prazo combinadas com isenções fiscais (por exemplo, o programa "minha segunda casa" da Malásia). (de Coulon, Augustin (2016:6). Where do immigrants retire to? Institute for the Study of Labor (IZA), Bonn, Iss. 297, <http://dx.doi.org/10.15185/izawol.297>)

(2014) ao analisar a migração de cidadãos norte-americanos (a maioria reformados) estabelecidos em Cuenca, no Equador. Sua pesquisa observou que aqueles migrantes escolheram o local de destino com base nas suas dificuldades em manter a qualidade de vida no país de origem. São migrantes que não se enquadram no conceito de migrantes “relativamente ricos” e utilizaram o capital econômico e recursos acumulados nos Estados Unidos para manter seu padrão de vida em outro país. Isso significa que outros fatores se cruzam com o estilo de vida na migração (Oliver, 2011; Green, 2014; O’Reilly, 2007). Realmente, Casado-Díaz et al. (2004) relatam que algumas localidades em Espanha e em Malta atraem os grupos de baixa-renda. De igual modo, Balkir & Kirkulak (2009) verificaram que a maioria dos imigrantes reformados do Norte europeu em Turquia apresentava renda familiar baixa e média. Assim como Ono (2008), ao analisar a IRM entre os idosos japoneses na Malásia, verificou que tantos os pensionistas atuais quanto os que se encontram próximos ao período de reforma estão preocupados com a forma como eles podem sobreviver com suas pensões, o que os leva a considerar a hipótese em viver no exterior, onde o custo de vida é menor do que no Japão. É o que Hayes (2014) chama de “*geoarbitrage*”, o que implica em utilizar o capital e ativos pessoais recebidos no país de origem como estratégia alternativa para garantir seu padrão socioeconômico após a reforma em lugares onde o custo de vida é menor. As medidas de austeridade e cortes nas pensões públicas – decorrentes do crescente aumento da população idosa – refletem-se no padrão de vida dos reformados, que motivados por “problemas sociais e financeiros, juntamente com restrições nos países de origem, e a esperança dos idosos de resolver ou aliviar esses problemas” movem-se para outros espaços geográficos (Bender, Hollstein & Schweppe, 2018:98). É o que revela o estudo de Michelle Lawson (2016:59), em *Narrative positioning and ‘integration’ in lifestyle migration: British migrants in Ariège*, ao constatar que “alguns entrevistados traçaram o que perceberam como limitações financeiras, representando suas novas vidas na França como economicamente constrangidos em comparação com antes do movimento”. Os fatores econômicos parecem pesar muito sobre as decisões dos reformados, tanto em consideração aos países de destino quanto aos locais de origem. O custo mais baixo de vida e políticas estatais específicas nos países receptores (como exemplo, baixos impostos sobre a propriedade) são fatores importantes na decisão de migrar. Em síntese, Warnes (2009:342) afirma que a migração internacional para a reforma “envolve uma população muito mais diversificada e uma gama mais ampla de motivações e tipos do que o sugerido pelo estereótipo do casal “terceira idade”, totalmente ajustado, que é ostentada pela publicidade”.

Embora as pesquisas tenham se dedicado sobre esse tema na Europa, particularmente no movimento intracomunitário, há uma tendência de explorar as experiências de pensionistas de países ricos em direção aos países que compõem o Sul Global (países menos desenvolvidos). Bender et al. (2018), citam as pesquisas de Toyota & Xiang (2012) sobre os países localizados no sudeste da Ásia; de Dixon, Murray & Gelatt (2006), assim como de Hayes (2014) sobre a América do Sul; e de Chege (2014), relativamente ao continente africano, como áreas de atração de fluxo migratório internacional de reformados. Por outro lado, poucos estudos se concentraram no deslocamento de reformados norte-americanos através das fronteiras internacionais, embora a mídia sempre tenha dado extensa cobertura ao interesse dessa parcela da população nas áreas localizadas no México e na América Central (Sunil, Rojas & Bradley, 2007). A primeira fase de grande fluxo de migração de aposentadoria internacional de cidadãos dos EUA ocorreu na década de 1970, tendo como áreas de destino o México¹⁵ e o Caribe (Illés, 2006:54). Sobre a migração de norte-americanos para o México e, principalmente, de reformados, Croucher (2009), em *Migrants of privilege: The political transnationalism of Americans in Mexico*, destaca o expressivo aumento migratório da população idosa dos Estados Unidos em direção ao México. Entre 1990 e 2000, a população de cidadãos norte-americanos (55 anos ou mais) a viver no México aumentou 17%.

Breuer (2005:314) reconhece que, embora “as diferenças entre a migração de reforma europeia e norte-americana sejam maiores do que os fatores que têm em comum”, muitos conceitos teóricos utilizados no processo de migração de reformados na América do Norte foram aproveitados em estudos desenvolvidos na Europa.

No sentido da nomenclatura norte-americana, a migração de reformados europeus também é a busca de amenidade, ou seja, não é influenciada pelas necessidades econômicas diretas e práticas da vida de trabalho, mas deve ser interpretada como uma estratégia para os “ajustes” em termos de transição da vida profissional para a reforma (Breuer, 2005:314).

Toyota et al. (2006) consideram o deslocamento de migrantes reformados através das fronteiras internacionais como um fenômeno em ascensão na Europa e na Ásia, que deve ser compreendido considerando-se às políticas estatais e à modificação no cuidado com os idosos. Ormond & Toyota (2016), a partir de pesquisas com migrantes reformados japoneses e

15 De acordo com o Institute of American Migrations (2013), entre os anos 70 e 80, verificou-se no México um crescimento de 57,6% de norte-americanos aposentados, um número que aumentou entre 1980 e 1990 em um percentual de 84%, e duplicou para o período de 2000 e 2010.

alemães, verificaram que os discursos e práticas de IRM têm apresentado uma nova abordagem que se diferencia da primeira vaga (final dos anos de 1980), no Japão e na Alemanha.

No caso japonês, a primeira vaga de migração internacional de reformados, ancorou-se na política estatal de incentivo a um envelhecimento ativo voltado sobretudo para os idosos financeiramente bem-sucedidos, que buscaram novos continentes como opção de investimento e moradia, notadamente na Austrália, Espanha e Estados Unidos. A segunda vaga, por sua vez, coincide com a estagnação económica iniciada na década de 1990, aliada a uma insegurança acerca da sustentabilidade do plano nacional de reforma e agravada pela falta de prestadores de cuidados para os idosos e a mudança na estrutura familiar (como exemplo, o aumento de números de idosos a viver sozinhos e de famílias com várias gerações de idosos compartilhando a mesma moradia¹⁶). Um contexto que impulsionou o deslocamento de um novo perfil de migrante idoso (não mais classificados como “*whoopies*”, mas como “*refugiados económicos*”), que migraram em busca de destinos mais diversificados, localizados principalmente no Sudeste Asiático (Tailândia, Malásia, Filipinas, Indonésia, Laos e Camboja).

Na Alemanha, os “*jovens idosos*” reformados há muito têm se deslocado para os países do sul da Europa (como Portugal e Espanha), de forma sazonal ou permanentemente. Entretanto, um novo fenómeno migratório de idosos - que reflete um debate ético-político - está ancorado na política estatal alemã denominada “*oma export*” (“exportação de vovó”). Uma política que resultou da transferência da responsabilidade institucional do idoso para o atendimento domiciliar (sejam eles familiares ou terceirizados), subsidiados pelo seguro estatal de longa duração. Todavia, o montante pago pelo governo alemão não reflete às necessidades reais do investimento assistencial de cuidado aos idosos, o que favoreceu o crescimento de um significativo número de instalações privadas - fora da Alemanha - que atendem especificamente a idosos de idioma alemão (como exemplos na Hungria, Polónia, Grécia e Tailândia). As instalações localizadas nestes países oferecem os serviços com valores muito mais acessíveis para indivíduos e famílias de renda média e baixa (Ormond & Toyota, 2016).

A migração internacional de reformados constitui, portanto, um processo de migração altamente seletivo, que exige investimento com despesas de moradia, saúde e cuidados. Regra

16 Um em cada oito idosos do sexo masculino e um em cada cinco mulheres idosas estão vivendo sozinhos no Japão (2015). (Toyota, M. (2017). Searching for Care: Japanese Retirees in Southeast Asia. In: New frontiers for International Retirement Migration. IMISCOE 14th Annual Conference “Migration, Diversity and the City”, Rotterdam, 28 – 30 June 2017).

geral, são migrantes bem-vindos pelas autoridades e empresas dos países receptores, pois trazem poder de compra por meio de suas pensões. Não obstante, “como todos os migrantes internacionais, eles também estão assumindo riscos, movendo-se para países com diferentes idiomas, costumes, instituições e políticas de assistência social e saúde” (Warnes & Willians, 2006: 1263). Um desafio particularmente difícil para quem atravessa fronteiras internacionais, tendo que recriar-se como residente permanente ou sazonal no país de acolhimento (Sunil, Rojas & Bradley, 2007). O processo de aculturação é menos rápido do que em outras idades, uma vez que são migrantes que não estão inseridos em atividades laborais ou às acadêmicas. A dificuldade em aprender um novo idioma é outro fator importante, considerando que o processo de aprendizagem é menos rápido em estágios mais avançados da vida, o que fragiliza uma maior integração na comunidade de acolhimento (Gustafson & Cardozo, 2017; Puga, 2001). O processo de integração é geralmente avançado apenas nos “casos em que o imigrante já viveu no lugar de destino” (Puga, 2001:256). Outra questão – não menos importante – que envolve a migração de pessoas em idade mais avançada, e que coloca em risco a vida desse grupo, é a maior vulnerabilidade em termos de saúde e situação económica, assim como a um maior isolamento de amigos e familiares e consequente afastamento das redes de apoio formal.

1.4 Os programas estatais de atração de migrantes reformados

Algumas pessoas planejam, nos mínimos detalhes, de como viver seus dias após a reforma. Outras podem precisar de um pouco de ajuda para decidir onde passar seus anos restantes de vida. Na disputa para atrair esse tipo de migrante, alguns países desenvolvem políticas estatais que, aliadas a transnacionalização dos mercados imobiliários, promovem o país como um destino de estilo de vida (Hayes & Perez-Gañán, 2017).

Sob o ponto de vista da política migratória, atrair imigrante pós-reforma tornou-se uma estratégia de desenvolvimento económico para os países receptores (Fonseca, 2012; Toyota et al., 2006; Toyota & Xiang, 2012; Hayes, 2018; Benson, 2013; Croucher, 2012). Este tipo de imigração tem um impacto óbvio nas economias dos locais de destino, porque gera receita de despesas no consumo residencial e pessoal.

Os promotores imobiliários, construtoras e imobiliárias (corretores de imóveis) desempenharam um papel importante no desenvolvimento de novas áreas de assentamento, como nas urbanizações em Espanha, e na direção do ritmo e distribuição das compras de casas dos migrantes reformados (Casado-Díaz et al., 2004:355).

Um número crescente de países, especialmente no Sudeste Asiático (como exemplo, Malásia, Tailândia, Filipinas) e na América Latina (por exemplo, Costa Rica, Panamá, Equador, México), estabeleceram programas governamentais para atrair a migração de reformados, facilitando vistos ou autorizações de residência para pessoas idosas do exterior ou oferecendo benefícios fiscais e monetários. Os reformados são vistos como bons ventos fiscais porque possuem um padrão de vida acima da média, o que favorece a expansão da economia do país receptor, sem criar pressão adicional sobre o mercado de trabalho.

Em 2019, a revista *International Living*¹⁷ divulgou os dez melhores destinos para viver após a reforma (Panamá, Costa Rica, México, Equador, Malásia, Colômbia, Portugal, Peru, Tailândia e Espanha). Estes locais reúnem duas características que exercem atração para o migrante reformado, que vivem em países localizados em altas latitudes e economicamente mais desenvolvidos: busca de sol (calor e praias) e baixos custo de vida, com oferta de bons sistemas de saúde (público e/ou particular). Pesquisa desenvolvida por Spalding (2013), em Boca del Toro, no Panamá (entre janeiro de 2009 e abril de 2010), verificou que os migrantes de estilo de vida (o maior percentual eram norte-americanos reformados) foram atraídos pela “paisagem e cenário, ambiente natural, diversidade cultural e estilo de vida descontraído” (p. 81).

Os países da América Central que recebem o maior número de imigrantes reformados norte-americanos são o México, Costa Rica e Panamá. Esta realidade tem crescido em outros países da região Andina (Peru, Bolívia, Colômbia e Equador). No entanto, nestes países andinos, são relativamente escassos os estudos que possam apresentar informações acerca das motivações dos migrantes reformados ao estabelecer residência em países da América do Sul (Camacho, 2017). A migração de reformados norte-americanos e canadenses, da geração *baby boomer*, para países da região andina é resultado das mudanças ocorridas - em termos de distribuição de empregos e recursos económicos – que afetaram a população idosa norte-americana e canadense, como reflexo da crise financeira de 2007 (Hayes, 2014).

A Costa Rica tem sido considerada um potencial destino de fixação de residência por norte-americanos reformados. O desenvolvimento turístico do país e sua vinculação a uma imagem

17 A revista *International Living* publica os 25 melhores lugares para se aposentar todos os anos, um índice anual de aposentadoria global, onde vários fatores são medidos, como clima, infraestrutura, estilo de vida, saúde, entretenimento, custo de vida, vistos e residência, benefícios, descontos e imóveis. https://internationalliving.com/the-best-places-to-retire/?utm_source=pr&utm_medium=pr-organic&utm_campaign=press-release

de país de neutralidade política, baixas tensões raciais e baixo nível de violência e criminalidade, são fatores de atração para um grupo de imigrante que busca fundamentalmente tranquilidade (Puga, 2001).

Segundo o site *Expat.com*¹⁸, o Equador tem se destacado na última década como “paraíso para reformados estrangeiros”. O primeiro fator de atração tem sido o baixo custo de vida que permite a um casal estrangeiro viver confortavelmente com 2 mil dólares. O segundo fator (e não menos importante) é o sistema de saúde, reconhecido como um dos melhores da América Latina. Outra questão de destaque refere-se a garantia constitucional de direitos iguais aos idosos nacionais e estrangeiros residentes no país, que possibilita ter um desconto de cinquenta por cento em eventos culturais e esportivos, taxas de água e luz e em voos internacionais. Para obtenção de visto de residência há exigência de uma fonte de renda mensal de 800 dólares, e ainda garante aos familiares (cônjuge, pais, avós ou irmãos) o visto denominado de “amparo”. A atração de reformados faz parte da política do governo equatoriano denominada “cidadania universal” - institucionalizada na Constituição de 2008¹⁹ - que tem sido usada, também, como mecanismo de incentivo à imigração de profissionais qualificados e investidores.

De acordo com o relatório do *Migration Policy Institute* (Dixon et al., 2006:2):

Tanto no México quanto no Panamá, os governos nacionais adotaram uma abordagem proativa para incentivar a migração para a reforma criando categorias de vistos para pensionistas estrangeiros²⁰. Enquanto os reformados costumam escolher destinos para usufruir a reforma com base em características inerentes a um lugar - clima ou cultura local, etc., - pesquisas revelam que os entrevistados por meio de *focus group*, em ambos os países, também indicaram que as políticas de visto, impostos e propriedade tinham sido importantes em sua decisão de se mudar.

Fenômeno semelhante tem ocorrido em países do Sudeste Asiático, como Tailândia, Filipinas e Malásia, que se tornaram áreas receptoras de imigrantes reformados estrangeiros desde o final

18 Disponível em <https://www.expat.com/es/guia/america-del-sur/ecuador/10861-jubilarse-en-ecuador.html>

19 A nova constituição do Equador, aprovada em 2008, estabelece as bases para um novo modelo de Estado-nação, caracterizado como progressivamente transnacional, que tenta proteger tanto os equatorianos que vivem no exterior quanto os estrangeiros que residem no país. Reconhece o direito de migrar e a família transnacional e defende a cidadania universal, a livre circulação de todos os habitantes do planeta e o eventual fim do status de estrangeiro como elemento da transformação de relações desiguais. (Ramirez, J. (2015:4) Migration Policy in the New Ecuadorian Constitution: Toward the Formation of a Transnational Nation-State. *Latin American Perspectives*. 43(1): 4-17.

20 O Panamá oferece um visto para pensionistas que comprovem pensão de pelo menos US \$ 1.000 por mês para se qualificar (tanto para pagamentos privados quanto para previdência social). A moeda, o “balboa panamenho”, está atrelada ao dólar, de modo que os aposentados norte-americanos não devem enfrentar choques decorrentes de oscilações cambiais. Disponível em <http://www.bbc.com/capital/story/20151230-the-top-seven-places-to-retire> e <https://www.sociedadeinternacional.com/residencia-permanente-no-panama-para-aposentados/>

da década de 1990. Seja por meio da oferta de um bom sistema de saúde – que mobiliza reformados em busca de cuidados e de prestadores destes tipos de serviços – ou por promoções turísticas. As agências governamentais promovem estes locais de destino como refúgio de reformados (Padojinog & Rodolfo, 2004; Ono, 2008).

O governo da Malásia lançou, em 1998, o programa *Second Home* (MM2H), que, essencialmente, “permite que reformados estrangeiros, com idade igual ou superior a 50 anos, e que preencham determinados critérios para permanecer na Malásia, possam ter direito a entrada múltipla válida por 10 anos” (Abdul-Aziz et al., 2014: 203). Um programa que oferece opções únicas de qualidade de vida para reformados estrangeiros financeiramente independentes, estrategicamente pensado para atender aos desejos de mudança nas suas condições pessoais e sociais (Wong & Musa, 2013). A Malásia é um dos destinos mais populares de “turismo de longa permanência” entre os idosos japoneses (Ono, 2008:152).

A crescente politização das migrações contribui, cada vez mais, para que as políticas nacionais, a segurança nacional e as relações bilaterais e regionais sejam afetadas pelas migrações internacionais (Rodrigues & Ferreira, 2014:143).

Capítulo 2 – Portugal como destino de reformados brasileiros na última década (2008-2018)

2.1 Fluxos (vagas) da migração brasileira para Portugal (2008-2018)

A revisão de literatura acerca da emigração brasileira para Portugal permite-nos constatar que existem dois períodos marcantes em que os fluxos (ou vagas) se intensificaram. O primeiro período - do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 até o final dos anos de 1990 - tem como fator principal a imigração laboral composta principalmente de profissionais qualificados. Estes trabalhadores, desiludidos com a situação socioeconómica do Brasil, emigraram em busca melhores condições de vida. São os “exilados da crise” económica (Pinho, 2014; França & Padilla, 2018). O segundo período, que se inicia em 1998 e se estende até a crise financeira de 2008, pode ser justificado pelo “aumento do desemprego no Brasil e, em Portugal, a necessidade de mão-de-obra em setores em desenvolvimento” (Pinho, 2014:151). Um período marcado pela entrada massiva de uma mão-de-obra brasileira menos qualificada, alocada “nos setores tradicionais de ocupação imigrante: hotelaria, construção civil, serviços de limpeza e cuidado de idosos (Machado, 2014:230). De acordo com França & Padilla (2018:212):

Em ambas as vagas, ressalta-se o caráter laboral desse fluxo, que se insere em nichos específicos, tanto em virtude da presença expressiva no mercado de trabalho como pela concentração nas zonas onde o mercado de trabalho é mais dinâmico, Lisboa e Porto.

A partir de 2008, em virtude da crise económica portuguesa que se estendeu até 2015, muitos imigrantes brasileiros retornam ao Brasil ou remigram para países menos afetados pela crise, como Reino Unido e Alemanha. Cabe ressaltar que a economia brasileira, ao mesmo tempo, apresentava um crescimento modesto (média de 3,3% na última década), mas acompanhado de uma economia de pleno emprego (Machado, 2014). De acordo com o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo de 2013 (SEF, 2013:10):

A nacionalidade brasileira, com um total de 92.120 cidadãos, mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente. A diminuição do número de residentes desta nacionalidade (-13.502) representa cerca de 85,9% do decréscimo total de estrangeiros residentes em Portugal. Como principais fatores explicativos, concorrem a aquisição da nacionalidade portuguesa, a alteração de fluxos migratórios e o impacto da atual crise económica no mercado laboral.

Relatórios de Imigração, Fronteiras e Asilo, publicados pelo SEF nos anos de 2008 a 2018, confirmam a tendência da diminuição do número de residentes de nacionalidade brasileira a partir de 2011 (Quadro 1). Desde 2016, no entanto, verifica-se uma retomada da imigração brasileira para Portugal com um aumento de 5,1% (totalizando, em 2017, 85.426 residentes brasileiros em Portugal), “invertendo assim a tendência de diminuição do número de residentes desta nacionalidade que se verificava desde 2011” (SEF, 2017: 13; Pimentel & Sousa Gomes, 2018). Dados recentes do SEF (2018:16) confirmam que a “nacionalidade brasileira é a principal comunidade estrangeira residente com 105.423 cidadãos (aumento de 23,4% em relação a 2017), representando mais de um quinto do total (valor mais elevado desde 2012)”.

Quadro 1: Total da população brasileira com título de residência em Portugal, entre 2008 e 2018

2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
106.961	116.220	119.363	111.445	105.622	92.120	87.493	82.590	81.251	85.426	105.423

Fonte: SEFSTAT – Portal de Estatística – Relatórios anuais de 2008 a 2018.

Por outro lado, considerando a análise de tipos de vistos de residência concedidos aos imigrantes de nacionalidade brasileira, a partir de 2016 observa-se uma alteração nos perfis das entradas de brasileiros em Portugal, destacando-se as mobilidades de estudantes, de investigadores e trabalhadores altamente qualificados, de trabalhadores independentes, de investidores e de reformados (Figuras 1 e 2). Desde então, verifica-se a intensificação da mobilidade estudantil (Fonseca, Pereira & Iorio, 2016; França, Alves & Padilla, 2018; França & Padilla, 2018), “constituindo, desde 2008/2009, o maior grupo de estudantes internacionais em Portugal” (Iorio, 2018:5). Além disso, verifica-se aumento nos pedidos de Autorização de Residência para Atividades de Investimentos - ARI (França & Padilla, 2018); de estada temporária para efeitos de transferência de trabalhadores entre países pertencentes à Organização Mundial do Comércio (OMC), para prestação de serviços ou formação profissional (visto E6); e de reformados, de pessoas que vivam de rendimentos e de religiosos (visto D7- vide Quadro 2).

Quadro 2: Visto D7 concedidos a nacionais brasileiros (2008-2019)

Ano	Visto D7 (reformados/religiosos/pessoas com rendimento próprio) concedidos a cidadãos brasileiros
2019 ²¹	639
2018	3074
2017	1794
2016	630
2015	233
2014	139
2013	144
2012	124
2011	121
2010	91
2009	92
2008	167

Fonte: SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Quadro 3: Peso percentual dos vistos D7 nos fluxos de entrada de nacionais brasileiros

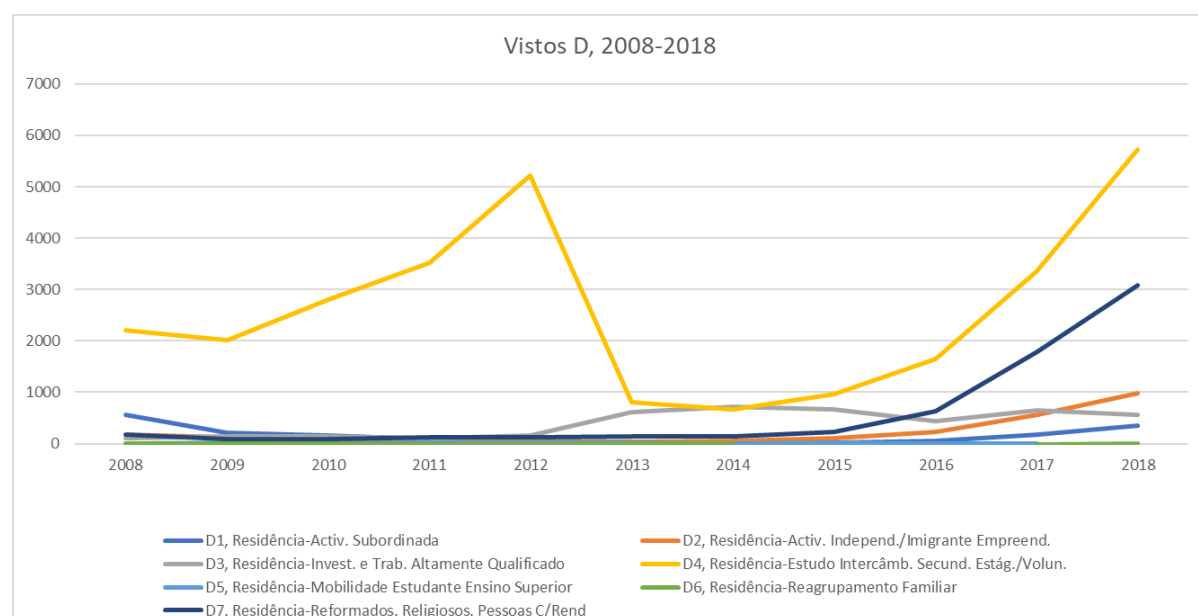
Ano	Fluxos de entrada de nacionais brasileiros	Vistos D7	Peso (%) dos Vistos D7 no total de fluxos de entrada
2008	não disponível	167	-
2009	não disponível	92	-
2010	16165	91	0.56
2011	12896	121	0.94
2012	11715	124	1.06
2013	6680	144	2.16
2014	5560	139	2.50
2015	5716	233	4.08
2016	7059	630	8.92
2017	11574	1794	15.50
2018	28210	3074	10.90

Fonte: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>

21 Os dados referem-se às informações divulgadas até março de 2019.

Dados apresentados no Relatório Estatístico Anual de 2018 - a partir de informações do Ministério de Negócios Estrangeiros²² - mostram que nos postos consulares foram atribuídos 1.237 e 2.558 vistos de residência a reformados, religiosos e pessoas com rendimento nos anos de 2016 e 2017, respectivamente (Oliveira & Gomes, 2018:47). Comparando os dados do MNE e do SEF (Quadro 2), conclui-se que mais da metade dos vistos tipo D7 foram atribuídos a nacionais brasileiros (630, em 2016; 1.794, em 2017), mantendo a tendência de aumento verificada desde 2011. Com base nas informações constantes no Quadro 3, verifica-se que o peso percentual dos vistos D7 no total de fluxos de entrada de nacionais brasileiros apresentou significativo aumento a partir de 2015.

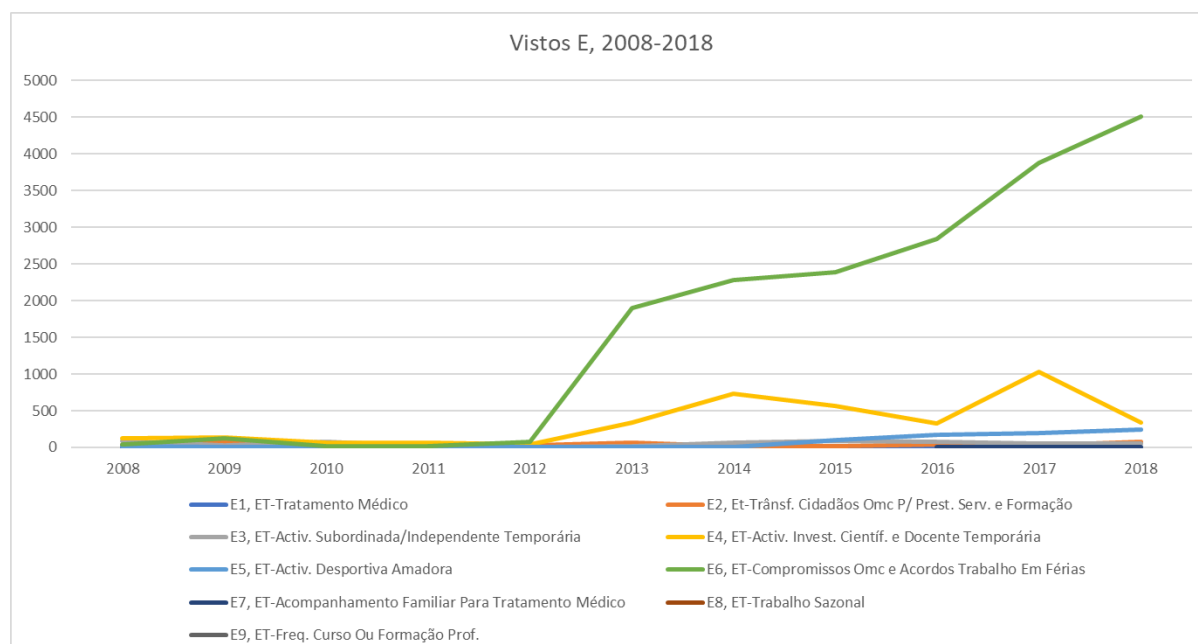
Figura 1: Vistos de residência (tipo D) concedidos a brasileiros (2008-2018)



Fonte: SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

²² Importa atender que o volume de novos títulos emitidos pelo SEF em Portugal é sempre superior ao número de vistos de residência emitidos na rede consular (dados do MNE) essencialmente por duas razões: por um lado, porque a emissão de vistos de residência (emitidos pelo MNE) não se converte instantaneamente em autorizações de residência (emitidas pelo SEF), podendo existir uma maior ou menor *décalage* temporal entre os dois momentos (Oliveira & Gomes, 2018:49).

Figura 2: Vistos de residência (tipo E) concedidos a brasileiros (2008-2018)



Fonte: SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

A análise dos vistos de residência concedidos aos imigrantes de nacionalidade brasileira no período de 2008-2018 (Figuras 1 e 2) mostra a prevalência dos vistos associados aos estudos, que atingiram o seu pico em 2012 e, posteriormente decresceram até 2015. A partir de 2016, há uma retomada no crescimento de vistos para estudantes de ensino superior e um ganho de importância nos vistos concedidos para reformados. De acordo com o Relatório Estatístico Anual de 2018 (Oliveira & Gomes, 2018), em 2016 e 2017 verificou-se um aumento de 21% e 27,3%, respectivamente, nos vistos de residência concedidos a reformados brasileiros (p.49). Em 2017, verificou-se que 51,5% das entradas de nacionais do Brasil refletiam principalmente razões de estudo (p. 48). A somar esses dois títulos (vistos associados aos estudos e para reformados), suplantaram a importância relativa dos vistos para investimentos e atividades altamente qualificadas nos anos de 2016 e 2017 (vide Figura 1).

2.2 A política portuguesa de atração de imigrantes reformados

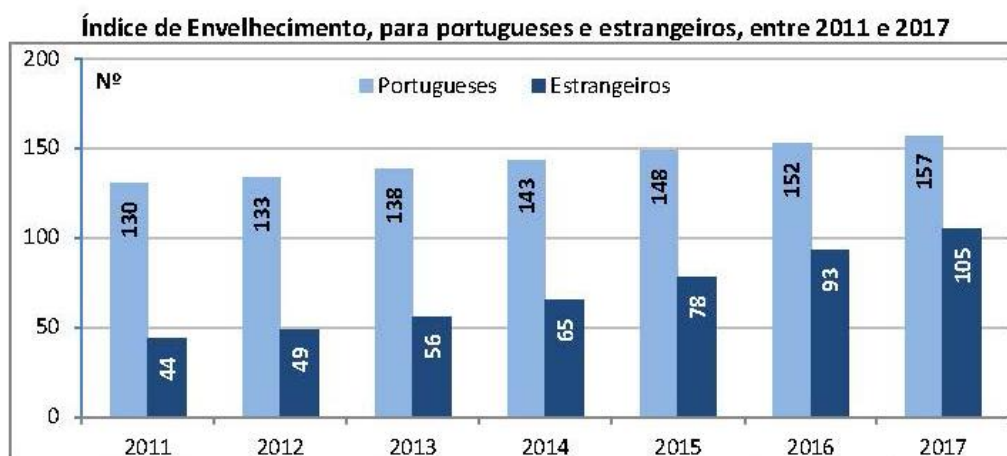
Portugal, a partir da segunda metade do século XX, tornou-se em área de atração de migrantes em busca de amenidades, notadamente oriundos do Norte da Europa (destacando-se os nacionais do Reino Unido, da Alemanha e da Holanda) e da América do Norte (Sardinha, 2011). A busca de amenidades está vinculada ao contexto de oferta turística na área mediterrânea voltada para atender a população de *seniores europeus*. O desenvolvimento desse nicho turístico confere a Portugal a segunda colocação quanto ao destino mais procurado pelos

turistas idosos (somente superado pela Espanha), destacando-se a região do Algarve como área de interesse (Ferreira, 2004; Sampaio, 2011). A vinculação da migração de reformados e destinos turísticos para *seniores* naquela região portuguesa é confirmada no trabalho de Kate Torkington (2010) em *Defining lifestyle migration*. A autora destaca que a região do Algarve abriga mais da metade dos residentes britânicos em Portugal.

A mobilidade de reformados e de uma imigração mais envelhecida, essencialmente de países da União Europeia para Portugal, tem gerado um maior aumento no número de estrangeiros idosos no país, sendo que 2017 é o primeiro ano em que passam a existir mais idosos que jovens na população residente com nacionalidade estrangeira (105 idosos por cada 100 jovens). Um aumento significativo ao longo dos anos, conforme gráficos (Figuras 2 e 3) a seguir (Oliveira & Gomes, 2019:76).

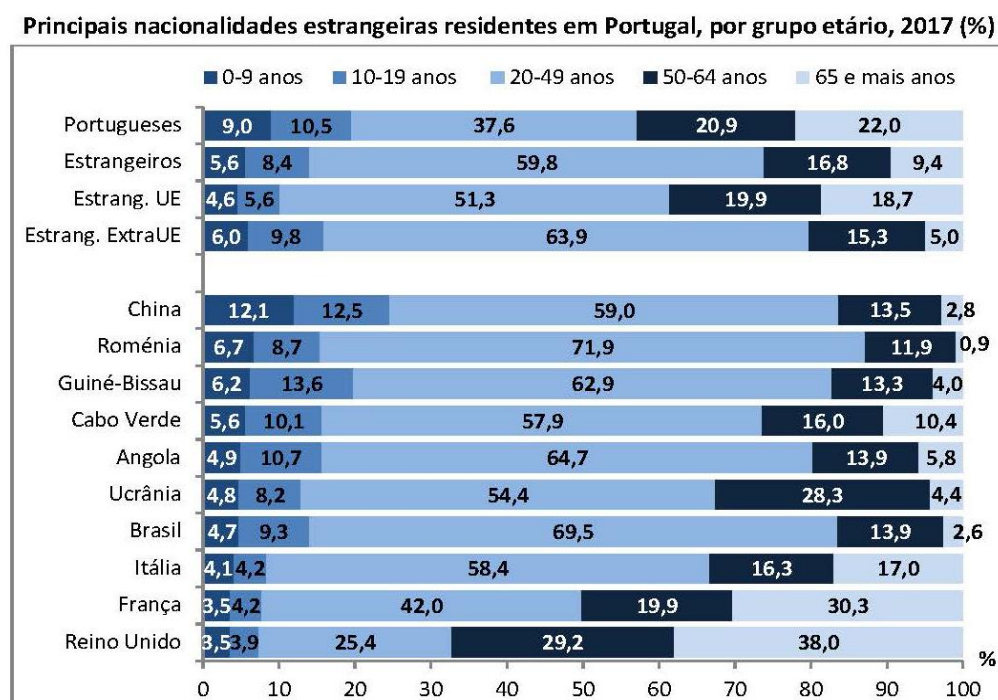
(...) os estrangeiros reformados que chegam ao nosso país, assumindo-se ou consolidando-se como um novo fluxo imigratório, tendem a reforçar a importância relativa de idosos residentes e, ao contrário da população imigrante em idade ativa e em idade fértil que tradicionalmente o país tem vindo a receber, não atenuam o envelhecimento demográfico do país, mas antes acentuam-no. (Oliveira & Gomes, 2019:39)

Figura 3: Índice de Envelhecimento, para portugueses e estrangeiros (2011 e 2017).



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, *Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual*) a partir de dados das Estimativas Anuais da População Residente, INE.

Figura 4: Principais nacionalidades estrangeiras residentes em Portugal, por grupo etário, em 2017 (%)



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, *Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual*) a partir de dados das Estimativas Anuais da População Residente, INE.

Cabe ressaltar que, em 2017, os portugueses passam para 157 idosos por cada 100 jovens com menos de 15 anos e os estrangeiros residentes passam pela primeira vez a ter mais idosos que jovens (com 105 idosos por cada 100 jovens), nomeadamente associados ao crescimento de estrangeiros reformados residentes no país, em especial de europeus (Oliveira & Gomes, 2018: 80), uma vez que o índice de envelhecimento no caso dos países terceiros (extracomunitários) é de apenas 50 quando nos cidadãos europeus residentes sobe para 262. (Oliveira & Gomes, 2019:76). Os nacionais da União Europeia residentes em Portugal continuam a ser aqueles que entre os estrangeiros residentes em Portugal apresentam as estruturas etárias mais envelhecidas (18,7% para os estrangeiros da UE28 com 65 e mais anos, quando para os extracomunitários esse grupo etário apenas representa 5%). Destacam-se entre os nacionais da UE28, o Reino Unido (38%), França (30,3%) e de Itália (17%), refletindo o aumento de fluxos de imigrantes reformados dessas nacionalidades para Portugal nos últimos anos (Oliveira & Gomes, 2019: 68).

Em relação aos imigrantes brasileiros, verifica-se que os grupos etários situados na faixa etária de 55-64 anos têm tido um aumento percentual, assim como o grupo inserido na faixa de 65-

69 anos (vide Quadros 4 e 5). De acordo com os dados do Observatório das Migrações (Figura 4), o grupo etário nas faixas de 50-64 anos e 65 anos e mais correspondem, respectivamente, a 13,9% e a 2,6% das nacionalidades estrangeiras residentes em Portugal (Oliveira & Gomes, 2019: 68)

Quadro 4: Total de entrada de brasileiros por faixa etária (2008-2018)

Faixa Etária	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total	106961	116220	119363	111445	105622	92120	87493	82590	81251	85426	105423
0 - 4 anos	2990	3118	3371	3516	3313	2657	2299	1980	1640	1596	2059
5 - 9 anos	3343	3347	3370	3102	2884	2508	2388	2227	2208	2386	3195
10 - 14 anos	4515	5054	5282	4823	4384	3745	3290	2895	2739	2774	3557
15 - 19 anos	4913	5484	6055	6017	6118	5463	5347	5157	5070	5176	5848
20 - 24 anos	9936	10858	10646	9780	9911	7207	7284	6785	6832	7899	8830
25 - 29 anos	20435	20928	20475	17289	14509	11498	9942	8489	7761	8206	10990
30 - 34 anos	19988	21842	22452	20770	19021	16317	14487	12901	11506	11438	14278
35 - 39 anos	14759	16110	16730	15642	15140	13908	13625	13105	13008	13211	16119
40 - 44 anos	11302	12375	12490	11902	11482	10461	10146	10063	10255	10608	12999
45 - 49 anos	7438	8411	8971	8744	8538	8012	7782	7505	7621	8035	9449
50 - 54 anos	4156	4901	5216	5159	5324	5221	5357	5442	5692	5894	7049
55 - 59 anos	1850	2197	2493	2721	2828	2804	2959	3091	3391	3791	4794
60 - 64 anos	740	887	1021	1094	1200	1255	1355	1535	1803	2172	2948
65 - 69 anos	295	352	409	461	521	539	640	750	884	1162	1732
70 - 74 anos	156	183	198	220	230	270	301	349	449	594	871
75 - 79 anos	71	87	93	103	113	130	157	165	203	268	399
80 - 84 anos	48	51	54	56	57	72	75	82	109	131	185
85 e mais anos	26	35	37	46	49	53	59	69	80	85	121

Fonte: SEF

Quadro 5: Percentual das entradas de brasileiros por faixa etária (2008-2018)

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
0 - 4 anos	2,8	2,7	2,8	3,2	3,1	2,9	2,6	2,4	2	1,9	2
5 - 9 anos	3,1	2,9	2,8	2,8	2,7	2,7	2,7	2,7	2,7	2,8	3
10 - 14 anos	4,2	4,3	4,4	4,3	4,2	4,1	3,8	3,5	3,4	3,2	3,4
15 - 19 anos	4,6	4,7	5,1	5,4	5,8	5,9	6,1	6,2	6,2	6,1	5,5
20 - 24 anos	9,3	9,3	8,9	8,8	9,4	7,8	8,3	8,2	8,4	9,2	8,4
25 - 29 anos	19,1	18	17,2	15,5	13,7	12,5	11,4	10,3	9,6	9,6	10,4
30 - 34 anos	18,7	18,8	18,8	18,6	18	17,7	16,6	15,6	14,2	13,4	13,5
35 - 39 anos	13,8	13,9	14	14	14,3	15,1	15,6	15,9	16	15,5	15,3
40 - 44 anos	10,6	10,6	10,5	10,7	10,9	11,4	11,6	12,2	12,6	12,4	12,3
45 - 49 anos	7	7,2	7,5	7,8	8,1	8,7	8,9	9,1	9,4	9,4	9
50 - 54 anos	3,9	4,2	4,4	4,6	5	5,7	6,1	6,6	7	6,9	6,7
55 - 59 anos	1,7	1,9	2,1	2,4	2,7	3	3,4	3,7	4,2	4,4	4,5
60 - 64 anos	0,7	0,8	0,9	1	1,1	1,4	1,5	1,9	2,2	2,5	2,8
65 - 69 anos	0,3	0,3	0,3	0,4	0,5	0,6	0,7	0,9	1,1	1,4	1,6
70 - 74 anos	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,4	0,6	0,7	0,8
75 - 79 anos	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,3	0,4
80 - 84 anos	0	0	0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2
85 e mais anos	0	0	0	0	0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: SEF

Oliveira & Gomes (2018: 47) observam que a imigração de estrangeiros reformados não constitui o perfil que possa aliviar a situação de um país em acentuado envelhecimento demográfico. Ao contrário, tendem a reforçar a importância relativa de idosos residentes.

A atração de imigrantes reformados constitui uma área de interesse nacional para Portugal (Fonseca, 2012; King, Warnes & Williams, 2000). Quais as motivações que levam um número considerável de pessoas, notadamente do Norte da Europa e das Ilhas Britânicas, a se deslocarem para as terras lusitanas? As razões, já mencionadas anteriormente, “são muito variadas, desde a procura de novas experiências e relações à busca de um clima mais ameno que possibilite viver mais tempo ao ar livre” (Fonseca, 2012: 179).

Além dos fatores de “bem-estar”, os migrantes reformados sentem-se atraídos pelo regime fiscal estabelecido pelo governo português em 2009 (reformulado em 2013), denominado “regime de RNH (Residentes não Habituais)”²³. No caso de reformados estrangeiros, o regime fiscal permite a isenção de IRS (por um período de dez anos) quando as pensões não são pagas pelo Estado português ou quando estas são tributadas no Estado de origem (de acordo com o previsto dos acordos de dupla tributação²⁴). Isso significa que a legislação portuguesa permite que os rendimentos originários do país de origem do imigrante (salários, pensões, bens imóveis, juros e dividendos) sejam beneficiados pelo programa de isenção. Soma-se a isso o fato de que não há nenhum tipo de imposto sobre patrimônio, heranças e doações. Um programa que nasceu com a última crise econômica portuguesa e, graças a ele, tem atraído maciçamente o consumo de cidadãos europeus e de países terceiros em troca de emissão de títulos de residência. De acordo com o Relatório Estatístico Anual do Observatório das Migrações (Oliveira & Gomes, 2018:72 e 73), a entrada da França (2016) e da Itália (2017), na estrutura das dez nacionalidades numericamente mais expressivas em Portugal, confirma a atratividade das terras lusitanas junto dos cidadãos estrangeiros oriundos de países da União Europeia, “o que em parte se relaciona com as vantagens fiscais decorrentes do regime para o residente não habitual”. Os cidadãos portugueses, que emigraram e fizeram fundos de pensões em outro país e não tiveram residência em Portugal nos cinco anos anteriores à solicitação do registo no RNH, também são beneficiados pelo regime.

Iñaki Ortega, diretor da Deusto Business School de Madrid, citado pelo diário digital 65ymas.com, afirmou durante a Jornada de Arquitetura e Sociedade (Os Desafios da Velhice,

23 O Código Fiscal do Investimento, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 249/2009, de 23 de setembro, criou o regime fiscal para o residente não habitual em sede do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS), tendo em vista atrair para Portugal profissionais não residentes qualificados em atividades de elevado valor acrescentado ou da propriedade intelectual, industrial ou know-how, bem como beneficiários de pensões obtidas no estrangeiro. (...) O pedido de inscrição como residente não habitual só deverá ser efetuado após se ter registado como residente em território português. O estatuto de RNH é atribuído por um período máximo de 10 anos, não renovável. (AT – Autoridade Tributária e Aduaneira – disponível em https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/GADG/IRS_Regime_Fiscal_Residente_N%C3%A3o_Habitual.pdf)

24 Portugal tem tratados fiscais com todos os países da UE, bem como com alguns países não pertencentes à UE, para evitar a dupla tributação (vide <https://www.expatica.com/pt/finance/retirement/a-guide-on-how-to-retain-in-portugal-as-an-expat-908573/>)

realizada em Málaga, Espanha, em maio de 2019) que o plano do governo português para atrair reformados do mundo é tão agressivo no que se refere à isenção de tributar pensões e rendas que coloca em questão o sistema de bem-estar social nórdico (Castillejo, 2019). O plano de RNH tem gerado insatisfação por parte de alguns governos da UE, como por exemplo, a Finlândia, que apresentou um protesto formal perante a Comissão Europeia contra o governo português por “concorrência desleal” e ameaçou deixar, unilateralmente, a convenção, de 1971, o que eliminaria a dupla tributação²⁵ entre os dois países. O governo finlandês entende que o regime (RNH) acaba por criar uma dupla “não” tributação. As autoridades tributárias finlandesa e da Suécia têm pressionado o governo português²⁶, a fim de que promova a eliminação do regime fiscal de RNH. No entanto, de 2016 a 2017, os registros para solicitação de RNH, junto a Autoridade Tributária e Aduaneira de Portugal, aumentaram 70 por cento (Catillejo, 2019; Tiago, 2018).

O período de 2010 a 2015 viu um crescimento significativo no número de residentes estrangeiros com idades de 55 e mais velhos em toda a Europa. Entre os países selecionados, a Finlândia, o Luxemburgo e Portugal apresentam um aumento da população migrante mais velha superior a 50 por cento, e a Dinamarca, a Grécia, a Itália, Malta, a Noruega e a Espanha excedem 25 por cento (Ciobanu et al., 2016:164)

Para reformados estrangeiros de países terceiros, como exemplo o Brasil, existe a possibilidade de fixar residência em território português e usufruir do programa de incentivo do governo português, associado à isenção de impostos relativa a esses rendimentos pelo período de 10 anos. O processo inicia-se por meio da obtenção do visto D7, que reconhece os reformados, pensionistas, titulares de rendimentos próprios e os religiosos como possíveis candidatos a residentes em Portugal. Previsto de forma genérica no art. 58º, nº 1 da Lei 23/2007, de 4 de julho, está especificado no art. 24º, alíneas “b” a “e”, do Decreto Regulamentar 84/2007 de 5 de novembro. Para quem possui condições financeiras razoáveis (comprovar uma renda mensal de 600 euros)²⁷, é a forma mais fácil para residir em Portugal. Ao chegar em Portugal é

25 Os acordos de dupla tributação definem que, por regra, os impostos são cobrados no país onde a pessoa vive. No caso dos pensionistas que vivem em Portugal e passem, um mínimo, de 183 dias/ano (e que não tenham residido em Portugal nos cinco anos anteriores à solicitação do registo no RNH) teriam, portanto, de pagar os impostos no território português. No entanto, pelas regras do RNH as pensões dos cidadãos finlandeses ficam isentas de tributação do IRS, o que significa que estes pensionistas não pagam impostos na Finlândia e nem em Portugal. Em 2016, os governos dos dois países renegociaram o Acordo de Dupla Tributação firmado em 1971, permitindo que a Finlândia tributasse os pensionistas finlandeses residentes em Portugal. (Tiago, 2018).

26 Portugal e Suécia formalizaram um acordo em que os reformados suecos que vivem em terras lusitanas vão perder a isenção dupla de IRS a que tinham direito ao abrigo do regime fiscal dos residentes não habituais (RNH) oferecido pelo Governo português. Este novo acordo confere à Suécia o direito de tributar as pensões que paga aos pensionistas suecos a residir em território nacional, caso Portugal mantenha a isenção. (disponível https://www.jornaldenegocios.pt/economia/impostos/detalhe/portugal-e-suecia-assinam-acordo-sobre-impostos-dos-pensionistas?ref=DET_relacionadas)

27 Para o reformado, a comprovação se dá através do documento da própria reforma, bem como a garantia do seu recebimento ou disponibilidade de outros rendimentos em Portugal. Os valores a serem apresentados são os seguintes: (1) 100% do Salário Mínimo vigente

necessário solicitar, junto ao SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), o título de residência. Essa autorização de residência possui a validade de 1 ano, renovável por períodos sucessivos de 2 anos. Após 5 anos de residência legal em Portugal, pode ser solicitado o título de residência permanente, com validade de 5 anos. E, após o 6º ano, pode ser requerida a nacionalidade portuguesa. A reunificação familiar, neste caso, só caberá ao cônjuge e filhos menores de 18 anos (Portal Nacionalidade Portuguesa²⁸).

Em abril de 2000, Brasil e Portugal assinaram o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil (conhecido como Tratado de Porto Seguro – Resolução da Assembleia da República nº 83/2000, de 28/09; Decreto do Presidente da República Portuguesa nº 79/2000, de 14/12; Decreto-Lei nº 154/2003, de 15/07)²⁹, estabelecendo o estatuto de igualdade³⁰ entre portugueses e brasileiros para os que o requeiram³¹, desde que civilmente capazes e com residência habitual no país em que ele é requerido.

Os portugueses no Brasil e os brasileiros em Portugal, beneficiários do estatuto de igualdade, gozarão dos mesmos direitos e estarão sujeitos aos mesmos deveres dos nacionais desses Estados, nos termos e condições dos artigos seguintes (art. 12, Resolução da Assembleia da República Portuguesa nº 83/2000).

Em 2001, um acordo bilateral foi formalizado entre Brasil e Portugal (Resolução da Assembleia da República Portuguesa nº 33/2001, de 01/03), a fim de evitar a dupla tributação e a prevenir a evasão fiscal em matéria de impostos sobre o rendimento de pessoa singular ou física. Deste modo, no que se refere especificamente à reforma (pensões), os dois países convencionaram que as pensões e remunerações similares pagas nos termos da legislação relativa à segurança ou seguridade social de um Estado Contratante ou de uma das suas subdivisões políticas só podem ser tributadas nesse Estado. Sendo assim, se a reforma paga no Brasil for advinda da segurança ou seguridade social, competirá ao Estado brasileiro a cobrança

em Portugal para o Titular do Visto; (2) 50% do Salário Mínimo vigente em Portugal para adultos a serem reagrupados; (3) 30% do Salário Mínimo vigente em Portugal para menores de idade ou familiar com alguma incapacidade, a serem reagrupados. Disponível em <https://nacionalidadeportuguesa.com.br/2019/08/14/visto-para-aposentados-ou-titulares-de-rendimentos-d7/> Acedido em 11/09/2019.

28 Vide <https://nacionalidadeportuguesa.com.br/2019/08/29/visto-d7-quanto-um-aposentado-paga-de-imposto-em-portugal-e-no-brasil/>

29 Vide <https://www.sef.pt/pt/pages/conteudo-detalhe.aspx?nID=86>

30 Em 2018, registou-se um aumento acentuado do número de cidadãos que requereram estatuto de igualdade (+93,2%), confirmando a tendência verificada desde 2015 e representando o valor mais elevado dos últimos dez anos. Este aumento não pode ser dissociado da vinda para Portugal de estudantes de nacionalidade brasileira para frequência de instituições de ensino superior, procurando, por via da obtenção do Estatuto de Igualdade, beneficiar da redução do pagamento de propinas. (SEF, 2018:22)

31 Os pedidos de concessão do estatuto de igualdade de direitos e deveres e de reconhecimento do gozo de direitos políticos constituem actos pessoais, só podendo ser praticados pelo interessado ou por intermédio de procurador com poderes especiais. (art. 3º do Decreto-Lei nº 154/2003, de 15/07)

do pagamento do imposto de renda (vide Resolução da Assembleia da República Portuguesa, 33/2001).

Para efeitos desta Convenção, a expressão «residente de um Estado Contratante» significa qualquer pessoa que, por virtude da legislação desse Estado, está aí sujeita a imposto devido ao seu domicílio, à sua residência, ao local de direcção ou a qualquer outro critério de natureza similar e aplica-se igualmente a este Estado e, bem assim, às suas subdivisões políticas ou administrativas ou autarquias locais. (art. 4º, Resolução da Assembleia da República Portuguesa nº 33/2001, de 01/03).

Não obstante, a situação tributária dos pensionistas brasileiros, que tem fixado residência em Portugal ou em outro país, está sujeita a retenção de 25% de imposto de renda na fonte sobre rendimentos de reforma e pensões, nos termos do artigo 7º, da Lei 13.315/2016 da República Federativa do Brasil.

Art. 7º Os rendimentos do trabalho, com ou sem vínculo empregatício, de aposentadoria, de pensão e os da prestação de serviços, pagos, creditados, entregues, empregados ou remetidos a residentes ou domiciliados no exterior, sujeitam-se à incidência do imposto de renda na fonte à alíquota de 25% (vinte e cinco por cento).

A sanção da lei fez com que muitos reformados, que residem em outro país, recorressem à Justiça para tentar barrar o desconto do Imposto de Renda. No âmbito do Poder Judiciário Brasileiro, há interpretações judiciais que suspendem a cobrança das pensões dos reformados, enquanto outros julgam correto o que diz a lei, e mantêm o desconto de 25% sobre os valores recebidos a título de pensões (Dutra, 2018).

Em relação ao direito de usufruir do sistema de saúde portuguesa, Ackers & Dwyer (2004) advertem que, “embora o direito da UE estenda o direito de entrar e residir num Estado-membro, para pessoas que se deslocam após a reforma para outro estado da UE (nunca tendo trabalhado no estado de acolhimento), seu direito é limitado”. Uma vez que são cidadãos economicamente inativos, é necessário verificar se estão cobertos por um seguro doença e se possuem recursos para manter-se no país de acolhimento, a fim de evitar tornar-se um fardo para o sistema de assistência social durante o seu período de residência.

A fim de permitir que os cidadãos de países terceiros tenham acesso ao Sistema Nacional de Saúde português (como exemplo o Brasil), o Estado Português possui acordos internacionais,

que garantem a assistência à saúde mediante pagamento de taxas moderadoras em igualdade com os nacionais portugueses. O nome oficial do documento que permite acesso ao SNS português é CDAM (Certificado de Direito à Assistência Médica). Há também previsão de emissão de CDAM para Itália (chamado de IB2) e para Cabo Verde (chamado de PB4). Quando emitido para Portugal, assim como no caso de Cabo Verde, o CDAM possui a denominação específica de PB4³².

No caso dos nacionais brasileiros, o documento que comprova o acesso ao SNS nessas condições é o PB4, resultado de um acordo bilateral entre Brasil e Portugal, assinado em 1995. Esse acordo confere aos cidadãos desses dois países, entre outros benefícios, proteção na área da saúde quando estiverem em Portugal (no caso dos brasileiros) ou no Brasil (no caso dos portugueses). O portador tem direito à assistência médico-hospitalar (tanto de emergência como regular, além de aquisição de medicamentos), esteja ele em Portugal como turista, com visto de estada temporária ou com visto de residência.

Fonseca (2012) destaca a importância da atração de reformados como potencial considerável de investimento, nomeadamente do Norte da Europa e das Ilhas Britânicas, que há muito tempo têm se deslocado para Portugal. Ackers & Dwyer (2004) argumentam que os migrantes reformados contribuem para as economias locais através do consumo e impostos indiretos, permitindo que estas quotas de contribuição possam ser revertidas em financiamento da prestação de bem-estar social nas localidades de acolhimento.

No caso específico dos reformados brasileiros – um fenómeno de mobilidade mais recente e pouco explorado – a imprensa tem destacado o valor das remessas feitas do Brasil para Portugal, realizadas por emigrantes que fixaram residência e continuam recebendo proventos do Brasil (sejam de empresas, sejam de imóveis ou reforma), que “passaram de 55,6 milhões de dólares, em 2014, para 71,1 milhões, em 2016” (Carneiro, 2018).

Warnes & Williams (2006:1290) consideram que os maiores beneficiários nas migrações de reformados voltadas para amenidades (além do próprio migrante) são “os proprietários de terrenos, a indústria imobiliária, as empresas construtoras, os fornecedores de serviços pessoais e de comércio a retalho; o governo local em áreas com elevado número de propriedades e

32 Disponível em <https://nacionalidadeportuguesa.com.br/2019/05/24/sistema-nacional-de-saude-sns-em-portugal-para-estrangeiros/>

impostos sobre vendas”. Por outro lado, no que se refere às implicações quanto ao bem-estar e questões políticas, os migrantes que obtêm a reforma em um Estado e fixam residência em outro país, “não têm direito a muitos benefícios de bem-estar de velhice e serviços (aqueles com contribuições ou qualificação de residência); excluídos de alguns serviços de cuidados por barreiras linguísticas, diferenças culturais e discriminação”. Como bem salienta Ackers & Dwyer (2004:451), no âmbito da UE, na prática, “a residência e os direitos sociais que um cidadão da UE pode reivindicar em outro Estado-membro dependem do tipo de contribuição social que fizeram e das suas relações pessoais”. O que significa que o migrante que se desloca após a reforma para um outro Estado-membro da UE28 do seu país de origem não tem os mesmos direitos daqueles que faz jus a reforma após um período laboral em outro Estado-membro. Esta é uma das razões para justificar a vida transmigrante dos reformados do norte da Europa que fixaram residência em países localizados no sul do continente. A manutenção do estatuto de residência formal no seu país de origem (do norte da Europa) proporciona “o acesso (ao que eles percebem) às melhores provisões de saúde pública” (p. 472). A presença e o poder do Estado-nação, no movimento transnacional do migrante idoso, são muito bem exemplificados por Horn & Schweppe (2017:336):

(...) os sistemas de seguridade social, que em muitos aspectos são moldados pelos estados nacionais, têm um impacto importante nas dimensões temporais e espaciais do envolvimento transnacional dos migrantes mais velhos, pois são influenciados pelo acesso e portabilidade dos direitos à seguridade social nos países. Assim, por exemplo, a questão de saber se as pensões podem ser recebidas em outro país que não o país de residência tem influência na decisão dos migrantes mais velhos de se juntar a seus filhos no exterior, permanecer no país de residência ou desenvolver padrões de migração pendulares.

Isso posto, encerramos a parte de revisão de literatura em que analisamos a migração internacional de reformados, procurando em primeiro lugar discutir o nexo entre as teorias migratórias e as migrações de reformados; a interligação entre a globalização, envelhecimento e a migração de pessoas em idade madura; as motivações que impulsionam esse tipo de migração e analisar alguns exemplos de programas estatais de atração de reformados que têm contribuído para incentivar esse tipo específico de mobilidade internacional. Na sequência, a revisão bibliográfica consistiu em tratar especificamente da imigração brasileira para Portugal, tendo como recorte o intervalo entre 2008 a 2018, a fim de analisar a importância relativa na concessão de vistos para reformados brasileiros (visto D7) em relação aos vistos para outras

categorias de imigrantes da mesma nacionalidade nos anos de referência, assim como clarificar a política estatal portuguesa de incentivo à migração de reformados.

No próximo capítulo, será delineada a parte empírica da pesquisa, com apresentação do método e da metodologia utilizados para a realização desta tese, que instrumentalizaram a busca pela solução e resposta ao problema apresentado. Ademais, será descrito o processo de recolha e de análise dos dados e, na sequência, apresentar o processo de transcrição, codificação e análise das entrevistas.

Capítulo 3 – Apresentação da Pesquisa

3.1 Método de Pesquisa

No âmbito deste estudo foi usada uma abordagem qualitativa assente no levantamento de dados por meio de entrevistas *semiestruturadas* (com perguntas abertas e com um formulário sociodemográfico complementar), aplicadas a uma amostra ilustrativa da população imigrante brasileira reformada que reside em Portugal.

Como a revisão bibliográfica indica, a mobilidade transnacional de indivíduos em idade mais avançada há muito é negligenciada (Nare et al., 2017; Ciobanu et al., 2016). Com base no presente estudo de caso – imigração de reformados brasileiros para Portugal – este trabalho discute o processo migratório de uma amostra ilustrativa desse grupo específico, o que permitiu a compreensão das motivações que impulsionaram o deslocamento de reformados brasileiros para o território português. A fim de colmatar uma lacuna no estudo da migração dessa parcela migrante brasileira, a utilização de uma abordagem e método qualitativos provou ser útil para esclarecer a vida individual e as motivações na mobilidade dos entrevistados. As respostas das entrevistas forneceram um material rico, profundo e complexo acerca do processo migratório, que não poderia ser obtido por meio de dados numéricos simplistas, embora necessários na discussão teórica.

Considerando os objetivos a serem alcançados, a escolha da abordagem qualitativa é viável porque o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e de difícil quantificação (Triviños, 1987; Liebscher, 1998; Freitas & Jabbour, 2011; Minayo, 2011; Neal et al., 2014). A abordagem qualitativa considera o fenômeno social como algo construído pelas pessoas, possibilitando a produção de informações mais detalhadas acerca das experiências humanas (crenças, emoções e comportamentos), de “uma forma que não pode ser obtida com escalas de medida e modelos multivariados” (Dal-Farra & Lopes, 2013:71). Encontra-se normalmente associada ao método indutivo, que se caracteriza pela construção de conceitos e teorias a partir da observação da realidade (Ripoli, 2008). Lembra Lévy-Strauss (1950), citado por Minayo (2011:623):

O trabalho de campo é mãe e matriz de toda dúvida (...) antropológica que consiste em se saber que nada se sabe, mas, também em expor o que se pensava saber, às pessoas que [no campo] podem contradizer [nossas verdades mais caras].

A opção pela utilização da técnica “entrevistas *semiestruturadas*” encontra-se embasada na compreensão de ser, na pesquisa qualitativa, “um dos principais meios que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados”, uma vez que “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987:144-145). A entrevista, enquanto método de recolha de dados, apresenta a grande vantagem de fazer uso “dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana”, permitindo ao investigador atuar no próprio processo de recolha de dados (Quivy & Copenhoutdt, 2005:193).

Manzini & Glat (2014:3), ao tratar da importância da análise das entrevistas em pesquisas qualitativas, advertem que “a análise de entrevistas requer conhecimento teórico e treinamento prático por parte do pesquisador”. Na sequência, acentuam que o pesquisador deve estar “atento a análise das falas” dos entrevistados para que se “transforme em um dado científico”. Isso implica que os dados obtidos pela transcrição das entrevistas devem ser interpretados acompanhados de “uma análise pormenorizada que demonstre como foi realizada tal interpretação”, na busca de uma “validade científica por meio de uma análise”.

3.2 Metodologia

A pesquisa apresenta-se dividida em quatro fases. Na primeira fase, foi realizada a revisão de literatura existente sobre a matéria, que permitiu a contextualização, análise e discussão do tema. Cabe aqui ressaltar que a temática que envolve as migrações, em geral, e as migrações internacionais, em particular, é vasta e diversificada, o que exigiu uma triagem para sintetizar as informações de forma mais coesa. Na sequência, foi realizada uma revisão dos métodos de pesquisa e a elaboração do guião³³ de entrevista. No que concerne à pesquisa recolha e tratamento dos dados³⁴ estatísticos, a tarefa foi facilitada pela existência de dados³⁵ disponíveis em fontes documentais, nomeadamente as produzidas pelo Instituto Nacional de Estatística (Censos e Estatísticas Demográficas), do Observatório das Migrações, e as bases de dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Concomitantemente, participei de várias tertúlias³⁶ promovidas pela Casa Brasil em Lisboa com o objetivo de contatar pessoas que pudessem indicar e/ou participar da amostragem (*snowball sampling*). Tendo conhecimento acerca de um casal de brasileiros que fixaram residência em Torres Vedras após a reforma, e considerando a

33 Anexo 1

34 Os dados utilizados referem-se ao período de 2008 a 2018.

35 Os dados utilizados referem-se ao período de 2008 a 2018.

36 Nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2018.

hipótese de encontrar outros brasileiros com tal especificidade, contactamos o Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes de Torres Vedras, a fim de obter informações acerca da possibilidade daquela instituição ter um registro de imigrantes brasileiros que se encaixassem no perfil da amostra. Entretanto, de acordo com informações prestadas pela técnica Sra. Elsa Neto, o CLAIM não possuía esse registro específico, mas apenas o total de atendimentos a imigrantes brasileiros naquela instituição desde 2008.

Na segunda fase, vinculada ao trabalho de campo, estabelecemos contatos com as pessoas que aceitaram participar da pesquisa, a fim de agendar data e horário para as entrevistas. Os entrevistados foram contactados por meio de mensagens de *WhatsApp* e/ou pelo *Messenger*, e informados com antecedência acerca do objeto da pesquisa, dos respectivos objetivos, da instituição do mestrado, tendo sido assegurado de forma clara a natureza confidencial e anónima da recolha, tratamento e divulgação dos dados, e se aceitavam o registo das entrevistas por meio de gravador de voz. Dos 21 entrevistados, somente dois não aceitaram que a entrevista fosse gravada, o que exigiu anotação das informações em bloco de notas. Dentre os entrevistados, conhecíamos uma pessoa, que, de forma generosa, abriu sua casa no Porto para que as entrevistas fossem ali realizadas (os entrevistados residentes no concelho do Porto, fazem parte do círculo de amizade daquela brasileira). O casal entrevistado em Torres Vedras foi indicação de amigos que moram no Brasil.

A terceira fase, a mais importante fase do processo da pesquisa, foi a realização das entrevistas. Constituiu um momento em que a exposição das pessoas entrevistadas revelou que nada se sabe o que se pensava saber, e que podemos deparar-nos com contradições às nossas verdades.

A entrevista individual em profundidade é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes... Entre as principais qualidades desta abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta, e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas... as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospetivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenómenos de abrangência limitada (Duarte 2005:1, Iorio, 2018: 110).

Relativamente ao processo de realização das entrevistas, cabe ressaltar que o fato de os participantes da amostra serem da mesma nacionalidade desta pesquisadora propiciou uma

relação de confiança entre entrevistados e entrevistadora, o que contribuiu para que os entrevistados se sentissem confortáveis em revelar suas reais experiências. Fedjuk & Zentai (2018:179) afirmam que “quando um pesquisador compartilha a mesma origem étnica ou nacional que o grupo de indivíduo pesquisado, supõe-se que ele se torne um *insider* das perspectivas e/ou posições sociais do pesquisado”, o que favorece uma maior intimidade e autenticidade acerca das informações compartilhadas.

A quarta fase consistiu na transcrição, codificação e análise das entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente. Um processo demorado, realizado (quando possível) logo após o término do encontro com o entrevistado, de forma integral, conforme o registado nos áudios, exigindo um arranjo posterior para tornar o discurso inteligível depois de escrito (Guerra, 2006). Buscamos transcrevê-las a partir de uma ordem de questão-resposta, o que possibilitou uma posterior codificação estrutural horizontal em que todas as respostas dos entrevistados fossem identificadas. Na sequência, iniciamos o processo de codificação das entrevistas, que consistiu na criação de categorias e subcategorias com base no guião de entrevistas, a fim de obter informações de cada um dos códigos criados. Na segunda etapa, realizamos uma leitura de todas as entrevistas transcritas, distribuindo as informações dos entrevistados pelas diversas categorias e subcategorias. Um processo de desmontagem dos textos que, de acordo com Moraes (2003:191), “implica examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados”. Na terceira etapa, fizemos uma (re)leitura das entrevistas, por categoria e subcategoria, a fim de verificar se a categorização foi interpretada de acordo com a questão da investigação. Resende (2016:55) adverte que a “validação da categorização diz respeito à configuração como essa se realizou e foi interpretada de uma forma que esteja correlacionada com a questão de investigação”.

Isso posto, destacamos a relevância desta investigação diante da ausência de estudos específicos sobre o caso português no que tange à imigração de reformados brasileiros e alguma sobreposição conceitual entre os termos utilizados para definir este fluxo migratório. Algumas dificuldades foram encontradas para a realização deste estudo, mas nenhuma que impedisse a sua realização. A análise de dados nos estudos de migrações internacionais, regra geral, submete-se a escassez e fragilidade de informação estatística de base (Rego et al., 2010). No caso português, o INE, o SEF e o Alto Comissariado para as Migrações (ACM) disponibilizam relatórios atualizados que permitiram retirar algum conhecimento relativamente aos stocks e

aos fluxos, nomeadamente através da quantificação das solicitações de vistos e autorização de residência. Os dados utilizados nesta pesquisa referem-se ao período de 2008 a março de 2019.

3.3 Amostra

O estudo de caso é a migração de reformados brasileiros para Portugal. É uma população muito específica, constitui um fenómeno de crescimento significativo recente (o que dificulta a identificação de seus elementos), e está inter-relacionada por redes de conhecimento. Assim, a amostra foi obtida de forma intencional, uma vez que não há intenção de generalizar os dados obtidos na amostra para a população pesquisada (mobilidade de reformados brasileiros para Portugal). Não obstante, a intencionalidade da escolha torna o trabalho mais rico em termos qualitativos.

Os participantes foram contactados por meio da rede de relacionamentos de amigos próximos desta pesquisadora e de grupos da rede social *Facebook* para os imigrantes brasileiros em Portugal. Em seguida, utilizou-se amostragem por efeito *snowball* (Biernacki & Waldorf, 1981; Snijders, 1992, Vicente, 2012), ampliada através de contactos de grupos de *WhatsApp*.

Foram realizadas 21 entrevistas *semiestruturadas* (com perguntas abertas e com um formulário sociodemográfico complementar), aplicadas a uma amostra ilustrativa da população imigrante brasileira reformada que reside em Portugal. Se observarmos os quadros 4 e 5 (vide item 2.2 do Capítulo 2), é possível verificar que o peso na entrada de nacionais brasileiros mais idosos se tem reforçado ao longo dos anos (2008-2018), notadamente a partir de 2016. Apesar de não sabermos se todos os nacionais brasileiros - que entraram em Portugal no referido período pesquisado - têm um Visto D7, podemos afirmar que a amostra se aproxima do perfil de brasileiros que procuram viver a sua reforma em Portugal.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de janeiro e março de 2019. 21 brasileiros reformados foram entrevistados presencialmente, nos concelhos de Lisboa (4), Torres Vedras (2), Almada (3), Amadora (1), Setúbal (1), Sintra (1), Oeiras (2), Cascais (1), Porto (5), e Vila Nova de Gaia (1). A amostra foi concluída com um total de 21 entrevistados porque verificou-se que as informações prestadas eram recorrentes e sem novos dados que pudessem indicar novas perspectivas à investigação.

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori - tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso, as entrevistas precisam continuar sendo feitas (Duarte, 2005: 143-144).

A *priori* não foi determinado um intervalo de tempo de chegada dos possíveis entrevistados porque o interesse na investigação centrou-se nas motivações da mobilidade dos reformados brasileiros para Portugal. Os entrevistados migraram para Portugal entre 2016 e 2018. Os critérios estabelecidos para a amostra foram: i) ter migrado no após a reforma ou encerramento da vida laboral; ii) estar residindo em Portugal há, no mínimo, seis meses. O critério temporal foi estabelecido a partir da definição de Warnes (1991), ao observar que a mudança de residência passa a ter um caráter permanente quando a fixação no local de destino supera os seis meses.

Os participantes da amostra são brasileiros reformados (alguns com dupla cidadania: brasileira e/ou portuguesa e italiana), oriundos de diferentes unidades da federação brasileira, com idades que variam entre 51 a 75 anos. Suas origens de classe social variam, embora os que são reformados em atividades profissionais desenvolvidas no serviço público apareçam com maior representatividade na amostra, o que significa que usufruem de melhores pensões. As entrevistas duraram entre 45 minutos a 1h50min e se concentraram nas histórias acerca das motivações para a tomada de decisão em migrar para Portugal (Guião de entrevistas – Anexo 1). Os participantes detalharam o projeto migratório; a escolha por Portugal; as dificuldades iniciais para se estabelecerem nos concelhos escolhidos; as expectativas *versus* realidade; o processo de adaptação e inserção na comunidade de acolhimento, bem como as expectativas futuras. Goodson & Grzymala-Kazłowska, (2017:9), argumentam que a discussão acerca das vidas dos participantes, por meio de entrevistas em profundidade, é uma maneira útil de estudá-los porque suas "experiências são únicas e difíceis de acessar através de pesquisa convencional e recursos documentais" (Repetti & Calasanti, 2019:7).

Concluída a apresentação da parte empírica desta investigação, o capítulo seguinte apresentará a discussão dos resultados da pesquisa de campo. A partir da análise das 21 entrevistas realizadas, que buscou compreender o processo migratório dos reformados brasileiros residentes em Portugal, a primeira parte do capítulo discute o perfil sociodemográfico do grupo

pesquisado, confrontando os dados obtidos com outras pesquisas encontradas na revisão de literatura. As partes seguintes, por sua vez, apresentam o resultado da discussão que objetivou clarificar e identificar as motivações dos reformados brasileiros em emigrar para Portugal, assim como desvelar o processo migratório.

Capítulo 4 – O processo migratório: as motivações e as perspectivas do imigrante reformado brasileiro em Portugal

As motivações envolvidas nas decisões da imigração internacional de reforma são muitas e variadas. Além de questões de ordem econômica (como exemplo, reduzir custos de vida; oferta de benefícios fiscais, etc.) e estado de bem-estar (amenidades; oferta de serviços de saúde e cuidados, entre outros), as questões familiares (cuidados domésticos; proximidade com a família; casamento; divórcio; separação; luto; etc.) e a perspectiva “reconfortante” de retornar ao país de origem constituem motivações envolvidas na migração de indivíduos mais velhos e de reformados (Ormond & Toyota, 2016). Depois de uma vida de trabalho e poupança, a reforma pode proporcionar uma oportunidade para os indivíduos a migrar para lugares que anteriormente podem ter sido menos viáveis devido às limitações familiares e de emprego (Dorfman & Mandich, 2016).

Por outro lado, as motivações podem estar vinculadas ao impacto de precariedade na reforma, ou seja, a dificuldade em atingir a qualidade de vida previsto após a reforma, o que justifica a migração para áreas de baixo custo de vida ou que ofereçam incentivos fiscais ou outras comodidades específicas (Dorfman & Mandich, 2016; Hayes, 2014).

Os estudos levantados durante a revisão bibliográfica permitiram-nos ter uma noção dos projetos migratórios e suas motivações, especificamente daqueles grupos oriundos dos países com um maior índice de desenvolvimento econômico conhecidos como o Norte-Global (Williams et al., 1997; Williams, King, Warnes & Petterson, 2000; entre outros). As evidências sugerem que a migração de reformados “mais jovens” está vinculada ao tipo *lifestyle* e concentrada em grupos familiares com menos restrições financeiras (Pennington, 2013). Outras motivações, por outro lado, estão vinculadas a queda no poder de compra, que tende a diminuir após a reforma. Outras motivações, por sua vez, encontram-se vinculadas a utilização do capital econômico e recursos acumulados durante a vida laboral – que tendem a diminuir após a reforma – a fim de manter o padrão de vida do migrante em outro país (Toyota & Xiang, 2012; Dixon, Murray & Gelatt, 2006; Sunil, Rojas & Bradley, 2007; Hayes, 2014; Ormond & Toyota, 2016; entre outros). Nestes estudos, observamos o interesse em um novo tópico na migração internacional de reforma: o deslocamento de pessoas de áreas socioeconômicas mais desenvolvidas em direção a países que compõem o Sul-Global (áreas socioeconômicas menos desenvolvidas), que oferecem maior poder de compra e/ou benefícios fiscais,

independentemente se localizados em áreas fronteiriças, ou mesmo em regiões relativamente distantes (Bender et al., 2018).

Este trabalho procurou analisar um fluxo atípico de migrantes reformados, que se deslocam de um país localizado no Sul-Global, a fim de fixar residência e vivenciar uma nova experiência (na idade madura) em um país do Norte-Global. O estudo de caso é a migração de reformados brasileiros para Portugal. De acordo com o Relatório Estatístico Anual de 2018 - divulgado pelo Observatório das Migrações - em 2016 e 2017 verificou-se um aumento de 21% e 27,3%, respectivamente, nos vistos de residência concedidos a reformados brasileiros (Oliveira & Gomes, 2018: 49). O SEF informou em 2019 que, no intervalo entre 2014 e março de 2019, foram concedidos 6.509 vistos de residência do tipo D7 (reformados; titulares de rendimentos - provenientes de bens móveis ou imóveis, da propriedade intelectual ou de aplicações financeiras - e religiosos). Desde 2017, os reformados brasileiros constituem o segundo maior grupo de imigrantes estrangeiros reformados em Portugal, sendo superado somente por aqueles originários do espaço da UE.

Considerando que o padrão socioeconómico de um reformado brasileiro, regra geral, difere daquele oriundo do espaço da UE28 ou de outro país considerado economicamente desenvolvido, como justificar o aumento da emigração de reformados brasileiros para Portugal, notadamente a partir de 2014? Quem são esses brasileiros? Explico.

A partir da análise do perfil sociodemográfico da amostra que serviu de base para o estudo de caso do presente trabalho (Quadro 6), podemos afirmar que os participantes do referido grupo pesquisado - nascidos entre os anos de 1943 e 1968 - encontram-se inseridos nas classes sociais B e C (se considerado o critério do IBGE), e B1, B2, C1 e C2 (se considerado o “Critério Brasil”). As rendas da população que faz parte do estrato B permitem o acesso a um padrão de vida relativamente privilegiado (acesso à informação e a bens culturais, viagens internacionais, serviços de educação privada, serviços de saúde privados de ponta, bebidas e comidas importadas, entre outros) restrito às camadas sociais inseridas nas categorias D e E (Oliveira, 2015). A chamada nova classe média brasileira (classe C), no entanto, não usufrui exatamente do mesmo “consumo diferenciado de grife, de viagens internacionais, serviços de educação privada, serviços de saúde privados de ponta, bebidas e comidas importadas” como as classes A e B (Oliveira, 2015: 109). Matos (2019:5) afirma que “a média da faixa C é efetivamente a

que mais se aproxima da média da população brasileira como um todo, não só em termos de renda, mas também em outros aspectos, como escolaridade e distribuição espacial”.

A ascensão da classe média brasileira foi impulsionada principalmente a partir da década de 1930 com a economia brasileira sendo forjada no forte crescimento do setor industrial com participação do Estado na economia, e conseqüente urbanização do país. Um processo que se acelerou nas décadas de 1960 e 1970, gerando uma maior oferta de emprego assalariado e, na seqüência, abrindo espaço para o surgimento de uma classe média composta por funcionários e gerentes de grandes empresas e repartições públicas (Oliveira, 2015).

Nas décadas de 1980 e 1990 houve uma mobilidade descendente da classe média assalariada. Isso se deu em função da desaceleração do crescimento da economia nacional (na década de 1980) decorrente da transição do emprego industrial e da burocracia do Estado para postos no setor de serviços (Pochmann et al., 2006). Na segunda metade da década de 1990, ocorreu uma nova tentativa de estabilização da economia brasileira, alicerçada no chamado “Plano Real”, o que favoreceu o fortalecimento da classe média e o substancial crescimento da chamada classe média “C”, que passou a desfrutar de alguns bens de consumo e acesso ao nível superior, notadamente na primeira metade da década dos anos 2000 (Oliveira, 2015).

Apesar das divergências teóricas, há certo consenso no âmbito da literatura acadêmica brasileira sobre a ascensão do grupo social intitulado “nova classe média³⁷ brasileira” ou “classe C”³⁸, nos anos 2000. De acordo com Matos (2019:4), “este segmento teria crescido de 44,19% da população, em abril de 2002, para 51,89% em abril de 2008”, o que significa que “passou a representar mais da metade da população brasileira” (Neri, 2008; Oliveira, 2015; Matos, 2019).

A partir dessa perspectiva, o presente estudo busca identificar as motivações que levam os brasileiros reformados a se deslocarem para Portugal e habitar um novo espaço de vida em uma idade em que a capacidade de adaptação pode apresentar algumas limitações. Para melhor

37 Não há consenso em torno do conceito de classe média, podendo variar os critérios objetivos utilizados em sua definição (renda, escolaridade, ocupação, padrão de consumo, etc.), assim como os subjetivos (valores, aspirações, identidade, etc.). Contudo, há um aspecto valorativo e de aspiração comum a quase todas as definições é de que ser classe média é almejar uma vida melhor para o futuro e buscar distinção via padrão de consumo para garantir a posição no status de classe média (Oliveira, 2015:105).

38 “A classe C é a classe central abaixo da A e B e acima da D e E. A fim de quantificar as faixas calculamos a renda domiciliar per capita do trabalho e depois a expressamos em termos equivalentes de renda domiciliar total de todas as fontes. A faixa C central está compreendida entre os R\$ 1.064 e os R\$ 4.561 a preços de hoje na Grande São Paulo. A nossa classe C está compreendida entre os imediatamente compreendidos acima dos 50% mais pobres e os 10% mais ricos na virada do século”. (Neri, 2008: 5)

clarificar e identificar as motivações dos reformados brasileiros em migrar para Portugal, assim como desvelar o processo migratório (planeamento, meios mobilizados, aspirações); as expectativas *versus* realidade da experiência migratória e as relações com a origem; e, as perspectivas futuras (fixação, reemigração ou retorno), este capítulo divide-se em sete subtemas: (1) O perfil sociodemográfico dos entrevistados; (2) A decisão migratória e as motivações; (3) A escolha de Portugal como país de destino; (4) A chegada em Portugal e a importância das redes sociais; (5) Expectativas *versus* realidade: as imagens sociais dos portugueses e de Portugal; (6) As práticas transnacionais e os contatos com o lugar de origem; (7) Perspectivas futuras (ficar/reemigrar/retornar).

4.1 O perfil sociodemográfico dos entrevistados

Durante a entrevista foi aplicado um formulário sociodemográfico complementar que permite ter uma ideia do perfil dos entrevistados (vide Quadro 6).

Quadro 6³⁹: Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados

Entre vistados (nome fictício)	Idade Sexo Estado civil	Nacionalidade	Formação acadêmica	Renda familiar (Reais/ Euros ⁴⁰)	Ano em que se aposentou/ Ano que chegou a Portugal	Cidade brasileira onde residia/ unidade da federação	Local onde fixou residência em Portugal/ tipo de habitação/ regime de propriedade	Situação legal no país
01 Gina	59 F Casada	Brasileira	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2016/2016	Campinas (SP)	Lisboa apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
02 Leo	64 M Casado	Brasileiro	Pós-graduação (especialização)	Entre R\$ 7.000,00 a R\$ 10.000,00/ Euros 1.547, 92 a 2.211,51	2012/2017 (fevereiro)	Vitória (ES)	Torres Vedras apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
03 Eni	52 F Casada	Brasileira	Graduação (ensino superior)	Entre R\$ 7.000,00 e R\$ 10.000,00/ Euros 1.547, 92 a 2.211,51	Não é aposentada/acompanhou o marido/2017	Vitória (ES)	Torres Vedras apartamento/ arrendado	Residência temporária/ beneficiário derivado ⁴¹
04 Naldo	69 M Casado	Dupla cidadania (brasileira/portuguesa)	Graduação (ensino superior)	Entre R\$ 2.501,00 e R\$ 4.999,00 Euros 553, 05 a 1.105,43	1999/2017 (dezembro)	Cabo Frio (RJ)	Porto apartamento/ arrendado	Cidadão português (cartão cidadão)

39 Elaborado pela própria.

40 <https://economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/euro-uniao-europeia/>. Disponível em 06/11/2019.

41 Beneficiário derivado designa uma pessoa, geralmente o cônjuge ou uma criança menor, a quem pode ser conferido o estatuto de imigrante com base no requerimento de outrem.

05 Dina	64 F Casada	Brasileira	Graduação (ensino superior)	Entre R\$ 2.501,00 a R\$ 4.999,00 Euros 553, 05 a 1.105,43	2016/2017 (outubro)	Resende (RJ)	Porto apartamento/ arrendado	Residência temporária/ beneficiário derivado (acompanha marido que faz mestrado)
06 Iria	52 F Viúva	Brasileira	Pós-graduação (especialização)	Entre R\$ 2.501,00 a R\$4.999,00 Euros 553, 05 a 1.105,43	Não é aposentada (deixou o emprego) /renda proveniente da pensão de viuvez/2017 2017	Campinas (SP)	Porto apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
07 José	56 M Casado	Brasileiro	Graduação (ensino superior)	Entre R\$ 7.500,0 a R\$ 10.000,00 Euros 1.547, 92 a 2.211,51	2005/2016	Salvador (BA)	Porto casa/outro (Obs: possui imóvel financiado e arrendado para terceiro)	Visto D7 (religioso)/ residência temporária
08 Tina	62 F Viúva	Dupla cidadania: brasileira e portuguesa	Graduação (ensino superior)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2016/2017	Rio de Janeiro (RJ)	Porto apartamento/ arrendado	Cidadã portuguesa (cartão cidadão)
09 Roger	61 M Casado	Brasileiro	Graduação (ensino superior)	Entre R\$ 2501,00 e R\$ 4.999,00 Euros 553, 05 a 1.105,43	2011/2017	Porto Alegre (RS)	Lisboa apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
10 Ana	67 F Viúva	Brasileira	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2010/2018 (junho)	Porto Alegre (RS)	Setúbal (Azeitão) casa/imóvel financiado	Visto D7 residência temporária
11 Raí	51 M Divorciado	Brasileiro	Ensino médio	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2015/2017 (junho)	Novo Hamburgo (RS)	Sintra apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
12 Nise	59 F Casada	Brasileira	Graduação (ensino superior)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2015/2017 (novembro)	Sorocaba (SP)	Almada apartamento/ arrendado	Beneficiário derivado (reagrupamento familiar de cidadão da UE)
13 Celio	58 M Casado	Dupla cidadania: brasileira e italiana	Graduação (ensino superior)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2009/2017 (outubro)	Jundiaí (SP)	Almada apartamento/ imóvel financiado	Visto D7 residência temporária/concluiu a cidadania

								italiana quando em Portugal
14 Monise	51 F Solteira	Dupla cidadania: brasileira e portuguesa	Graduação (ensino superior)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	Não é aposentada/ Outra fonte de renda/ 2017 (setembro)	Rio de Janeiro (RJ)	Oeiras apartamento/ arrendado	Cidadã portuguesa (cartão cidadão)
15 Lucia	75 F Viúva	Dupla cidadania: brasileira e portuguesa	Ensino médio	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2005/2017 (setembro)	Rio de Janeiro (RJ)	Oeiras apartamento/ arrendado	Cidadã portuguesa (cartão cidadão)
16 Elcia	66 F Solteira	Brasileira	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2013/2018 (maio)	Manaus (AM)	Almada apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
17 Ruiz	71 M Casado	Brasileiro	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2002/2016 (dezembro)	Rio de Janeiro (RJ)	Cascais apartamento/ imóvel financiado	Visto D7 residência temporária
18 Elisa	62 F Solteira	Brasileira	Pós-graduação (especializaçã)	Entre R\$ 7.500,00 a R\$ 10.000,00 Euros 1.547, 92 a 2.211,51	2009/2017 (setembro)	Rio de Janeiro (RJ)	Lisboa apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
19 Lícia	54 F Divorciada	Brasileira	Pós-graduação (especializaçã)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2015/2018 (janeiro)	São Paulo (SP)	Amadora apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
20 Breno	54 M Casado	Brasileiro	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2017/2017	Rio de Janeiro (RJ)	Lisboa apartamento/ arrendado	Visto D7 residência temporária
21 Céia	57 F Casada	Brasileira	Pós-graduação (especialização)	Acima de R\$ 10.000,00 Euros 2.211,51	2018/2018	Vitória (ES)	Vila Nova de Gaia Apartamento/ imóvel financiado	Residência temporária (reagrupamento familiar de cidadão da UE)

Dos 21 entrevistados (13 do sexo feminino e 08 do sexo masculino)⁴², verifica-se que 16 têm somente a nacionalidade brasileira; 04 têm dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa); e 01 possui as cidadanias brasileira e italiana. Apresentam um elevado grau de escolaridade, sendo na quase totalidade com formação superior, inclusive com grau de especialização, em alguns casos.

Considerando os estratos etários do perfil dos entrevistados, há um predomínio de grupos etários menos envelhecidos, de 51 a 64 anos, e casados (12). De acordo com os dados revelados pelo INE (2017), 13,9% da população residente em Portugal, de nacionalidade brasileira, encontra-se na faixa etária entre 50 e 64 anos.

Quanto ao padrão socioeconómico, constata-se que aqueles que fixaram residência na Área Metropolitana de Lisboa apresentam as melhores rendas familiares, com valores acima de R\$ 10.000,00 (dez mil Reais)⁴³, se comparadas com os rendimentos de pensões auferidas pelos que residem em Porto e Torres Vedras. A escolha do local de residência tem relação com o preço das habitações ao nível local⁴⁴. Uma realidade com a qual os reformados brasileiros se depararam, e que será analisada e discutida ainda neste capítulo.

Observa-se que os participantes da amostra chegaram a Portugal em 2016 (3), 2017 (14) e 2018 (4), fato que está em consonância com os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (vide Quadro 2, no Capítulo 2).

Uma questão importante neste tipo de fluxo migratório é o acesso ao território português de forma legal (portadores de vistos D4, D6 e D7; e de cidadania portuguesa), o que implica na eliminação de qualquer risco no investimento e esforço realizado durante o processo migratório.

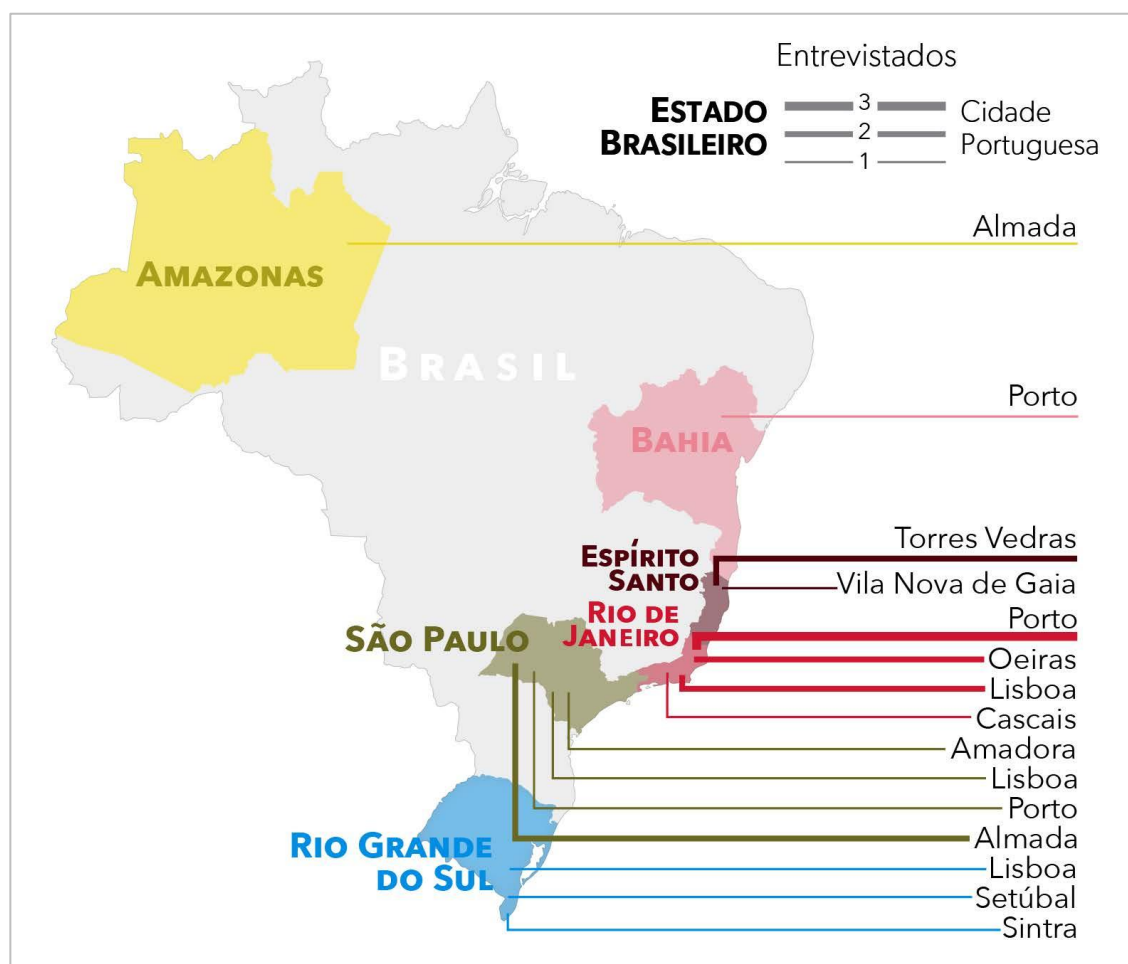
42 Um número ligeiramente maior de mulheres do que homens participaram das entrevistas, embora a pesquisa tenha buscado ativamente evitar esse viés, elas não foram totalmente bem-sucedidas.

43 Equivalente a cerca de 2.300 euros, em 19/04/2019 (<https://www.bportugal.pt/conversor-moeda>)

44 Em 2017, o valor mediano das rendas de alojamentos familiares com novos contratos de arrendamento no país fixou-se em 4,39 euros por metro quadrado e os municípios que superaram aquele valor localizam-se maioritariamente na Área Metropolitana de Lisboa e no Algarve. O município de Lisboa apresentou o valor de renda mais elevado (9,62 euros/m²), e com valores acima de 6,5 euros/m² destacavam-se os municípios de Cascais (8,6 euros/m²), Oeiras (7,84 euros/m²) e o Porto (6,77 euros/m²). As sub-regiões NUTS III, Área Metropolitana de Lisboa, Região Autónoma da Madeira, Algarve e Área Metropolitana do Porto registraram valores medianos das rendas por metro quadrado superiores ao valor nacional. As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto representavam, em conjunto, cerca de 51% do número total de novos contratos de arrendamentos. (<https://www.ine.pt>)

Quanto à distribuição espacial das áreas brasileiras, verifica-se que há um predomínio dos estados de Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul como locais de origem. No que se refere ao local de fixação de moradia em Portugal, a amostra revela uma concentração nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto (Figura 5).

Figura 5: Locais de origem e destino dos reformados brasileiros participantes da amostra



Fonte: Elaboração própria.

As características sociodemográficas dos migrantes reformados brasileiros coincidem com alguns dos resultados encontrados nos estudos de caso de “seis inquéritos sociais sistemáticos aplicados (a migrantes reformados europeus) em oito regiões do Sul da Europa e das Ilhas Canárias”, conforme relatado por Casado-Díaz et al. (2004:353). Os estudos revelaram que a migração de reformados do Norte da Europa em direção ao sul deste continente é empreendida predominantemente por (1) casais com idades entre cinquenta e sessenta anos; (2) população relativamente idosa mais jovem; (3) casais com dupla nacionalidade; (4) pertencentes a grupos sociais de classe média e alta (o que evidencia que a migração internacional de reformados

permanece restrita aos mais ricos e é fortemente padronizada pelo contexto socioeconômico dos migrantes); (5) a maioria dos entrevistados afirmou que não estava mais trabalhando ou estavam envolvidos no trabalho voluntário não remunerado (Casado-Díaz et al., 2004:360 e 363).

Por outro lado, a pesquisa apresentada por Casado-Díaz et al. (2004:366) constatou que “a grande maioria dos entrevistados possuía suas propriedades” no país de acolhimento, o que difere da amostra apresentada no presente estudo onde a maioria dos entrevistados afirmou viver em imóveis arrendados. Dos 21 entrevistados, somente 5 haviam adquirido um imóvel (todos financiados). Destes, 1 adquiriu um imóvel, mas arrendou para terceiro. Um outro entrevistado registrou o imóvel como “alojamento local” e aluga um dos quartos para temporada de curta duração por intermédio da plataforma *airbnb*. Considerando ser o valor da prestação do financiamento de um imóvel mais vantajoso do que o custo de um arrendamento, a maioria dos entrevistados pretende adquirir um imóvel, no futuro, em Portugal, utilizando recursos da venda de imóvel próprio no Brasil ou por meio de uma nova hipoteca. Uma minoria dos entrevistados - não tendo certeza quanto ao futuro (permanência ou não em terras lusitanas) – afirmou preferir permanecer em imóvel arrendado.

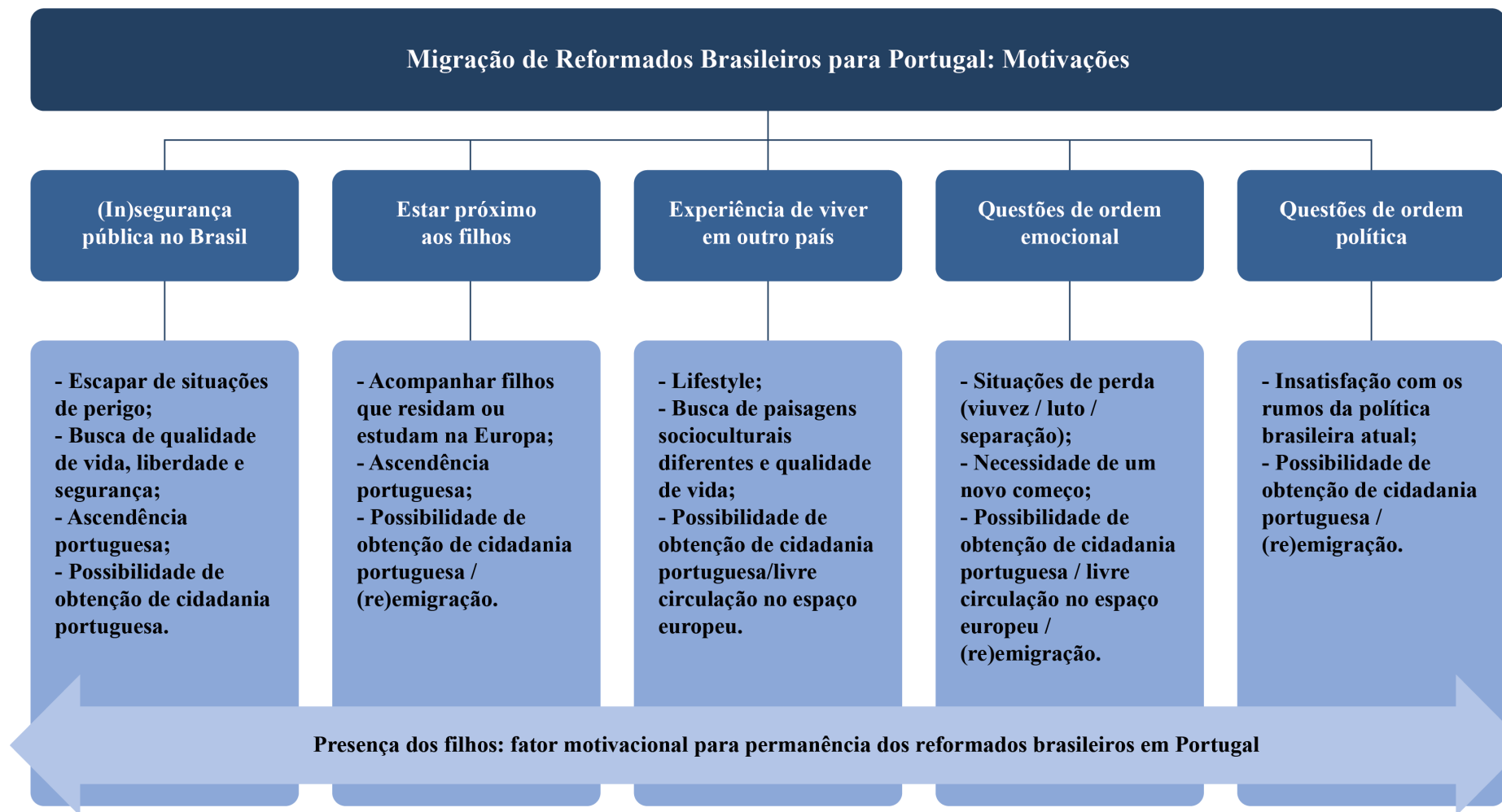
Outra questão observada na amostra refere-se às cidades brasileiras de origem dos reformados brasileiros. Dentre os 21 entrevistados, 14 são oriundos de capitais de unidades da federação brasileira (Porto Alegre, Manaus, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória); 4 emigraram de cidades que se destacam - no contexto brasileiro - como áreas de elevado nível econômico e expressiva população, quais sejam: Campinas, Jundiaí e Sorocaba (todas cidades localizadas no estado de São Paulo). Warnes & Williams (2006:1265) observam que, de igual modo, os migrantes reformados europeus são originários dos grandes centros urbanos da Europa Ocidental. Quanto ao destino, enquanto os reformados europeus se deslocaram para o sul do continente europeu em busca de “áreas de alta amenidade de dois tipos: zonas costeiras restritas, em que se aglomeram, e áreas rurais com paisagem de valor excepcional, em que geralmente se dispersam” (como exemplos a *Costa del Sol*, na Espanha, e a *Toscana*, na Itália), os reformados brasileiros – participantes da presente pesquisa – fixaram residência nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

4.2 A decisão migratória e as motivações

A aspiração de migrar emerge dentro de um ambiente de emigração em particular, abrangendo os contextos sociais, econômicos e políticos em que existem construções sociais particulares de migração. As características individuais interagem com este ambiente para determinar os padrões de quem deseja sair e quem deseja ficar (Carling & Schewel, 2018: 946).

Esta seção apresenta o perfil das principais motivações da decisão migratória verificadas nas entrevistas realizadas com 21 reformados brasileiros, que fixaram residência em Portugal a partir de 2016. Da análise de todas as entrevistas, o que sobressai na maioria das explicações para justificar a emigração para Portugal é a sobreposição de uma (ou mais) motivações que os impulsionaram a deixar a vida que tinham antes. Destacamos os fatores de motivações em quatro grupos (Figura 6). O primeiro grupo, constituído por participantes da amostra que destacaram a questão da (in)segurança pública como fator determinante na decisão de emigrar para Portugal. O segundo grupo engloba deslocamentos motivados pelo desejo de estar mais próximos aos filhos, que fixaram residência na Europa e não há previsão de retorno ao Brasil. A terceira categoria representativa na amostra, engloba deslocamentos motivados pelo desejo de ter experiência de viver em outro país. A quarta categoria, é composta por migrantes que optaram pela mobilidade por questões de ordem emocional. A última categoria, e em menor representatividade (somente declarada explicitamente por um dos entrevistados), mas não menos importante, é motivada por questões de ordem política.

Figura 6: Visão geral das motivações



Fonte: Elaboração própria.

A questão da (in)segurança pública no Brasil

Há uma crença comum que os reformados brasileiros que decidiram fixar residência em Portugal o fizeram em decorrência da situação de (in)segurança pública brasileira, aliada a instabilidade política e financeira do país (Montezuma & McGarrigle, 2019). Uma crença fundamentada em experiências cotidianas dos brasileiros, divulgadas na imprensa nacional e internacional (Cazarré, 2018; Pinto, 2018), e em dados estatísticos, como exemplo o da taxa de homicídios no Brasil, que cresceu cerca de 259% nos últimos 30 anos (Waiselfisz, 2014).

Segundo os dados oficiais do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), em 2017 houve 65.602 homicídios⁴⁵ no Brasil, o que equivale a uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país. (Atlas da Violência 2019:5)

O crescimento exponencial da violência no Brasil, associado principalmente às taxas de homicídios, implica na alocação de elevados recursos públicos voltados para o combate à criminalidade. A necessidade de cada vez mais investimentos no setor de segurança pública, os governos (federal, estadual e municipal) e a sociedade brasileira em geral estão a considerar o problema da criminalidade como um dos mais sérios obstáculos ao desenvolvimento econômico e social do Brasil (Procópio & Toyoshima, 2017).

Os fatores que explicam as causas para o agravamento da criminalidade no Brasil são diversos, complexos e interligados. Procópio & Toyoshima (2017) destacam os principais fatores que a literatura brasileira tem analisado e considerado como causalidade no aumento da criminalidade no Brasil. Em sua revisão de literatura, estes autores enumeram quatro fatores principais: (1) a desigualdade socioeconômicas entre as regiões, estados e municípios brasileiros; (2) o processo brasileiro de urbanização, que gerou o declínio da qualidade de vida das camadas mais pobres da população nos centros urbanos; (3) a má gestão dos recursos públicos destinados ao setor educacional; e (4) o crescimento do crime organizado, notadamente vinculados ao comércio de drogas ilícitas.

45 No Atlas da Violência seguimos, portanto, a definição de “homicídios” estabelecida pelo Protocolo de Bogotá: “O homicídio se define, para o presente propósito, como a morte de uma pessoa causada por uma agressão intencional de outra(s). Nesse sentido, excluem-se os homicídios não intencionais, os acidentais e as tentativas de homicídio (...). Além disso, são consideradas as mortes por agressão cometidas por agentes públicos no exercício do seu dever profissional, mesmo quando sejam legais, bem como as mortes acontecidas no exercício da legítima defesa por parte de qualquer pessoa. Em consequência, essa definição de homicídio não está limitada pela tipificação legal, que varia de país para país e inclui com frequência diversos tipos penais, mas por um conceito geral que não depende da legalidade ou ilegalidade dos fatos. Esta opção maximiza a comparabilidade internacional, é consistente com o objetivo de minimizar as mortes por agressão independentemente da sua legalidade e evita a demora que resulta da espera pela certeza de uma decisão judicial. (Open Society Foundations, 2015:4, citado no Atlas da Violência 2019:5).

O mercado ilícito de drogas é considerado o mais importante gerador de violência, notadamente vinculado à delinquência juvenil, uma vez que envolve a manutenção e continuidade da produção e comercialização de drogas. Um mercado que exige elevado custo na vigilância e fiscalização das fronteiras brasileiras, no aprimoramento e melhoria da infraestrutura dos órgãos de investigação e repressão ao tráfico de drogas (Procópio & Toyoshima, 2017).

Na amostra - que representa uma pequena parcela do emigrante brasileiro que fixou residência em Portugal após o encerramento de sua vida laboral - a questão de (in)segurança pública no Brasil aparece como mote propulsor na decisão de emigrar, especialmente nas declarações dos reformados oriundos dos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Carling & Schewel (2018:959) afirmam que “as aspirações de migração podem assumir uma variedade de formas, desde preferências orientadas ao estilo de vida até urgências para escapar do perigo, com inúmeras possibilidades no meio”. Ao examinarmos as explicações dos entrevistados acerca de suas motivações para fixar residência em Portugal, verificamos que os fatores mais significativos estão relacionados com a possibilidade de viver em um país mais seguro:

O motivo principal é a situação que o Brasil atravessa no que tange à segurança pública e saúde. O que realmente agravou foi a situação de insegurança. Morávamos em um bairro do Rio de Janeiro comandado por uma facção (milicianos)⁴⁶. Uma situação que me deixava muito preocupado. Meus netos não tinham coragem de sair para um passeio... estavam restritos ali. (Naldo, 69, Porto)

A atuação das milícias nas áreas periféricas do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense é uma questão que se alastra desde o início deste século. Esses grupos atuam de forma sistêmica, envolvendo órgãos estatais de segurança e a política municipal e estadual, e aterrorizam o cotidiano de cada vez mais pessoas. O termo milícia refere-se a ex-policiais (principalmente militares), bombeiros e agentes penitenciários, que tomam para si a função de proteger e dar “segurança” em vizinhanças supostamente ameaçadas por traficantes (Cano & Duarte, 2012:11-12).

46 O tema das milícias adquiriu notoriedade no Rio de Janeiro no ano de 2006, quando o termo foi cunhado para descrever grupos de agentes armados do Estado (policiais, bombeiros, agentes penitenciários etc.) que controlavam comunidades e favelas, oferecendo “proteção” em troca de taxas a serem pagas pelos comerciantes e os residentes. Estes grupos passaram também a lucrar com o controle monopolístico sobre diversas atividades econômicas exercidas nestes territórios, como a venda de gás, o transporte alternativo e o serviço clandestino de TV por cabo. (...). estes grupos de ex-policiais constituem o mesmo fenômeno conhecido como grupo de extermínio nas décadas de 1960, 1970 e 1980 na Baixada Fluminense e na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A novidade das milícias estaria apenas na ampliação dos negócios com a “venda” de produtos e serviços. (...) A diferença em relação aos grupos de extermínios é que estes, apesar de serem também compostos por policiais, cobram apenas de comerciantes locais e matam por encomenda. (Cano & Duarte, 2012:12-14).

Na verdade, basicamente o motivo foi a violência. Morava no Rio de Janeiro. Tenho uma casa em Teresópolis. Um vizinho, morador do lado de casa, quando dirigia para Teresópolis foi morto na Linha Vermelha⁴⁷. Isso em janeiro de 2016. Este fato foi determinante para a tomada de decisão. (Ruiz, 71, Cascais)

O motivo principal foi a busca de qualidade de vida, liberdade e segurança. No Brasil, estávamos cada vez mais em cárcere privado, não tínhamos o direito básico de ir e vir assegurado. Foi a primeira coisa que nos atraiu em Portugal. (Monise, 51, Oeiras)

As queixas de Naldo, Ruiz e Monise sobre a vida no Rio de Janeiro são típicas dos moradores dos grandes centros urbanos do Brasil, salientando a questão da (in)segurança pública e a privação do direito básico de ir e vir. A expressão usual para explicar a sensação de insegurança e a não proteção estatal é “cárcere privado”, ou seja, quando a “violência está nas ruas, quem vive preso é o cidadão”⁴⁸. Como bem expressou Breno (54, Lisboa): “morar no Rio de Janeiro, em uma cidade maravilhosa, e *enjaulado*”. Isso significa que as pessoas não se sentem seguras ao transitar no espaço público. Para a parcela da população que habita bairros de classes média e alta, “tal sentimento de insegurança e transformação da questão da violência em uma indústria se transfigura em um significativo aumento da procura pela segurança privada” (Mendes, 2014:60).

Estar próximo aos filhos

Em alguns casos, embora o discurso revele a questão da *(in)segurança pública* no Brasil, percebe-se que a motivação está mais vinculada a um projeto familiar, como exemplo acompanhar e/ou estar mais próximo aos filhos que residem na Europa, na fase pós-parental.

Há dois anos, meu filho veio para Portugal. Ele já tinha morado com o irmão (falecido) em Londres e Barcelona. Meu filho disse-me: “pai, você tem que vir para a Europa”. E eu sempre postergando... postergando... não tinha coragem. Já com quase setenta anos” (Naldo, 69, Porto)

Do mesmo modo, apontam os relatos de Ana (67 anos), e Lucia e Monise (mãe e filha, com 51 e 75 anos, respectivamente). Após a decisão dos filhos em fixar residência em Portugal,

47 A RJ-071, oficialmente denominada Via Expressa Presidente João Goulart e popularmente conhecida como Linha Vermelha, é uma via expressa do estado do Rio de Janeiro que liga os municípios do Rio de Janeiro e São João de Meriti, atravessando também o município de Duque de Caxias.

Disponível em

<https://www.google.com/search?q=linha+vermelha+rio+de+janeiro&coq=linha+vermelha+rio+&aqs=chrome.1.69i57j0l5.7192j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

48 Argumento do narrador de vídeo publicitário, que apresenta, em atmosfera lúgubre e dramática, um homem marcando riscos na parede da sua sala de estar, uma sala típica de classe média, tal como um presidiário o faria na parede da sua cela, a contabilizar o tempo de encarceramento (Almendra & Moraes, 2012:267-268)

resolveram acompanhá-los. Embora a questão da (in)segurança pública apareça, há um projeto familiar que impulsiona a decisão de migrar.

Acho que a questão da segurança foi a principal motivação. (...) Minha filha foi assalta à mão armada. Um filho foi assaltado duas vezes à mão armada. O mais velho – em frente da minha casa houve um assalto – e ele estava lá. A insegurança, no Brasil, foi o maior motivo. (...) Estive em Portugal em 2016. Vim com uma colega e conheci o país de sul a norte. (...) Quando retornei ao Brasil, informei a minha filha - que já pensava em morar em Portugal (o marido tem cidadania portuguesa) - acerca do desejo de morar em Portugal. (...) Vim com o visto D7. (Ana, Setúbal)

(...) não deixaríamos o Brasil porque queríamos acompanhar o crescimento do meu sobrinho (neto da minha mãe). Na época, meu sobrinho tinha cinco anos. Isso nos prendia muito. Pensava que quando ele estivesse adulto, e, eu, aposentada, viríamos para cá. (...) Para nossa surpresa, meu irmão decidiu mudar-se para Portugal. (Lucia e Monise, Oeiras)

No caso de Ana, não obstante tenha dito “sim” quando indagada se deixaria o Brasil independentemente da decisão de sua filha e genro, não estamos certos de que o faria. Decorridos oito meses da entrevista, encontrei-me com Ana e ela informou-me que um de seus filhos, que vive no Brasil, decidiu emigrar para Portugal no próximo ano. Interessante observar que não é só os pais a seguir os filhos, mas, ao contrário dos relatos verificados na revisão de literatura, neste caso específico e, também, no relato de Gina (Lisboa), são os filhos a seguir os pais: “*se minha filha permanecesse no Brasil, talvez tivéssemos retornado*”.

A migração com o objetivo de acompanhar os filhos constitui uma forma de incentivo à mobilidade de idosos. King, Lulle, Sampaio & Vullnetari (2016:188) entendem ser “uma solução para o problema da solidão e da frustração é que a geração mais velha siga seus filhos”. No entanto, por questões de políticas migratórias, as barreiras legais impõem restrições ao reagrupamento de pessoas idosas que desejam acompanhar os filhos que migraram. Assim, para alguns dos entrevistados, Portugal foi a segunda escolha como país de destino, o que lhes garantiria o acesso ao estatuto jurídico e a possibilidade de mobilizar-se no espaço europeu, estabelecendo conexões socioespaciais enquanto residentes em território português, como demonstram os relatos a seguir.

No primeiro momento, quando decidi sair do Brasil, pensei na Irlanda pelo fato do meu filho morar lá. Ele poderia agregar familiar. Quando o governo irlandês verificou que tenho renda própria, não conseguimos a aprovação. (Iria, 52, Porto).

A principal motivação para fixar residência em Portugal é estar próximo a minha filha que mora na Alemanha desde 2011. Ao conseguir a cidadania (portuguesa) pretendemos mudar para a Alemanha e ficarmos juntos de nossa filha e netos. (Roger, 61, Lisboa).

No que diz respeito ao espaço geográfico em que a migração ocorre, nem sempre o local de destino será o de permanência definitiva. Roger, embora tenha o título de residência português válido, só pode permanecer na Alemanha para “estadias até um período máximo de 90 dias por semestre” (informação disponível no site da [Embaixada da República Federal da Alemanha em Lisboa](#)⁴⁹). No caso de Iria, ela não reúne os requisitos necessários para reagrupamento familiar com o filho, que possui dupla cidadania (brasileira e italiana), pois não conseguiu comprovar relação de dependência por possuir renda própria. A alternativa encontrada é a permanência legal em Portugal e aguardar o período exigido para requerer a cidadania portuguesa⁵⁰. Iria, ao contrário de Breno, que pretende remigrar para a Alemanha, não deseja mais viver na Irlanda, preferindo ficar em Portugal.

A decisão de viver em Portugal está muito vinculada ao fato do nosso filho estar na Alemanha. Queríamos estar mais próximos dele. Não morar na Alemanha, mas estar algumas horas mais próximos. Até 2014 não pensávamos ou tínhamos interesse em viver fora do Brasil. (Nise, Almada)

Para Nise, não há óbice em viver na Alemanha. Seu esposo e filho possuem cidadania portuguesa, mas preferem morar em Portugal.

A experiência de Elcia, 66, residente em Almada, assemelha-se a de Roger e Iria. Necessita conseguir uma cidadania europeia para estar mais próxima ao filho. Um longo período de espera ainda os aguarda – mãe e filho – até conseguirem a cidadania portuguesa. O filho tem o título de residência sueco para fins de estudo. Sua permanência depende de acesso ao mercado de trabalho para permanecer legalmente na Europa.

O motivo foi estar mais próximo do meu filho. Meu filho estuda na Suécia (doutoramento). Não fui morar na Suécia porque perdemos o prazo para o reagrupamento familiar. Teria de solicitar no prazo de dez meses da chegada

49 Disponível em <https://lissabon.diplo.de/blob/1713524/be455211079ed9019be5186ec3c07043/folheto-informativo-visto-reuni%C3%A3o-familiar-do-filhos-data.pdf>

50 A nacionalidade por naturalização pode ser concedida depois de residência legal ao fim de seis anos ((alínea b, n.º 1, art.º 6, da (Lei Orgânica 2/2006 de 17 de abril)).

dele ao país. Meu filho ficará na Europa porque a oportunidade de emprego na área dele é maior.

Warnes & Williams (2006:1264) chamam a atenção para as estatísticas publicadas por agências de segurança social e de seguros na Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido sobre o número de pessoas que recebem benefícios vinculados à velhice em outros países. Para estes autores, a “inferência clara é que há fluxos substanciais de migrantes familiares que acompanham as migrações anteriores de seus filhos”. Isso significa que a mobilidade dos migrantes mais velhos está estreitamente ligada aos grupos familiares, o que implica na possibilidade de mudanças ao longo da vida condicionadas pela busca de bem-estar. Portanto, os locais de origem e de destino estão constantemente a ser reconstituídos.

Experiência de viver em outro país

Os resultados das pesquisas sobre a migração internacional de reformados demonstram que esse tipo de migração está vinculado a um estilo de vida voltado para o desejo de vivenciar novas experiências em lugares com melhor qualidade de vida, desfrutando uma vida amena, em lugares com clima agradável e autorrealização. Muitos estudos relatam que esses migrantes são, regra geral, pessoas com nível de renda acima da média, casados e migram como casais (Gibler et al., 2009; Benson & O’Reilly, 2009b). Para os migrantes reformados do Sul-Global, que se deslocam para os países do Norte-Global, a pesquisa revelou que são pessoas com um nível de renda acima da média no contexto socioeconômico do país de origem. No entanto, diferentemente dos indivíduos que se deslocam de países do Norte-Global em direção às áreas do Sul-Global com o objetivo de otimizar suas rendas, não há *geoarbitrage*, uma vez que o custo de vida no local de destino (países do Norte-Global) é maior. O relato de Gina, residente em Lisboa, confirma a necessidade de adequação da renda recebida no Brasil para arcar com as despesas em Portugal:

O mais difícil foi o arrendamento. É muito caro. É muito complicado porque é uma despesa que a gente precisa planejar. Então a gente vive com lápis e calculadora na mão. Mas... está dando. Não é barato. E a gente fica na expectativa: vai vencer o contrato de arrendamento, o que faremos depois, vamos ter de mudar ou não? É um problema, mas nós estamos conseguindo contornar. (...) Gastos com supermercado, alimento e vestuário não fogem à regra do Brasil. Acaba ficando mais ou menos semelhante ao que a gente vive lá. A gente teve que rever algumas coisas. Temos menos gastos, por exemplo: não temos gastos com carros e seguro-saúde.

Realmente a diferença cambial não é favorável, mas outros valores se levantam, como exemplo a segurança, os laços históricos entre Brasil e Portugal, o mesmo idioma:

Eu achei Portugal muito parecido com o Brasil. Ouvir o jeito de português falar, eu adoro. Lembra meu avô. Então é muito gostoso de ouvir. (Gina, Lisboa)

Com a reforma, um novo ciclo se inicia, possibilitando uma maior “liberdade individual de escolha residencial”, incluindo até mesmo a “escolha de residir em diferentes países ao longo do ano”. Encerrada a fase de vida laboral, as fontes de rendas não são mais geradas pela participação no mercado de trabalho e as escolhas de locais de moradia não são vinculadas ao emprego (de Coulon, 2016:6).

Entre os reformados brasileiros entrevistados, três explicitaram que o projeto de habitar um novo espaço para além das fronteiras do Brasil antecede ao encerramento da vida laboral. As motivações assemelham-se aos descritos sobre os migrantes *lifestyle*, que buscam paisagens socioculturais diferentes e qualidade de vida. Uma categoria de migrantes não orientada para o trabalho, mas para o consumo (Zainub & Tremblay, 2017), que cria seu próprio *ikigai* - traduzido por Gordon Mathews (1996) como “o que faz valer a pena viver” - em busca de algo que valha a pena viver (Ono, 2008).

Gina, 59, residente em Lisboa, relata que ela e o marido sempre desejaram ter a experiência de viver em outro país: “durante a vida nós pensamos em morar no Canadá (quando éramos mais jovens)”, “sempre desejamos ficar um tempo nos Estados Unidos”, “meu marido sempre quis muito”. O projeto inicial previa uma permanência por um período de seis meses em Lisboa. Todavia, a migração é um processo e não um ato concluído (McGarrigle & Ascensão, 2017). Quando entrevistei Gina, em 2019, esse prazo tinha alargado para além de dois anos. Embora o projeto fosse do casal, uma de suas filhas veio estudar em Lisboa naquele mesmo ano em que chegaram em Portugal. Um fato que contribuiu para que a permanência do casal se estendesse além do planejado, expressado em um de seus comentários durante a entrevista: “se minha filha permanecesse no Brasil, talvez tivéssemos retornado”. A experiência de Gina revela que os planos iniciais podem mudar no decorrer da trajetória migratória.

Breno, 54, também residente em Lisboa, esclareceu que o projeto migratório dele e da esposa era antigo. Eles desejavam “conhecer novos lugares, outras culturas, um novo jeito de ser”.

Realmente a migração proporciona aos indivíduos uma experiência cultural mais ampla dos lugares e países para os quais migram, o que possibilita a absorção e valorização do capital cultural ou aquisição, talvez, de um *habitus* transnacional mais geral (King, 2012b:6). E esse pensamento de viver novas experiências fez com que Breno, ao longo de sua vida laboral, pesquisasse um local que “seria melhor para as crianças em termos de adaptação no futuro”. Emigrou com a esposa e duas filhas. Assim como Gina, ele também pensou em viver no Canadá e nos Estados Unidos.

Emigrar para os Estados Unidos fez parte de um ideal imaginário de muitos brasileiros sobre a América enquanto terra de oportunidades (*the land of the opportunity*) e sucesso econômico, notadamente nas décadas de 1960 a 1990. A emigração de brasileiros para os Estados Unidos encontra suas origens nos anos de 1940, quando empresas e cidadãos norte-americanos chegaram à região do Vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, para explorar o minério conhecido como “mica” (Assis, 2002:152). O fim do ciclo da exploração da “mica” e de outras atividades extrativas (década de 1960) na região de Governador Valadares (uma das principais cidades de MG, situada no vale do Rio Doce), acarretou a estagnação econômica da cidade e consequente diminuição na demanda de empregos e queda no padrão de vida da população. A questão econômica, aliada ao desejo subjetivo de “migrar para a América” e não para outro lugar, criou-se uma cultura migratória local em direção aos Estados Unidos⁵¹, que se estendeu para o imaginário coletivo brasileiro (Assis, 2002).

Por outro lado, a emigração brasileira para o Canadá intensificou-se a partir de 2014. Desde que Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos (2016) e estabeleceu normas rígidas para as políticas imigratórias, o Canadá passou a ser o “sonho americano” dos brasileiros. O Brasil encontra-se na lista das 30 principais nacionalidades de residentes permanentes naquele país entre 2010 e 2016 (Vilela, 2018).

Breno (Lisboa), relatou fatores motivacionais mais recentes que impulsionaram sua decisão de emigrar

(...) especificamente a partir de 2014, pela questão da violência e pela questão moral que o Brasil passou a atravessar. Como pai de duas meninas, morando no

51 Estimativas do Ministério das Relações Exteriores (MRE) indicam que em 2014 cerca de 3,1 milhões de brasileiros viviam no exterior, sendo 1,3 milhão nos Estados Unidos. Esses números, como reconhece o MRE, não traduzem exatamente a realidade. Lima & Castro (2017: 18). Brasileiros nos Estados Unidos: meio século (re)fazendo a América – 1960-2010, FUNAG, Brasília, 143 pp.

Rio de Janeiro, a nossa preocupação em termos de futuro passou a falar mais alto.

Na visão de Breno, a questão moral deve ser pautada em valores, “respeitar o que é certo e o que é errado”. Ele entende que no Brasil tem-se vivenciado uma “inversão de valores”. E esclarece esse paradoxo ao dizer que agir corretamente é ser “*babaca*”⁵²; “se não quiser se adequar ao *jeitinho brasileiro*”⁵³, não querer “levar vantagem é o *bobo da corte*”⁵⁴.

O terceiro entrevistado, José (56, Porto), ao ser indagado acerca dos motivos que o impulsionaram a deixar o Brasil, declarou que sua motivação “não estava restrita a somente viver em outro país”, o seu desejo é “envelhecer em outro país”. Seu sonho projetado era envelhecer na França após a reforma: “ou a França, ou lugar nenhum”, comentou sorrindo. Desistiu do plano porque em visita àquele país foi “mal recebido” assim que desembarcou no aeroporto. Percebeu que “não seria possível realizar o seu sonho”. O modo particular de ser recebido na França, aliado à questão financeira (“custo de vida alto”), convenceram-no de que não seria possível realizar esse sonho. Chegou ao Porto no ano de 2016 (um ano após a vinda das filhas, adultas, que estão cursando mestrado na Universidade do Porto) para atuar como ministro em uma igreja evangélica. É reformado no Brasil. Pretende conseguir a cidadania e reforma portuguesas. Indagado sobre as razões de querer envelhecer em outro país, disse que o idoso “não é respeitado” no Brasil, ao contrário de outros países onde o “cabelo branco é respeitado”. Assiste razão ao fazer tal observação. Oliveira (2007:281) afirma que a “tendência no Brasil é valorizar aquilo que é novo e desprezar o que é velho” e a “própria educação faz o velho se sentir um objeto fora de uso”. E acrescenta que, se a sociedade brasileira valorizasse o cidadão idoso, não haveria a necessidade de estatutos especiais para a pessoa idosa, como o Estatuto do Idoso aprovado em 2003 (Lei n. 10.741/2003). Uma pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) verificou que 60% das pessoas RB em 57 países tinham opiniões negativas sobre a velhice. Uma fase em que as pessoas são vistas como um fardo para a sociedade e familiares. O Brasil ocupou a 43ª posição entre os 101 países pesquisados (Rendon & Terry, 2018).

52 Bobo, tolo, mané, otário, estúpido, escroto, infantil, sem graça (dicionárioinformal.com.br).

53Do ponto de vista negativo, são atributos do brasileiro a esperteza, o descumprimento consciente ou aplicação seletiva das leis, o uso pessoal dos contatos sociais, o desprezo às formalidades, a falta de planejamento, o não cumprimento de prazos (Braga & Bezerra, 2017:25).

54Que ou quem revela falta de inteligência; ou que ou quem é muito ingênuo. (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/bobo> [consultado em 17-09-2019]).

Por outro lado, um estudo da mesma organização (OMS) coloca Portugal no grupo dos cinco piores países no cuidado com idosos, sendo considerado o país europeu que menos investe nas pessoas da terceira idade (Diário de Notícias, 23 de fevereiro, 2018). Situação já percebida por José ao comentar a situação de “solidão entre os idosos no concelho de Porto”.

Questões de ordem emocional

Para além da situação de insegurança pública ou estar próximo aos filhos, existem fatores de ordem emocional que ajudam a compreender a decisão de migrar. Há momentos de crise pessoal, provocados por fatores externos associados a situações de perdas que repercutem no equilíbrio emocional do indivíduo (Benson, 2007; Hoey, 2005; O'Reilly, 2000).

A partir desta perspectiva, podem ocorrer situações difíceis na vida pessoal ou familiar que contribuem para acelerar a decisão de migrar. É o caso da Iria, 52, residente em Porto. Embora tenha justificado sua decisão de viver em Portugal pelo fato de poder estar mais próxima ao único filho, mencionou a situação de viuvez que lhe trouxe sentimento de insegurança e solidão. Diante de tal situação, percebeu que a melhor opção seria migrar.

O motivo de viver em Portugal está vinculado a estar mais próxima a meu filho, que mora na Irlanda há sete anos. Fiquei viúva e me sentia insegura. (...) A morte do meu marido foi fator que contribuiu na minha decisão de sair do Brasil. Senti-me sozinha e insegura. Se ainda estivesse casada, não viria. Meu marido não viria. Meu filho já havia convidado.

A necessidade de um novo começo, decorrente de uma situação pessoal – seja no âmbito profissional, ou um fracasso pessoal, um divórcio, entre outros – estão em consonância com situações encontradas nos estudos de Benson & O'Reilly (2009b). Estas autoras afirmam “que os migrantes de *lifestyle* são motivados pelo desejo de buscar um estilo de vida alternativo, escapar das histórias individuais e comunitárias, escapar de circunstâncias cambiantes e da oportunidade para a autorrealização” (Zainub & Tremblay, 2017:23). Realmente, Abdul-Aziz et al. (2014) em seu artigo *Malaysia's My Second Home (MM2H) Programme: An examination of Malaysia as a destination for international retirees*, relatam situações particulares de japoneses “divorciados e viúvos” que migraram para a Tailândia em busca de “alma gêmeas”. As motivações, no entanto, não são homogêneas; às vezes, são apresentadas como uma forma de superar o trauma de alguns acontecimentos, como ocorreu com Elisa, 62, residente em Lisboa.

Morei em Berlim, no ano de 2016, com minha sobrinha, que mora naquele país há cinco anos. Gosto muito de Lisboa, mas só estou cá porque não consegui renovar o visto de estudante que me permitiu morar um ano em Berlim. A decisão de ir para Berlim está vinculada ao fato de ter perdido minha mãe. Tomava conta dela e fiquei meio sem chão, sem uma função. E, também, tinha terminado uma relação afetiva de dez anos, que estava meio conflituosa. Resolvi dar um tempo de tudo. Não tinha nada que me prendia. Não tenho filhos.

As pesquisas que relatam narrativas individualizadas nas histórias da migração apresentam situações de circunstâncias particulares que explicam a decisão migratória como sendo “um divisor de águas” (Benson & O’Reilly, 2009a: 610). A situação de luto relatada por Elisa é um exemplo que corrobora com os estudos dessas autoras. A motivação para migrar é apresentada como uma forma de superar a comoção resultante de acontecimentos traumáticos e liberá-la dos laços que a prendiam.

Questões de ordem política

A revisão de literatura - que trata das motivações que impulsionam o deslocamento de pessoas reformadas - têm demonstrado que “fatores ambientais, econômicos, culturais e, em menor grau, *políticos*, são os gatilhos para mudanças de residência entre reformados” (Lardiés-Bosque, 2016:113).

Esta pesquisa encontrou, no universo da amostra ilustrativa de reformados brasileiros que emigraram para Portugal desde 2016, uma única e clara motivação de ordem política como mote propulsor na decisão de deixar o Brasil. A discordância com os rumos da política brasileira e dos valores que se estabeleceram após o *impeachment*⁵⁵ da última presidente brasileira - Dilma Rousseff - motivaram a reformada Lícia, 54, residente em Amadora, a deixar o Brasil.

A ideia de deixar o Brasil surgiu em 2014, após o término do segundo turno das eleições para presidência do Brasil. Foi a primeira vez que pensei em deixar o Brasil porque vi que nasceu ali naquele segundo turno um país cheio de ódio.

55 O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve sua votação na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril de 2016. Por maioria de votos, o processo seguiu para a primeira votação no Senado Federal, no dia 12 de maio do mesmo ano, onde foi decidido pelo afastamento de 180 dias da então presidente Dilma Rousseff. No dia 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff foi impedida de continuar seu governo. Pozodon e David (2018) Impeachment de Dilma Rousseff: análise das estratégias argumentativas de Veja e Carta Capital após a votação na Câmara dos Deputados. *Intexto*, Porto Alegre, 41:173-195.

Embora a polarização política entre diferentes concepções ideológicas de esquerda ou direita seja uma prática recorrente na história de praticamente todos os regimes democráticos, até 2013 o Brasil vivia uma aparente apatia política. Após as manifestações populares ocorridas em junho daquele ano, afloraram nas ruas e nas redes sociais o confronto entre pessoas com posições ideológicas políticas antagônicas, que expuseram “as suas insatisfações”, “rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos”, onde o “radicalismo conservador da direita adquiriu elementos de ódio”, principalmente com a criação de uma “ideologia de ódio ao PT” (Brugnago & Chaia, 2015: 102 e 127). As redes sociais tornaram-se o novo espaço público brasileiro de “linchamentos virtuais” (Morais, 2018: 500). É o que relata Lícia, quando diz:

Tive uma visão naquele momento. Seria uma escalada de ódio dali para frente (...) o que me assusta hoje em dia são valores que se estabeleceram. É interessante que tem a ver com o evento das redes sociais. A gente vê o amigo do lado falando coisas que são inaceitáveis.

Sua insatisfação com os rumos da política brasileira fez com que tomasse a decisão radical de cortar, ao longo dos próximos anos, toda e qualquer ligação com o Brasil. “Minha ideia é deixar de ter qualquer ligação com o Brasil”, afirmou durante nossa conversa.

Em síntese, a maioria das motivações identificadas na amostra está em conformidade com a revisão de literatura no capítulo 1, ou seja, a mobilidade de pessoas em idade mais avançada ou após o encerramento da vida laboral pode estar relacionada com um “estilo de vida” em busca de novas experiências, que possibilita uma liberdade individual de escolha residencial e todas as possibilidades de vida ativa; reunião familiar; viuvez; busca por locais que apresentam amenidades (socioculturais, clima agradável, baixo custo de vida quando comparado com outros países europeus, segurança e instituições de saúde); idosos que migram para acompanhar os filhos (reivindicando direitos como ascendentes quando as barreiras legais não impõem restrições à migração de pais idosos) ou simplesmente para acompanhar seus filhos que migraram ainda jovens por motivos profissionais, estilo de vida ou casamento; reformados que migram independente de suas famílias, cujos membros, regra geral, permanecem no país de origem. Acrescenta-se a situação do migrante idoso, que não atingiu a idade formal de reforma, mas possui outros rendimentos que lhe permitem desenvolver um estilo de vida tipicamente de reformado.

Uma questão importante que aparece nos discursos dos entrevistados são os relatos de migração interna, empreendidas em busca de oportunidades de emprego no Brasil, que permitiram conquistar melhores condições de vida dentro do país. Um processo que se intensificou na década de 1970, caracterizado pela forte concentração da indústria e acelerado processo de urbanização na porção Centro-sul do país, especialmente nas grandes cidades das regiões Sudeste e Sul, estabelecidas como o alvo preferencial dos fluxos migratórios internos (Braga, 2011)

A década de 1980, entretanto, foi marcada pela “queda do crescimento econômico, saturação da capacidade de absorção do mercado de trabalho, havendo a marginalização e exclusão do mundo do trabalho, marcada por uma circulação interna de migrantes e retomada da emigração internacional” (Bagno et al., 2008). As experiências de mobilidade interna exerceram, em alguns casos, influência na saída do Brasil para vivenciar uma experiência de vida em outro lugar.

4.3 A escolha de Portugal como país de destino

Os destinos potenciais são uma parte importante do ambiente de emigração, mas eles estão presentes através das ideias e significados existentes localmente anexados a esses lugares. (...) Isto não quer dizer que não existem características independentemente existentes da área que são relevantes para a migração, mas sim, que as pessoas se relacionam com eles através do significado (Carling, 2002:13).

Os motivos para empreender a emigração e os fatores que influem na decisão de escolha do local de destino estão muitas vezes inter-relacionados. Neste sentido, as redes sociais e pessoais e as experiências turísticas anteriores desempenham um papel importante no processo de escolha. Por outro lado, Carling & Schewel (2018:955) argumentam que “quando as pessoas desenvolvem um desejo de emigrar, o resultado depende de sua capacidade de converter esse desejo em realidade, dados os obstáculos e oportunidades específicos ao contexto”. As maiores barreiras à migração internacional são, muitas vezes, decorrentes das políticas imigratórias restritivas, que são aplicadas “de forma desigual a diferentes grupos e classes sociais” (Carling & Schewel, 2018:955).

Até hoje as pessoas perguntam “o que” e o “por que” viemos para Portugal. A resposta que temos: a gente veio para viver. (...) E a gente não tinha mais a

mesma sensação de segurança. (...) Chegaram a entrar na nossa casa durante a noite. (...) Não foi essa motivação para decidirmos vir para Portugal, mas isso me afetou muito. Lá em casa sempre dormíamos com a janela aberta. Depois disso, não conseguia dormir direito, sossegada. Isso gerou uma insegurança muito grande. (Eni, 52, Torres Vedras).

Quando Eni afirma não ser a questão da (in)segurança no Brasil a motivação principal na decisão de fixar residência em Portugal, percebemos que há outros fatores intervenientes na escolha de Portugal como país de destino. Na sequência da entrevista, evidencia-se que sua motivação está vinculada ao projeto inicial vislumbrado pelo esposo (Leo, 64, Torres Vedras), que decide mudar-se para Portugal porque “via as facilidades, o idioma e a possibilidade de conhecer a Europa”.

Meu marido, em uma conversa informal com sobrinho, este falou: “Olha tio, se hoje estivesse na situação em que você se encontra, aposentado, filhos criados, iria morar em Portugal”. Então, meu marido, chegou em casa com essa ideia, mas não levei muito a sério. Com o passar do tempo, ele passou a falar muito sério acerca da ideia de morar cá. Começamos a pesquisar quais os meios legais para viver em Portugal.

O significado da expressão “facilidades” que Leo “via em Portugal” está relacionado com a possibilidade de entrada e permanência legal com a “concessão de visto e isenções fiscais para os portadores de visto D7”, como ele mesmo afirmou. A política imigratória portuguesa de concessão de visto de residência a reformados ou titulares de rendimentos próprios (visto D7) é considerada pelos entrevistados (portadores de título de residência vinculados a este tipo de visto) como oportunidade de viver de forma legal no país, fato que contribuiu para que Portugal se tornasse o país de destino.

Vimos com documentação legal porque não faríamos nada se não fosse assim. Portugal tem um programa de reformados, então nós viemos com esse programa. (Gina, 59, Lisboa)

Minha esposa pesquisou e verificou que poderíamos morar em Portugal de forma legal. Iniciamos o processo em maio de 2017. Vim com o visto D7 e minha esposa está na condição de reagrupamento familiar. (Roger, 61, Lisboa)

Portela & Schwinn (2018:703-704) salientam que “em grande parte dos países do Norte-Global, as políticas públicas de regulação migratória são estritamente seletivas no que diz respeito ao perfil dos imigrantes, onde certas categorias são privilegiadas em detrimento de outras”. Realmente, Carling (2002:11) argumenta que a demanda de migração depende da

vontade dos países de destino para aceitar imigrantes em potencial. As barreiras legais impõem restrições, como exemplo a de reagrupamento de pessoas idosas que desejam acompanhar os filhos que migraram. Situação que aparece no relato a seguir.

No primeiro momento, quando decidi sair do Brasil, pensei na Irlanda pelo fato do meu filho morar lá. Ele poderia agregar familiar. Quando o governo irlandês verificou que tenho renda própria, não conseguimos a aprovação. (Iria, 52, Porto).

Outra importante questão relatada durante as entrevistas - vinculada à política de incentivo à imigração de reformados para Portugal - foi mencionada pelo entrevistado Raí (51, Sintra). Refere-se ao Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta, formalizado em abril de 2000, entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil (conhecido como Tratado de Porto Seguro – Resolução da Assembleia da República nº 83/2000, de 28/09; Decreto do Presidente da República Portuguesa nº 79/2000, de 14/12; Decreto-Lei nº 154/2003, de 15/07). O referido tratado estabeleceu o estatuto de igualdade entre portugueses e brasileiros para os que o requeiram, desde que civilmente capazes e com residência habitual no país em que ele é requerido.

(...) os acordos que existem entre Brasil e Portugal favorecem e facilitam a vida do brasileiro, notadamente o Tratado de Porto Seguro, que garante igualdade de direitos. O rendimento exigido pelo governo português é menor.

Pesquisas realizadas junto as comunidades de imigrantes brasileiros em Espanha e em Portugal concluíram que a consciência dos direitos, em geral, é limitada, variando de acordo com o status de permanência nestes países. Os imigrantes indocumentados demonstram menos conhecimento de seus direitos. Regra geral, os imigrantes somente buscam informações quando necessitam da garantia dos direitos em situações concretas (Finotelli et al., 2013).

Ainda no âmbito da abordagem aspiração/capacidade migratória - discutida por Carling & Schewel (2018) em *Revisiting aspiration and ability in international migration* - verifica-se que há um limite fluido “entre aqueles que aspiram migrar” e na “capacidade de fazê-lo” (p. 946). Raí, como exemplo, aspirava migrar para Espanha. Entretanto, durante a fase preparatória do processo de emigrar, descobriu que “a renda exigida pelo governo espanhol é muito alta (2000 euros)”. Sua renda não alcançava a exigência para emigrar para a Espanha, além de “não poder utilizar o sistema de saúde público” espanhol e “nem trabalhar por dois anos”. Como

“Portugal oferecia a mesma oportunidade com melhores vantagens”, ele optou por solicitar o visto português. Lícia, 54, residente em Amadora, vislumbrou também a possibilidade de emigrar para a Espanha.

A ideia de emigrar tornou-se mais forte quando soube que existia o visto D7. Ficou muito tangível a possibilidade de sair do Brasil. Jamais sairia de forma ilegal (...) na verdade, poderia ser Portugal ou Espanha. Entretanto, o governo espanhol exige uma comprovação de renda mais alta. Além disso, não sou fluente em espanhol. Tinham outras barreiras. Então Portugal se tornou o foco.

O paradoxo entre aspiração/capacidade comprova que nem sempre a aspiração migratória está em consonância com a capacidade individual, o que gera impedimento a um determinado projeto migratório.

Sempre tive a França como referência. Estando em Paris, percebi que seria inviável viver naquela cidade porque as coisas são muito caras (custo de vida alto), em virtude de maiores salários. Como viveria somente da minha pensão de reforma, viveria em uma situação de limite, e isso não é bom. (José, 56, Porto)

Uma outra opção seria os Estados Unidos, mas é um país muito difícil para entrar legalmente. (Célio, 58, Almada)

Já tinha pensado em sair do Brasil. Inicialmente, tínhamos pensado em morar nos Estados Unidos, na Califórnia. Não conseguimos. Muito mais difícil. (Ruiz, 71, Cascais)

A intensificação da emigração latino-americana (incluindo a brasileira) para Europa do Sul nos anos de 1980 - e consequente vagas na década seguinte - é justificada pelo aumento do rigor para “atribuição e vistos e ao maior controlo da migração nos EUA após o 11 de setembro de 2001” (Pinho, 2014:134). Neste contexto, os países do sul da Europa (Espanha, Portugal e Itália) tornaram-se uma alternativa de local de destino. Pinho (2014:1340) justifica o aumento desses fluxos migratórios como decorrentes, também, do “facto de ser possível obter documentos de residência através da recuperação de uma cidadania europeia por via de ascendência”. Uma característica migratória encontrada na presente pesquisa. Dos 21 entrevistados, 4 possuem cidadania portuguesa (por ascendência), sendo 3 requeridas após decisão de emigrar para Portugal.

Para além dos fatores de facilidades de permanência legal em Portugal - seja por meio de obtenção de visto D7, ou portador de cidadania portuguesa, ou de reagrupamento familiar⁵⁶ para acompanhar beneficiários de casamento com cidadão brasileiro portador de cidadania europeia ou com de visto de estudante - os entrevistados manifestaram outras razões para escolher este país como local de destino, como exemplos: idioma, laços culturais, clima, segurança e custo de vida mais barato. Gustafson & Cardozo (2017:77), afirmam que “muitos reformados consideram mais conveniente migrar para lugares onde eles podem usar sua língua nativa, ou inglês, do que se estabelecer em lugares onde eles teriam que aprender uma nova língua”.

Um dia, pela internet, vi uma propaganda sobre Portugal, especificamente no que dizia respeito a vantagens oferecidas aos cidadãos reformados, isenção de impostos e outras coisas (...) Portugal se encaixa em muitas peculiaridades: o clima (o inverno mais ameno da Europa, com mais dias de sol); o idioma; a questão da segurança que o país oferece; um país que não está envolvido em grandes problemáticas; a questão do custo de vida, que é mais barato. (Breno, 54, Lisboa)

A questão do custo de vida em Portugal, se comparado com outros países europeus economicamente mais desenvolvidos, é considerado pela maioria dos entrevistados como “mais barato”. No entanto, as rendas familiares informadas e constantes no perfil sociodemográfico da amostra (Quadro 6) indicam que os reformados brasileiros necessitam fazer alguns ajustes para suportar o custo de vida em Portugal, embora a maioria dos entrevistados tenha afirmado conseguir manter o padrão de vida usufruído no Brasil.

O site <https://www.numbeo.com> disponibiliza um simulador para comparar o custo de vida e seus indicadores (índice de custo de vida, índice de custo de vida mais aluguel, índice de mantimentos, índice de restaurantes, poder de compra local, e outros) entre duas cidades ou dois países suportados pelo conjunto de dados da plataforma⁵⁷. Como exemplo comparativo, fiz a simulação utilizando como indicadores as cidades de São Paulo (Brasil) e Lisboa (Portugal). O resultado apresentado pela plataforma indica que o custo mensal da família com quatro pessoas em Lisboa é de R\$ 8.960,03 (Reais) ou (1.937,27 €), sem aluguel (usando o nosso estimador). Uma única pessoa custa mensalmente: R\$ 2.529,50 (Reais) ou (546,91 €),

56 O cidadão com autorização de residência válida tem direito ao reagrupamento familiar (Lei n.º 23/2007 de 4 de julho, Art.º 98).

57 De acordo com o site, o Numbeo.com é o maior banco de dados do mundo alimentado por usuários sobre cidades e países. Fornece informações atuais e oportunas sobre as condições de vida no mundo, incluindo custo de vida, indicadores de moradia, assistência médica, trânsito, crime e poluição.

sem aluguel. O simulador conclui que “o índice de custo de vida em Lisboa é 17,46% maior que em São Paulo”. Ao simular o custo de vida entre os dois países (Brasil e Portugal), o simulador informa que o custo de vida em Portugal é 25,53% superior ao do Brasil (dados agregados para todas as cidades, mas o aluguel não é levado em consideração). Em relação ao custo com aluguel, o site informa que em Portugal é 103,01% superior ao do Brasil (dados médios para todas as cidades).

Assim como Breno, alguns entrevistados demonstraram, em geral, ter realizado um levantamento prévio sobre Portugal enquanto aguardavam o momento oportuno para solicitar o visto de residência. Raí, residente em Sintra, relatou que pesquisou por cerca de dois anos sobre a legislação, modo de viver, cultura e história de Portugal. Utilizou as redes sociais (*Internet*, grupos de *Facebook* e *WhatsApp*). “Não cheguei aqui ‘voando’, sem conhecer sobre o país” – comentou. Contou-nos que as informações obtidas serviram para orientar outros brasileiros reformados por meio de “um grupo no *Facebook*”, criado por ele, “para passar as informações corretas”. Monise, residente em Oeiras, alargou seu conhecimento sobre Portugal assistindo vídeos na *Internet*; pesquisando em sites oficiais; e entrou em grupos do *Facebook* para verificar “as impressões de quem estava morando em Portugal, o cotidiano e a legislação”. Leo, 64, Torres Vedras, após vislumbrar a possibilidade de emigrar para Portugal, iniciou a pesquisa e planejou o processo migratório durante um ano.

Pesquisei para saber se os valores da reforma eram compatíveis com o custo de vida em Portugal. Se os meus vencimentos seriam compatíveis. Ou teria de chegar e disputar o mercado de trabalho, submetendo-me a subempregos? Vou viver com alguma decência? Quando percebi que meus rendimentos eram compatíveis (talvez até com algumas vantagens). Pesquisei bastante antes de vir. Li os blogs.

As redes sociais são importantes no processo de tomada de decisão no processo migratório porque contribuem para minimizar os custos e os riscos do processo migratório, haja vista que disponibilizam informação sobre o local de destino. Anju Mary Paul (2011:1848) chama a atenção para o que a Geografia Cultural denomina “reputação de lugar”. Os espaços são “socialmente construídos a partir de representações da mídia, informações de amigos de amigos e familiares, material educacional e propagandas do governo”. Não obstante, os dados fornecidos pelas redes sociais ou pelos mapas cognitivos do mundo nem sempre são imparciais e fidedignos à realidade do local de destino (Castro, 2016:83; Paul, 2011:1848).

Outros relatos interessantes sobre a escolha de Portugal como país de destino foram manifestados por Dina (Porto), Nise e Célio (ambos residentes em Almada). Estas experiências mostram como a escolha de país de destino pode estar vinculado ao turismo e, também, às redes sociais (no caso, o uso da internet para pesquisas de locais turísticos). A decisão de Célio, como exemplo, além da possibilidade de viver legalmente em Portugal, está vinculada a uma experiência de viagem: “escolhemos Portugal porque fizemos uma viagem longa na Europa, em 2016, de 65 dias”. Dina, em seu relato, comentou que dois fatores foram decisivos na escolha: o idioma e a proximidade com o país de origem do marido (ele é senegalês). A ideia de viver em Portugal aconteceu “ao acaso”, a partir de uma pesquisa sobre escolha de local de destino para férias de curta duração.

Em 2016, no mês de outubro, estávamos programando passar o feriado do Ano Novo em Blumenau, no estado de Santa Catarina. Pesquisando o preço da passagem para o sul do Brasil, verifiquei que seria o mesmo custo se viéssemos para Portugal. Então decidimos passar o Ano Novo na nossa cidade e compramos as passagens para Portugal. Sempre tive vontade de conhecer Portugal e Itália.

Dina e seu esposo passaram quinze dias de férias em Portugal (fevereiro de 2017). Logo que chegou, ficou em Lisboa, enquanto o marido foi ao Senegal visitar os familiares. Quando ele retornou, foram conhecer a cidade do Porto. Neste concelho, Dina relata que pensou que seria o local “ideal, apesar do frio”, justificando a *posteriori* que “dentre todos os países da Europa é o que tem o maior número de dias de sol”. Uma característica que ela não abriria mão: o sol. Os dias de lazer desfrutados em Portugal só confirmou o que já planejavam desde que compraram as passagens em 2016: fixar residência em Portugal.

A experiência de Nise, por sua vez, embora a motivação para deixar o Brasil tenha relação “estar mais próxima ao filho” que reside na Alemanha, a escolha de Portugal como local de destino está vinculada a conhecimento prévio deste país.

Só conhecemos Portugal em 2014. Ficamos uma semana. Retornamos em 2015 por vinte dias. Na segunda viagem, voltamos com a ideia de morar em Portugal, por conta do idioma e do estilo de vida que se parece com o do Brasil.

Os relatos de Dina, Nise e Célio confirmam o que a literatura tem demonstrado: as experiências prévias no local de destino tornam-se parte do processo de delinear a mobilidade migratória em direção a determinadas áreas (Casado-Diaz, 2009), assim como a influência da rede social

e informações na mídia aparecem, também, como contributos para a escolha do destino (Pinho, 2014). Embora a experiência prévia de Dina, como exemplo, tenha sido única, foi suficientemente marcante para confirmar a decisão migratória e escolha do destino.

Pinho (2014) argumenta que o uso da *Internet* nas migrações acontece de maneira diferenciada em cada momento do processo migratório. Enquanto fase de aspiração migratória, a Internet poderá servir de instrumento para obtenção de informações sobre o local de destino e contatos com pessoas que já se encontram estabelecidos neste local. Na fase em que se torna imigrante, a Internet servirá como ponte entre locais de destino e de origem (e, assim, também induzir novos movimentos). Na medida em que ocorre a integração na comunidade receptora, a função da Internet como mantenedora da proximidade com o local de origem poderá ser mais esporádica ou até mesmo esquecida.

4.4 A chegada em Portugal: a importância das redes sociais

As redes de migração são um conjunto de ligações interpessoais que ligam migrantes, migrantes pioneiros e não migrantes nas áreas de origem e de destino, através de laços de parentesco, amizade e de origem comum (Pinho, 2014: 61).

A teoria das redes sociais, desenvolvida por autores como Thomas Znaniecki, Douglas Massey, James Coleman e Pierre Bordieu, sistematiza e explica o pressuposto de que a presença de grupos de imigrantes em determinado território gera criação de associações (formais e informais) que, conseqüentemente, potencializam o surgimento de redes destinadas a facilitar a entrada de indivíduos da mesma nacionalidade, mantendo assim fluxos e respectivos sistemas migratórios (Castro, 2016). As relações estabelecidas entre os migrantes podem-se “materializar em formas de ajuda que facilitam e motivam a migração, por exemplo, através da assistência financeira na viagem, da acomodação em termos de residência, de contatos para obter emprego, entre outras situações”, além de “disponibilizar informação sobre o local de destino migratório, influenciando assim o processo de decisão” (p.83).

Casado-Diaz (2009:4), em artigo intitulado *Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees*, explora as redes sociais entre os imigrantes internacionais de reforma de língua inglesa localizados em Costa Blanca (Espanha), e argumenta que as relações pessoais que os indivíduos acumulam quando interagem uns com os outros ao longo

do tempo, tanto formalmente quanto informalmente, constituem a essência do capital social. Pinho (2014:244) afirma que as redes por si só são incapazes de impulsionar uma corrente migratória, mas são importantes em determinados fluxos migratórios porque “permitem alargar à emigração as alternativas de vidas viáveis”.

Entre os reformados brasileiros entrevistados, há quem conhecia alguém que cá estivesse ou, de alguma forma, tivesse alguma ligação com Portugal. Todavia, quatro entrevistados mencionaram que a rede pessoal (no caso, familiar e de amizade) influenciou no despertar do desejo em emigrar para Portugal.

Meu marido, em uma conversa informal com sobrinho, este falou: “olha tio, se hoje estivesse na situação em que você se encontra, aposentado, filhos criados, iria morar em Portugal”⁵⁸ (Eni, Torres Vedras)

Meu filho estuda na Suécia (doutoramento). Na cidade em que ele mora tem um grupo de brasileiros. Neste grupo há um rapaz que a mãe mora em Portugal. Esta mãe incentivou meu filho a convencer-me a vir para Portugal. Em 2017, ao visitar meu filho na Suécia, conheci aquela senhora (mãe do colega do meu filho), que me orientou como obter o visto D7. Foi ela quem forneceu a carta-convite para comprovar moradia junto ao Consulado de Portugal. (Elcia, Almada)

Há dois anos, meu filho veio para Portugal. Ele já tinha morado com o irmão (já falecido) em Londres e Barcelona. Meu filho disse: “pai, você tem que vir para a Europa, já marquei sua passagem” Tive que tomar uma decisão rápido. (Naldo, Porto)

Tenho uma amiga brasileira que mora em Portugal. Foi ela quem me orientou acerca de aplicar para o visto D7. (Elisa, Lisboa)

Por outro lado, a *internet* constitui-se uma rede que “potencializa o alargamento das redes sociais e o contato entre pessoas que estabeleceram laços mesmo sem contexto de copresença e o conhecimento físico, permitindo o aumento do capital social” (Pinho, 2014:253). Nas entrevistas, foi possível verificar que a emigração brasileira de reformados para Portugal tem alimentado conteúdos disponibilizados na *internet* (páginas e grupos no *Facebook*, *blogs*, vídeos no *YouTube*, grupos de *WhatsApp*, como exemplos). A interação com esses diferentes mecanismos de busca tem possibilitado o “aparecimento de relacionamentos (amorosos e não

⁵⁸ O marido de Eni tem dois sobrinhos que residem em Portugal (Cruz de Pau e em Faro).

só) através da *Internet*, os quais podem vir a estar na origem da concretização da migração” (Pinho, 2014:253). Um dos entrevistados, como exemplo, relatou que iria se casar com uma pessoa que conheceu em um grupo de *Facebook* para portadores de visto D7. Ambos viviam legalmente em Portugal quando se conheceram.

O idioma e grupos de interesse em comum facilitam o relacionamento entre as pessoas, constituindo um importante canal de auxílio e troca de informações quando da chegada no local de destino, como verificado nas situações de:

(1) Gina, moradora de Lisboa, relatou que conseguiu reservar uma vaga em “*alojamento estudantil por intermédio de um amigo que arrendava vagas para estudantes*”. Ficariam no local por dois meses, tempo que entendiam ser suficiente para conseguir arrendar um imóvel em Lisboa. Ao fim dos trinta primeiros dias, conseguiram “*arrendar um apartamento mobiliado de uma “senhora que mora na Suécia*”. O imóvel foi indicado por “*uma pessoa conhecida que tinha contato com a proprietária do imóvel*”;

(2) Eni e o esposo (Torres Vedras) foram recebidos pelo “*irmão de uma amiga*”, “*uma pessoa que nunca tínhamos visto na vida*”, relatou;

(3) Edna, residente em Porto, informou que “*ficaram três dias em um quarto arrendado por meio da plataforma Airbnb*”; na sequência “*conseguiram um quarto em um apartamento no mesmo edifício em que morava uma pessoa que conheceu à época de sua visita ao Porto*”. Ficaram quarenta e cinco dias vivendo em um quarto, só depois conseguiram arrendar um imóvel;

(4) Ana, 67, residente em Azeitão, também encontrou suporte na rede de relacionamentos *online* quando da sua chegada a Lisboa. Relatou que sua filha fez “*reserva em um quarto em Corroios*” e “*um casal de brasileiros – conhecidos da minha filha no grupo D7 do Facebook – foi buscar-me no aeroporto e levou-me a Corroios*”;

(5) Élcia, residente em Almada, informou que ficou hospedada “*na casa da mãe do colega*” do seu filho, na Costa da Caparica, por 30 dias.

Entretanto, há situações em que ocorrem equívocos nas informações disponibilizadas nas redes sociais ou mesmo alguns casos de mal sucesso na ajuda, significando que o capital social não se traduz apenas por benefício (Pinho, 2014). Foi o caso de Iria, residente em Porto.

No primeiro momento, fiquei em Lisboa por ser a porta de chegada. A ideia era procurar uma cidade mais calma. Aluguei um quarto em um apartamento de um brasileiro, por intermédio de indicação de uma pessoa de Campinas.

Iria enfrentar uma situação difícil quando chegou. Percebeu no primeiro mês que, além de pagar a renda do quarto, teria de fazer todo o serviço da casa. Conseguiu outro quarto, mas a situação se repetiu. A senhoria, brasileira, deixou sob a sua responsabilidade “*cuidar de uma criança de dez anos enquanto estava no trabalho*”. Sentindo-se enganada em duas situações, e com a ajuda de seu filho que reside na Irlanda, decidi mudar-se para o Porto, onde consegui arrendar um imóvel.

4.5 As expectativas versus realidade da experiência migratória

Os migrantes constroem socialmente representações sobre os diferentes locais de destino. (...) Entendemos aqui a representação como uma imagem mental que um indivíduo tem sobre algo, evento, ação, ou processo de que alguma forma percebe. As representações individuais tornam-se sociais através da comunicação entre todos os membros de uma comunidade ao mesmo tempo que as representações sociais se tornam individuais pelo mesmo mecanismo comunicativo. (Pedone, 2002:58)

A inserção deste tópico no guião de entrevistas objetivava compreender as expectativas que os reformados brasileiros tinham em relação a Portugal versus a experiência ao estabelecer-se na sociedade receptora. O interesse consistia em encontrar subsídios que justificassem a escolha do concelho para fixar residência e as razões para a escolha; se as pensões recebidas no Brasil constituíam recursos adequados a viver em Portugal; se pretendiam fazer investimentos e, após inseridos, desenvolver alguma atividade profissional; e perceber como essas pessoas mantinham seus vínculos materiais e afetivos com o local de origem. Embora as entrevistas tenham sido elaboradas de forma *semiestruturada* (condicionadas a esquema de entrevistas mais abertas) e com a garantia de que os entrevistados permanecessem próximo ao tópico, foi deixado espaço para que outras discussões aparecessem durante a conversa. Ao indagar acerca das expectativas em relação ao local de destino, os entrevistados discorreram acerca de suas representações sociais em relação a Portugal e aos portugueses (agrupadas no Quadro 7) e detalharam as suas dificuldades para conseguir uma morada. A discussão, que envolveu estes dois temas, foi colocada em destaque no presente tópico pela sua relevância no discurso de todos os entrevistados. As outras questões expostas (valor das pensões/custo de

vida/investimentos/exercer atividade profissional/vínculos com o local de origem) foram apresentadas em diferentes momentos na discussão do resultado da pesquisa.

Pedone (2002) em *Las representaciones sociales en torno a la inmigración ecuatoriana a España*, argumenta que no processo de escolha do local de destino, as representações socialmente construídas pelo migrante “são confusas, sobrepostas e conflitantes” (p. 58). A autora, ao tratar especificamente da questão da migração laboral equatoriana para a Espanha, observa que “tanto o governo espanhol quanto os empresários consideram a migração extracomunitária como uma variável econômica e só apelam para seus traços de identidade quando precisam executar uma hierarquia de imigrantes, ou seja, quando há necessidade de substituição de mão-de-obra (p. 65). Por outro lado, para os imigrantes equatorianos a representação social da Espanha como “pátria-mãe” significa a oportunidade de conseguir uma cidadania europeia e alcançar o “sonho americano”. A estadia em Espanha seria apenas um estágio intermediário cuja meta é alcançar os Estados Unidos, haja vista que as políticas migratórias norte-americanas se tornaram menos flexíveis a partir dos anos de 1990.

Menin (2006:43) em *Representação Social e Estereótipo: A Zona Muda das Representações Sociais* descreve alguns estudos que tratam das “zonas mudas” ou “zonas disfarçadas” presentes nos espaços de representações sociais. A autora esclarece que algumas representações “embora sejam comuns a um determinado grupo e nele partilhadas, não se revelam facilmente nos discursos diários e, ainda mais, nos questionários de investigação”. A autora acrescenta que as pessoas não dizem o que realmente pensam porque certos elementos de uma representação são considerados como não adequados em relação às normas sociais vigentes. Um dos elementos inseridos nas representações sociais é o estereótipo, ou seja, uma representação sobre os traços típicos de um grupo, categoria ou classe social, que pode ser positiva ou negativa (Martins & Rodrigues, 2004: 249).

A partir dessas considerações, destacamos duas questões que apareceram com mais frequência nos relatos dos entrevistados quando indagados acerca da expectativa que tinham em relação ao local de destino e a realidade encontrada, que serão analisadas a seguir.

Portugal e os portugueses: imaginários sociais e estereótipos

Diferentes imagens e estereótipos em relação ao país e aos nacionais portugueses foram observados nos discursos dos reformados brasileiros. Dentre estes, escolhemos quatro representações sociais mencionadas com mais e frequência nas entrevistas, que foram sintetizadas no quadro a seguir.

Quadro 7: As imagens e estereótipos dos brasileiros em relação a Portugal e aos portugueses.

Expectativa (representações sociais em relação a Portugal e aos portugueses)	Realidade
Visão lúdica sobre Portugal	<p>Eu via os lugares, mas não tinha uma expectativa fechada acerca de como seria morar aqui, viver aqui. Eu tinha lembranças de como viemos para cá, há anos. Lembrava do quanto achava interessante ver idosos saudáveis, independentes, viajando de autocarros. A minha única expectativa é que eu iria gostar. E gosto. (Gina, Lisboa)</p> <p>Vir para Portugal era algo lúdico. Pensava: vou viver com mais tranquilidade. Vou conhecer a Europa. A expectativa era meramente romântica. A gente se estabelece em Portugal, quando desejar vai a Paris. (Leo, Torres Vedras)</p>
Portugal é parecido com o Brasil: cultura e idioma	<p>Eu achei Portugal muito parecido com o Brasil. O jeito do português falar. Eu gosto muito de Portugal. Não tive nenhuma dificuldade. (Gina, Lisboa)</p> <p>A cultura brasileira não difere muito, principalmente no sul do Brasil, no Rio Grande do Sul. O clima é parecido. Verão escaldante e inverno frio. Os portugueses que conheço têm os mesmos tipos de brincadeira, os ditados são iguais, a piada... Mudam as palavras, mas o fundamento é o mesmo. A realidade superou a expectativa. É muito melhor do que esperava. (Raí, Sintra)</p> <p>Portugal parece um estado brasileiro (...) O circuito cultural do Brasil passa pela agenda portuguesa. Os portugueses consomem nossa cultura em suas diferentes manifestações. Surpreendeu-me muito que os portugueses saibam e se interessam muito mais pelo Brasil. Vivem a vida brasileira e se preocupam com o Brasil como um filho querido que se tornou independente. (Lícia, Amadora)</p> <p>Tinha pesquisado e percebia que Portugal é diferente do Brasil. Não é a mesma coisa. De marco, até mesmo a língua portuguesa. As palavras são empregadas em sentido diferente. Até esse entendimento causa um mal-estar, porque você fala uma coisa e eles entendem outra, e vice-versa. A língua é a mesma, mas somos totalmente diferentes no modo de pensar, de agir, de estar. (José, Porto)</p> <p>Sou homossexual, entendeu? Sinto-me liberta na Europa, posso ser o que sou. Descobri isso muito mais na Alemanha do que em Portugal. Sou respeitada pelo que sou. Sou vista como um ser humano, como uma pessoa do bem. No Brasil, o sentar sozinha... ser homossexual é muito complicado. O homossexual quando chega na Europa se liberta, anda de mãos dadas, abraça. Pode até existir preconceito, mas somos mais aceitos. (Elisa, Lisboa)</p>

<p>País seguro/Bom sistema de saúde/Bom sistema de ensino</p>	<p>Para ter uma ideia, logo que cheguei, fui ao caixa eletrônico por volta das 21h40min e encontrei uma senhorinha, idosa, sacando dinheiro. Estava atrás dela e ela não se perturbou com a minha presença. Algo que não vejo no Brasil. A expectativa de viver com tranquilidade foi totalmente preenchida (Leo, Torres Vedras)</p> <p>Lembrei-me de algo que superou em muito a minha expectativa: não tinha consciência do que seria viver uma vida relaxada. (Monise, Oeiras)</p> <p>É diferente do Brasil. Lá não se pode sentar em um banco de praça. Aqui não tem como ter solidão. Isso deve-se ao fato de poder andar pelas ruas, sem medo. Não tenho plano de saúde no Brasil. O SNS em Porto é maravilhoso. Incrível. Em uma semana marquei consulta. Em quinze dias fiz todos os exames. (Iria, Porto)</p> <p>Não tinha plano particular de saúde no Brasil. Já utilizei o serviço público de saúde daqui. Tenho uma médica de família. Gostei muito. Paguei por exames um valor que, se fosse no Brasil, não conseguiria pagar. (Dina, Porto)</p> <p>Ficamos deslumbrados com a segurança que há nesta terra lusitana, se comparado com o Rio de Janeiro. No aspecto de saúde também. Exames que não conseguia fazer no Brasil, aguardava oito meses...um ano. Aqui consigo fazer os exames com tranquilidade. Em relação aos estudos dos meus netos, estou muito satisfeito. Há muitas ofertas de escolas e próximas de onde moro. (Naldo, Porto).</p> <p>Há bons médicos e bons hospitais. A saúde pública em Portugal é boa, se comparada com a maior parte da oferta no Brasil. A educação da população brasileira é superior, se comparada com a da população brasileira. (Roger, Lisboa)</p> <p>Em questão de segurança, sentimo-nos livres. No Brasil, minhas filhas não iam sozinhas para o colégio, que ficava a quatro quadras de casa. Em Lisboa, em dois meses, elas já iam sozinhas para o colégio. Pegar um autocarro às 11h da noite após um show. Levar o cachorro para caminhar à noite pelas ruas. Não tenho experiência com a escola pública portuguesa. Sei que o ensino é bom de todas as maneiras, com um conteúdo programático nacional, professores com boa formação. Só que a escola pública está sujeita a greves, a problemas como enfrentamos no Brasil (controle de frequência dos alunos, de quem entra ou sai do colégio). Outra questão: quando a escola pública tem muito imigrante, a tendência é que coloquem todos em uma mesma turma. Então há muito desnível porque pode ter colegas de várias partes do mundo (Breno, Lisboa).</p> <p>Em Lisboa aprendi a sentar sozinha e tomar meu chope (imperial) ou uma taça de vinho. Toda quarta-feira vou ao cinema no El Corte Inglés. Se tiver um amigo, vou. Se não tiver, vou sozinha. Se não tiver companhia, vou ao Mercado de Campo de Ourique e tomo minha taça de vinho. No Rio de Janeiro nunca fiz isso. Conto nos dedos quando saí sozinha e sentei-me em um bar sozinha. (Elisa, Lisboa)</p> <p>Não tive dificuldade de adaptação. A educação da população portuguesa é superior, se comparada com a população brasileira. Gosto das coisas organizadas. Sinto uma melhor organização na Europa. (Roger, Lisboa)</p> <p>Sobre a questão da qualidade de vida, só vejo diferenças em uma fração mínima em relação ao Brasil. A questão da violência é menor, é claro. Mas, tem um canal de televisão cá em Portugal que mostra os mesmos problemas do Brasil, como exemplo, violência contra as mulheres (estupro, feminicídio). Vi na televisão a informação de que 35 mulheres foram mortas em 2017. Todo lugar tem seus problemas. (Elcia, Almada)</p>
---	---

<p>Pessoas fechadas, secas e difíceis/ não gostam dos brasileiros</p>	<p>Tive a chance de conviver com portugueses no Brasil. A sensação que passaram é que eram pessoas secas, fechadas, durões nas expressões. Mas, tenho que confessar: tenho tido uma experiência muito boa, muito melhor do que projetava. Percebi que os portugueses são até mais educados que os brasileiros. Eles dizem “bom dia”, “boa tarde”. (Leo, Torres Vedras)</p> <p>Não tivemos nenhuma dificuldade no sentido de sermos tratados com rispidez ou indiferença por sermos brasileiros. (Breno, Lisboa)</p> <p>Matriculei-me na academia (ginásio) para conhecer pessoas. No entanto, a maioria dos alunos é de brasileiros, inclusive os donos da academia. Até hoje não tenho amigos portugueses. Penso que há dificuldade em integrar-me com a comunidade portuguesa. São pessoas difíceis. (Elisa, Lisboa)</p> <p>Namorei um português. São machistas, ignorantes, impõem-se sobre a mulher. Os portugueses amam os brasileiros da porta para fora. Não abrem a porta de suas casas para brasileiros. É muito difícil. (Iria, Porto)</p> <p>Os portugueses são diferentes de nós. São secos, um pouco rudes, parecem estar brigando em todo o momento. A forma como usam o português, a língua falada, não é nem um pouco cortês. É muito imperativa. É uma maneira diferente de usar a língua. Então assusta um pouco. É só um problema de linguagem. Não é de caráter. (Lícia, Amadora)</p> <p>(...) o brasileiro é muito receptivo. Não encontrei essa receptividade aqui. Nem todo mundo é igual. (Dina, Porto)</p> <p>Os portugueses, na minha opinião, são grossos. Não sei se isso é somente em relação aos brasileiros ou se tratam todas as pessoas assim. (Ruiz, Cascais)</p> <p>A cultura brasileira é reflexo da cultura portuguesa. Sinto que os portugueses são pessoas “secas”, despreparadas na prestação de serviços, parece não gostar da presença do brasileiro. (Nise, Almada)</p> <p>A única pessoa portuguesa que mantenho contato é minha professora de inglês. Apesar de nova, tem aquele ranço da cultura portuguesa. Percebe-se que tem uma imagem negativa das mulheres brasileiras...sempre querendo diminuir o Brasil. (Elcia, Almada)</p>
---	---

Elaboração própria.

A verificação, na sociedade de acolhimento, de que suas expectativas não correspondem à realidade encontrada produz complexificação e ressignificação (Pedone, 2002). Quando as expectativas são positivas, e na realidade encontrada não há contradição, a adaptação torna-se mais fácil no país de acolhimento. O contrário, por sua vez, pode gerar desconforto na convivência com os nacionais do país anfitrião e, conseqüentemente, a círculo de convivência dos imigrantes acaba restringindo-se ao estabelecimento de vínculos com os nacionais do país de origem.

A representação social que, desde o Brasil se tem sobre Portugal e os portugueses, se encontra enraizada e ancorada no imaginário da coletividade brasileira. Isso pode ser sentido no discurso de Leo, residente em Torres Vedras, quando diz: *“tive a chance de conviver com portugueses no Brasil; sensação que passaram é que eram pessoas secas, fechadas, durões nas expressões”*. A realidade mostrou-se repleta de ressignificado para Leo, expressado na sua mudança de paradigma em relação aos portugueses ao afirmar que tem *“tido uma experiência muito boa, muito melhor do que projetava”* ao perceber que *“os portugueses são até mais educados que os brasileiros”*.

Por outro lado, Iria, residente em Porto, vislumbrou uma realidade diferente do seu imaginário social acerca dos portugueses. Sua experiência de namoro com um cidadão português colocou-a em confronto com uma situação desconhecida, complexa e desafiadora: tentar ressignificar a ideia de que todos os homens portugueses *“são machistas, ignorantes, impõem-se sobre a mulher”*.

Alguns entrevistados expressaram frustração sobre a insuficiente integração com a comunidade portuguesa, como Elisa relata: *“Penso que há dificuldade em integrar-me com a comunidade portuguesa”*. Não obstante, Elisa comentou que tem utilizado estratégias para conhecer os portugueses, a fim de criar vínculos mais próximos e sentir-se mais integrada. Marcelo, residente em Almada, também sentiu muita diferença cultural e dificuldade em sentir-se parte da comunidade, porém olha para a sua experiência de forma positiva: *“aprendemos e crescemos muito nesse tempo; estamos abertos à cultura”*. Ruiz (Cascais) relatou que tiveram dificuldade em estreitar relacionamento com os portugueses, mas não sente falta porque já possui uma grande rede de amigos brasileiros que moram em Cascais: *“temos muitos amigos brasileiros em Cascais. Há um bar de brasileiros, onde fizemos amigos, um grupo de doze pessoas. Amigos mesmo, de frequentar a casa, visitar, deixar o cachorro quando viajam, chave*

da casa...”. Durante nossa conversa, Ruiz comentou que frequentam a casa de algumas famílias portuguesas porque uma pessoa amiga (do grupo de brasileiros) está namorando um português. O relacionamento fez com que as “portas das casas portuguesas se tornassem acessíveis”, acrescentou.

Lawson (2016:60), em sua revisão de literatura sobre as migrações de estilo de vida em diferentes contextos, percebe que os migrantes sentem a obrigação moral de serem vistos como integrados, como “bons migrantes”, como “modelo adequado de comportamento”. Enfatiza que o desconhecimento do modo de vida da sociedade de acolhimento pode apresentar barreiras para viver um modelo adequado de integração. E acrescenta que a “integração pode, assim, ser um local de conflito, derivado de tensões entre imaginações e prática real”. Realmente, Benson (2013) e Hayes (2014) perceberam, em contextos diferentes, que a integração fica muitas vezes no campo do discurso, em vez de plenamente na prática; o que significa que aquilo que os migrantes dizem que fazem ou valorizam é mais simbólico do que prático. Cabe ressaltar, entretanto, que a maioria dos entrevistados estava a residir no país há cerca de dois anos na altura da realização do estudo, tempo ainda reduzido para poder falar em integração.

A expectativa de viver em um lugar seguro foi considerada plenamente atendida por todos os entrevistados. Somente uma entrevistada, Elcia (Almada), argumentou que há problemas de violência em Portugal. Ela relatou que acompanha algumas situações vivenciadas pelos portugueses quanto à segurança pública e no âmbito das relações domésticas.

Tem um canal de televisão cá em Portugal que mostra os mesmos problemas do Brasil, como exemplo, violência contra as mulheres (estupro, feminicídio). Vi na televisão a informação de que 35 mulheres foram mortas em 2017. Todo lugar tem seus problemas. Cá não vivem somente portugueses. Existem pessoas de outros países que possuem outros hábitos.

Segundo os dados oficiais do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, em 2017 houve 65.602 homicídios no Brasil, o que equivale a uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes (Atlas da Violência, 2019). Em Portugal, no mesmo ano, foram registrados 76 homicídios intencionais (Pordata)⁵⁹. A criminalidade em Portugal apresenta níveis inferiores às médias registadas na União Europeia. No intervalo entre 2008 e 2018, os índices de criminalidade geral e violenta, apresentaram

⁵⁹ <https://www.pordata.pt/Europa/Crimes+por+categoria-3285>

reduções de 20,9% e 42,5%, respectivamente. Atualmente a criminalidade violenta e grave representa apenas 4,2% de toda a criminalidade participada (Relatório Anual de Segurança Interna, 2018). Além disso, Portugal é quarto país mais pacífico do mundo, somente superado pela Islândia, Nova Zelândia e Áustria (Global Peace Index 2019)⁶⁰.

Outras situações percebidas por Elcia (Almada), Elisa (Lisboa) e José (Porto) relacionam-se aos atos discriminatórios contra negros e brasileiros, como relatados a seguir:

Por ser negra, senti um certo preconceito. No Consulado Português no Brasil e em um restaurante na Costa de Caparica. Olham para mim dos pés a cabeça. A única pessoa portuguesa que mantenho contato é minha professora de inglês. Apesar de nova, tem aquele ranço da cultura portuguesa. Percebe-se que tem uma imagem negativa das mulheres brasileiras...sempre querendo diminuir o Brasil. (Elcia, Almada)

Já sofri xenofobia. Alguém, em um café, perguntou-me: “o que vocês vêm fazer cá?”. Mas, compreendo tudo isso. Nós, brasileiros, somos intolerantes conosco mesmo. Morei no Rio de Janeiro e sofri isso, chamavam-me “baiano... baiano!”. Na visão do paulista, há discriminação em relação aos nordestinos. Os baianos, por sua vez, discriminam os sergipanos. A gente discrimina também os portugueses. As nossas piadas são pejorativas em relação a eles. Por isso, não devo melindrar-me com um ou outro que me discrimina. Está tudo dentro do aceitável. Vou compreendendo e adaptando-me. (José, Porto)

Só senti preconceito por ser brasileira uma única vez. No caixa do Pingo Doce, certa vez, estava usando o Multibanco e me atrapalhei um pouco. Demorei a completar a operação. Uma senhora portuguesa que estava atrás de mim, irritada, disse: “mas só podia mesmo é ser brasileira”. (Elisa, Lisboa)

Nas mídias sociais e na imprensa - portuguesa e brasileira – há relatos de discriminação em relação a negros e brasileiros. São situações cotidianas enfrentadas nas ruas, no atendimento ao público e até mesmo no ambiente acadêmico. São ataques xenofóbicos, manifestações racistas e atos discriminatórios, manifestados, às vezes, de forma velada e sutil, como exemplos “*cá não é o Brasil*” e “*temos nossos meios de resolver esse problema*”. As queixas por discriminação étnica e racial tiveram um aumento de 93,3% entre 2017 e 2018, notadamente manifestadas contra os nacionais brasileiros, que constitui o maior grupo de imigrantes em Portugal. Em relação aos brasileiros, os relatos de xenofobia tiveram um aumento mais expressivo, atingindo um percentual de 150%, constituindo a terceira principal causa de discriminação em Portugal (Miranda, 2019; CICDR, 2018; Oliveira & Gomes, 2018:15). De

⁶⁰ <http://visionofhumanity.org/indexes/global-peace-index/>

acordo com o documento *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2018*, publicado pelo Observatório das Migrações, estes percentuais não refletem necessariamente o aumento da discriminação em Portugal, mas associa-se à mais recente revisão do regime jurídico relativa à discriminação racial - Lei [n.º 93/2017, de 23 de agosto](#) - que estabelece o regime jurídico da prevenção, da proibição e do combate à discriminação, em razão da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência e território de origem (Oliveira & Gomes, 2018:15). Ao contrário do Brasil, o racismo não é crime em território português, mas uma contravenção, que implica no pagamento de multa e até na possibilidade de punição.

Barreto (2011:482-483), no artigo *Brazilians in Lisbon Immigrant Association and the Meaning of Urban Spaces*, afirma que “apesar do lema ‘Lisboa, a cidade da tolerância’, impressa em uma parede na Praça de São Domingos, a coabitação de portugueses e imigrantes não é tão suave”. A autora, citando Lages & Policarpo (2002), destaca que “os africanos estão associados a drogas e gangues, imigrantes do leste europeu com máfias, mulheres brasileiras com prostituição” (p. 483) e “homens brasileiros com assalto à mão armada e uma cultura de violência”.

As percepções elaboradas pelos entrevistados neste estudo de caso podem não ser as mesmas daqui a alguns anos. O processo de integração na sociedade anfitriã, por meio de suas políticas de inserção do imigrante, bem como à aceitação de uma sociedade multicultural, desempenham papéis importantes na determinação do grau de inclusão dos imigrantes e possibilidade do pleno exercício da cidadania (Sardinha, 2009).

Onde morar? A escolha do concelho e a questão da moradia

Durante conversas casuais e entrevistas, os brasileiros reformados relataram o processo de escolha do concelho para fixar residência e a realidade enfrentada para conseguir um imóvel. É aqui que surge a questão da habitação e das suas especificidades como sendo uma das primeiras prioridades a solucionar quando da chegada no país de destino. E, no caso específico deste estudo de caso, a questão do acesso à moradia foi considerado o maior desafio enfrentado, tanto pelas dificuldades em conseguir um imóvel quanto aos valores praticados e condições exigidas.

Se comparado com os nacionais portugueses, verifica-se que os imigrantes brasileiros, regra geral, deparam-se com situações de discriminação no acesso ao arrendamento ou ao crédito bancário, pela sua condição de estrangeiro e, em alguns casos, pela sua menor capacidade financeira. As diferenças de tratamento incluem na disponibilidade de arrendar o imóvel e nas exigências quanto a garantia do arrendamento (renda, necessidade de fiador, entrada e caução solicitada). Estas formas discriminatórias já foram testadas, em 2009, por meio de estudo realizado por Malheiros et al. (2011) – *Acesso à habitação e Problemas Residenciais dos Imigrantes em Portugal* - junto ao mercado de arrendamento privado. A pesquisa revelou que o tratamento diferenciado entre nacionais portugueses e nacionais estrangeiros era sentido no contato telefónico, revelando-se uma maior indisponibilidade para arrendar casas a brasileiros (Malheiros et al., 2011). As experiências dos nossos entrevistados não se mostram diferentes após dez anos do estudo realizado por Malheiros et al. (2011). Muitos inquiridos destacaram a questão do acesso à moradia como um dos obstáculos mais difíceis ao fixar residência em Portugal. Quando os entrevistados falaram diretamente acerca do processo para conseguir uma morada, relataram situações discriminatórias e as exigências como garantia do arrendamento. Os três relatos a seguir ilustram bem a questão:

Leo e Eni (Torres Vedras)

Esse casal, ao decidir emigrar para Portugal, pretendia fixar residência na Área Metropolitana de Lisboa. Relataram que não conseguiram imóvel e, quando havia uma oferta, os valores da renda eram muito superiores à expectativa do planejamento. Conseguiram arrendar um imóvel em Mafra, com preço acessível, mas em condições não habitáveis. Eles não buscavam um imóvel semelhante ao padrão que tinham no Brasil, mas não queriam viver em um imóvel com um padrão de qualidade tão inferior. Optaram por Torres Vedras porque não queriam ficar muito distante da capital. Eni relatou que eles nunca imaginaram que seria tão difícil arranjar um imóvel, uma vez que as informações divulgadas nas redes sociais geraram uma expectativa diferente da realidade encontrada:

Pelo que a gente via e ouvia nos vídeos, lia na internet, não era tão difícil arrumar um lugar para morar. Quando chegamos, vimos que conseguir uma moradia era muito mais difícil do que as informações obtidas na internet. Esse foi um momento que... não deu vontade de voltar (para o Brasil) mas deu uma mexida.

Ao ouvir as narrativas acerca dos diferentes arranjos para conseguir uma morada, percebe-se que as pessoas se sentem fragilizadas e com a sensação de que na relação custo-benefício há mais perdas do que ganhos.

Ruiz (Cascais)

A experiência de Ruiz foi considerada por ele como sua “*primeira decepção*” em terras portuguesas. Sua primeira opção de moradia foi Albufeira, região do Algarve. Quando decidiu vir para Portugal, abriu uma conta em um banco português localizado naquele concelho. Ele e a esposa escolheram o Algarve porque obtiveram informação que o lugar é o mais parecido com o Rio de Janeiro: praia, sol e calor. Sua pesquisa para arrendar um imóvel teve início em Albufeira. Foi desencorajado pelo filho - que mora em Dublin - a viver no Algarve, sugerindo a área da Linha de Cascais. Após decidir o local desejável para viver, veio para Portugal arrendar um imóvel. Aqui começa a sua saga para ficar com o imóvel que, segundo Ruiz, atenderia as exigências da esposa.

Vi um imóvel e liguei para o consultor para marcar a visita. Nunca tinha visto o que vi (e olha que tenho uma imobiliária no Brasil). Três casais para ver o imóvel no mesmo horário. Gostei do imóvel. Não conseguia comunicar-me com minha esposa (o sinal da internet onde ela estava é muito ruim). Gostei do apartamento: dois quartos, dois banheiros, uma cozinha grande. E o imóvel localizado a cinco minutos (a pé) do centro de Cascais. Pediram uma renda de 1500 euros. Informei a consultora que tinha gostado do apartamento. Já tinha o NIF, poderia fechar o negócio. Fomos até a corretora. Ligaram para o proprietário do imóvel. O consultor retornou e, meio sem jeito de dizer, mas precisava informar que o proprietário não queria arrendar o imóvel para brasileiro. A exigência eram duas rendas antecipadas e mais a caução. Ofereci seis rendas antecipadas e mais a caução. O proprietário não aceitou. Então ofereci doze rendas antecipadas e mais a caução. O proprietário aceitou. Paguei 19.500 euros sem conhecer nada, nem mesmo o proprietário.

A resistência em arrendar o imóvel a brasileiro tem relação com a experiência negativa que o senhorio teve com o último arrendatário. Era brasileiro. Saiu do imóvel e voltou para o Brasil. Estão com a causa na justiça. Ruiz comentou que a primeira decepção foi a questão do arrendamento, sentir-se discriminado por ser brasileiro. A segunda, por ter antecipado doze rendas para conseguir arrendar o imóvel. Poderia ter evitado tal situação, se tivesse conhecimento da alínea “c”, do item 1, do artigo 4º, da Lei n.º 93/2017, de 23 de Agosto, que proíbe qualquer forma de discriminação (em razão da origem racial e étnica, cor, nacionalidade,

ascendência e território de origem), definida como tal na presente lei, dentre elas a “recusa ou condicionamento de venda, arrendamento ou subarrendamento de imóveis”⁶¹.

Monise e Lúcia (Oeiras)

Monise e Lúcia, mãe e filha, com cidadania portuguesa, tiveram experiência positiva em relação ao arrendamento imobiliário. Embora soubessem que poderiam ser tratadas com discriminação por serem ‘brasileiras e mulheres’, não tiveram problema.

O primeiro apartamento que vimos conseguimos arrendar. Tivemos sorte. Há muitas pessoas que não arrendam a brasileiros. E tínhamos receio que não aceitassem os gatos. A senhoria aceitou porque o imóvel não tinha mobília. Estávamos muito ansiosas porque tínhamos quatro gatos e a restrição com brasileiros. A senhoria nos tratou como portuguesas. Pagamos duas rendas e duas cauções porque não tínhamos fiador. (Monise, Oeiras).

Com este relato podemos concluir, efetivamente, que o nacional estrangeiro está muito mais sujeito a sofrer discriminação e outros impedimentos ao acesso à habitação, sobretudo no caso de brasileiros e, em especial, se forem mulheres. De acordo com o Relatório Estatístico Anual 2018, divulgado pelo Observatório das Migrações, a situação de desvantagem das populações imigrantes ao acesso à moradia em Portugal é comum nos diversos países da União Europeia, “sendo evidente a maior associação dos imigrantes a alojamentos sobrelotados, e o acesso à propriedade da habitação muito mais difícil do que para a população nativa” (Oliveira & Gomes, 2018:14). Dados do Eurostat (2015)⁶², indicam que cerca de 25% dos nacionais portugueses residentes em Portugal vivem em imóveis arrendados, em contrapartida mais de 70% da população nacional estrangeira residente possui o status de inquilino.

A maioria dos entrevistados não se sentiu discriminado quando da busca por uma morada, todavia foram unânimes em dizer que o processo foi difícil e muito dispendioso. De acordo com Gina, de Lisboa, “*é uma despesa que a gente precisa planejar*” e “*a gente fica na expectativa: vai vencer o contrato de arrendamento, o que faremos depois, vamos ter de mudar, ou não...*”. A necessidade de adequar-se a um padrão de vida onde a diferença de câmbio é desfavorável (as pensões e rendas auferidas no Brasil são em moeda brasileira, o

⁶¹ Qualquer prática discriminatória por pessoa singular, nos termos do artigo 4.º, constitui contraordenação punível com coima graduada entre uma e dez vezes o valor do indexante dos apoios sociais, sem prejuízo da eventual responsabilidade civil ou da aplicação de outra sanção que ao caso couber. (item 1, do art. 16 da Lei 93/2017, de 23 de agosto)

⁶² Disponível em <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/8787947/KS-05-17-100-EN-N.pdf/f6c45af2-6c4f-4ca0-b547-d25e6ef9c359>

Real; e as transações realizadas em Portugal são em Euro)⁶³, é preocupação quando se trata de moradia.

O que mais pesa no orçamento é moradia. (Nise, Almada)

O valor do arrendamento é muito alto. (Roger, Lisboa)

O que mais pesa no meu orçamento é a renda do imóvel. A única coisa que afetou minha vida (até o momento) e está me incomodando, é o valor da renda do imóvel. Toda vez que deposito a renda na conta do senhorio, lembro-me que não gasto esse valor para manter meu apartamento no Brasil. O custo/benefício não vale. (Elcia, Almada)

Arrendar um imóvel foi difícil. Em novembro de 2017 consegui arrendar um apartamento e fui morar com uma amiga brasileira. Os custos foram bastante minimizados. Exigiram três cauções e duas rendas antecipadas. Estava muito difícil conseguir. (Elisa, Lisboa)

O processo de conseguir um imóvel foi difícil. Ficamos durante um mês hospedados por meio da plataforma Airbnb. Depois ficamos quinze em outro imóvel arrendado por meio da plataforma Uniplaces. Conseguimos um apartamento no site Idealista. Exigiram dois meses de caução e uma renda antecipada. (Breno, Lisboa)

A escolha do concelho é uma decisão que envolve diferentes expectativas e motivações. Alguns entrevistados escolheram o concelho porque já tinham vínculos familiares, amigos ou pelo menor custo de alojamento (como exemplo, os residentes em Azeitão, Torres Vedras, Sintra, Porto e Vila Nova de Gaia). Outros, oriundos de grandes centros urbanos do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Campinas, Jundiaí, Sorocaba e Rio de Janeiro) optaram pela área metropolitana de Lisboa por entenderem que as possibilidades culturais seriam maiores, as temperaturas mais amenas, e a proximidade do aeroporto internacional.

4.6 As práticas transnacionais e os contatos com o lugar de origem

No mercado internacional de hoje - devido à revolução das comunicações e dos transportes - os migrantes são, mais do que nunca, um vínculo humano dinâmico entre culturas, economias e sociedades. Cartões telefônicos mantêm os migrantes em contato com a família e amigos, e são necessários apenas alguns segundos para o sistema financeiro global transmitir os seus ganhos para cantos remotos do mundo, onde compram comida, roupas, abrigo, pagam pela educação ou cuidados de saúde, e podem aliviar a dívida. A internet e a

⁶³ 1 Euro = 4,50 Reais, em 26/09/2019.

tecnologia de satélites permitem troca constantes de notícias e informações os migrantes e seus países de origem. As tarifas aéreas acessíveis permitem viagens mais frequentes e um padrão de mobilidade mais fluido e alternativo. (Kofi Annan - Globalização e interdependência: Relatório Internacional sobre Migração e Desenvolvimento do Secretário-Geral das Nações Unidas, 18 de maio de 2006)

O que é o transnacionalismo? As definições variam, mas geralmente estão vinculadas ao “engajamento regular em atividades que abrangem fronteiras nacionais de residentes estrangeiros como parte de suas rotinas diárias” (Lima, 2010:1). As atividades transnacionais foram possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico nos setores de transporte e de comunicação, que transformou a relação entre pessoas e lugares permitindo que os vínculos do imigrante com a área de origem fossem mantidos, “revitalizados, fortalecidos e reafirmados por meio da presença virtual, *proxy*, física e imaginada” (Adugna, 2019:5). Desse modo, os imigrantes desenvolvem e mantêm conexões com seus familiares e comunidades dos locais de origem (Glick Schiller et al., 1992). Vertovec (2001, 2003, 2004a, 2004b), Portes (2003, 2010), Peggy Levitt & Nina Glick Schiller (2003), Caglar (2001) e outros pesquisadores identificaram as principais características do transnacionalismo de migrantes.

A visão moderna da migração, que envolve espaços distintos, não mais concebe a ideia de que o imigrante apenas transfere o seu contexto e as suas atividades económicas e sociais para o país de acolhimento. Os imigrantes continuam a manter laços com o seu país de origem, criando sociedades híbridas e construindo um ambiente cultural mais rico (De Haas, 2011). Adugna (2019:5) assevera que as redes transnacionais de migrantes ligam áreas de destino e de origem por meio de “investimentos, remessas e criação de um mercado para produtores e prestadores de serviços locais”.

No presente estudo de caso, verificou-se que as práticas transnacionais dos reformados brasileiros são intensas e diferenciadas. A maior parte dos entrevistados mantém suas vidas social, financeira e fiscal em dois espaços territoriais:

No Brasil

- (1) Todos os entrevistados continuam como residentes fiscais⁶⁴ (os nacionais brasileiros devem comunicar a saída definitiva quando se ausentarem do país por um período superior a 12 meses consecutivos).

Ainda sou residente fiscal no Brasil. Se fizer minha declaração de saída definitiva, a alíquota do IRPF passa a ser de 25% sobre o valor bruto da pensão. Hoje, pago efetivamente 14% a 15%. Por isso transfiro mensalmente o valor da minha pensão para o banco português. (Raí, Sintra)

Minha cunhada (irmã da minha esposa) e minha sogra passaram o Natal e Ano Novo (2018) conosco. (...) Nossa residência fiscal ainda é no Brasil. Ainda mantemos o nosso plano de saúde e não pretendemos “abrir mão”. Temos imóveis no Brasil. (Célio, Almada)

Retornamos ao Brasil uma vez ao ano para a mãe fazer a prova de vida. Ainda somos residentes fiscais no Brasil. (Monise e Lúcia, Oeiras)

Com o passar do tempo, se as renovações ocorrerem sem problema, pretendo comunicar minha saída definitiva no Brasil. (Breno, Lisboa)

Farei minha saída definitiva do Brasil em 2020. Até lá continuarei como residente fiscal. (...)Minha ideia é deixar de ter qualquer ligação com o Brasil. (...)Portugal, hoje, é minha casa. (Lícia, Amadora)

Permaneço como residente fiscal no Brasil. (Ana, Azeitão)

Continuo sendo residente fiscal no Brasil. Irei ao Brasil em junho e buscarei informações na Receita Federal, a fim de esclarecer essa questão. Saber o que será mais vantajoso. (Elcia, Almada)

- (2) A maioria dos entrevistados retorna ao Brasil, uma vez ao ano, para fazer “prova de vida”⁶⁵ junto ao órgão provedor da pensão e para visitar familiares.

Só volto ao Brasil para fazer “prova de vida”. Sempre em novembro. Isso para não ter incidência de 25% a título de IRPF. (Ruiz, Cascais)

Voltamos ao Brasil algumas vezes (duas vezes ao ano). Temos algumas coisas lá. E temos a família (meus sogros são idosos). (Gina, Lisboa)

⁶⁴ <http://receita.economia.gov.br/interface/cidadao/irpf/2018/declaracao/declaracao-de-saida-definitiva>

⁶⁵ Trata-se de uma visita que o beneficiário tem de fazer ao seu banco pagador (onde é depositado o seu benefício/pensão) para mostrar que está vivo. O procedimento tem o objetivo de evitar fraudes, golpes e pagamentos indevidos. No caso dos reformados brasileiros que vivem no exterior, a “prova de vida” pode ser realizada no Consulado Brasileiro onde estiver residindo. Manter a conta bancária no Brasil e fazer a “prova de vida” na agência bancária é o arranjo encontrado para evitar a aplicação da alíquota de 25% sobre os valores recebidos a título de pensão, nos termos do art. 7º da Lei Lei 13.315/2016 da RFB.

Neste ano vou ao Brasil. Quero ter a possibilidade de ir lá. Ano sim, ano não. Não quero ficar sem ir ao Brasil. Se não for assim, prefiro voltar. (Leo, Torres Vedras)

A gente se programa para ir ao Brasil uma ou duas vezes ao ano. E vai ficar tudo bem. (Dina, Porto)

- (3) A maioria dos entrevistados mantém os seus imóveis alugados ou fechados, porém os bens móveis foram vendidos.

Quero comprar um apartamento no fim do ano. Vou colocar minha casa, que tenho no Brasil, à venda. Darei uma entrada. (Iria, Porto)

Temos imóveis no Brasil. (Célio, Almada)

Penso adquirir um imóvel. É a troca da minha morada (que é própria, no Brasil) tão logo consiga vender. (Naldo, Porto)

- (4) Alguns entrevistados optaram pela manutenção do seguro saúde, e realizam consultas e exames de rotina quando viajam ao Brasil.

Ainda permaneço com o plano de saúde no Brasil. O fato de ir ao Brasil com certa regularidade, a incerteza de permanecer ou não em Portugal, penso ser melhor manter o plano de saúde em vigência. (Breno, Lisboa)

Ainda mantemos o nosso plano de saúde e não pretendemos “abrir mão”. (Célio, Almada)

- (5) Todos os entrevistados mantêm suas contas bancárias no Brasil, que são utilizadas para depósitos das pensões, movimentações financeiras e pagamentos de taxas e impostos.

A internet é uma ferramenta fundamental para o imigrante para quem está longe, que sai do seu país. Os negócios, as questões bancárias, pode-se fazer tudo pelo aplicativo. Podemos conversar com os familiares e vê-los. (José, Porto)

- (6) Desenvolvem e mantêm conexões com seus familiares e comunidades dos locais de origem, beneficiando-se com as redes sociais disponibilizadas na internet e aplicativos, assim como do desenvolvimento dos meios de transporte.

A possibilidade de termos condições financeiras de nos deslocarmos de um lugar para o outro, torna a distância física menos complicada. (Breno, Lisboa)

Tem uma questão que não nos atrapalha e penso que nos ajuda a ficar aqui: a tecnologia. Ela é toda a nosso favor. Eu não fico nem um dia sem falar com

meus irmãos. Meu marido não fica nem um dia sem falar com os pais dele. Acompanhamos tudo. Eu converso com a minha filha todos os dias. Vejo meu neto pelo vídeo todos os dias. Isso nos deixa próximos. Eu converso com meus amigos. Temos grupos de WhatsApp. Não me sinto longe de jeito nenhum. Sei que tem um oceano no nosso caminho, mas nossos corações e mentes estão sempre juntos. (Gina, Lisboa)

À medida que os avanços tecnológicos se tornam mais acessíveis, os arranjos de convivência familiar transnacional tomam uma variedade de formas. Os membros familiares vivem separadamente em dois ou mais países mantendo práticas transnacionais que permitem relações estreitas e laços entre si, bem como laços econômicos, sociais e políticos significativos com seu país de origem (Schmalzbauer, 2004; Shih, 2015).

Sou muito emocional. Mantenho os vínculos. Converso muito pela internet, WhatsApp. A possibilidade de abrir o telemóvel e poder ver as pessoas facilita muito, atenua o distanciamento. O grande boom da comunicação são as redes sociais. Facilita muito, dilui muito as consequências da distância. (Leo, Torres Vedras)

Minha convivência com amigos e familiares são por meio de grupos de WhatsApp (risos). Converso com minha família, meus pais (mais com minha mãe). O WhatsApp é realmente uma benção. Mais do que as outras redes sociais. A gente interage muito mais. Pode-se falar diariamente com os seus. A rede social favorece muito a aproximação dos vínculos familiares e de amizade. (Eni, Torres Vedras)

Falo com minha mãe praticamente todos os dias. Posso vê-la com facilidade na internet. Fez 92 anos no dia de Natal. Minha irmã gravou uma festinha que fez na casa de repouso. A tecnologia favorece bastante. (Naldo, Porto).

Converso praticamente todos os dias com meus familiares. A tecnologia nos favorece. Hoje podemos conversar e ver a pessoa. Lembro-me que meu marido, quando chegou ao Brasil, ficou cerca de quinze anos sem ver a mãe. (Dina, Porto)

Nedelcu (2016), em seu artigo, aborda sobre as práticas transnacionais de avós romenos com filhos e netos no Canadá, e mostra que estes idosos são capazes de adquirir diversas habilidades tecnológicas para manter a proximidade e melhorar a qualidade de interação e relacionamento com seus filhos migrantes (Horn & Schweppe, 2017). Experiência semelhante foi encontrada no relato do brasileiro Roger, residente em Lisboa, transcrito a seguir.

Sinto muita falta da minha família. Quando decidimos morar em Portugal, fui até a casa de minha mãe – que mora em outro estado brasileiro – para informá-la acerca da minha decisão. Ela disse: “a tua filha não foi para a Alemanha?”

Vais também.” Ela tem 83 anos. Até então nunca tinha usado um computador ou celular. Agora usa o celular para comunicar-se comigo e com toda a família. Sempre nos comunicamos aos domingos. Ela utiliza o WhatsApp para conversarmos. (Roger, Lisboa)

Casado-Díaz, Kaiser & Warnes (2004:376), verificaram situação semelhante em pesquisa realizada em nove áreas receptoras de reformados do norte europeu localizadas no sul deste continente. Concluíram que os migrantes reformados estabelecidos naquelas áreas, “embora tenham contatos face a face relativamente pouco frequentes com seus parentes próximos, isso não é incompatível com uma orientação familiar forte, pois há muitas viagens esporádicas e migrações inversas quando um pai, criança ou neto precisa”.

As redes sociais, principalmente o WhatsApp, são ferramentas muito importantes para aproximar-nos de quem está distante. Sinto falta dos amigos. Alguns são amigos de época de adolescência. Fazem parte da minha família. (Ana, Azeitão)

Hall & Hardill (2014), em *Retirement migration, the “other” story: caring for frail elderly British citizens in Spain*, chama a atenção para o rótulo atribuído aos migrantes britânicos em Espanha: *transmigrantes*. Isso se deve ao entrelaçamento existente entre os migrantes britânicos com amigos, familiares e instituições no Reino Unido, de tal modo que suas vidas estejam conectadas a dois países de forma simultânea. Há uma relação forte com o país de origem, seja no aspecto financeiro (beneficiários de pensões ou outras formas de rendas) ou no aspecto emocional (laços familiares e amigos). A manutenção destes vínculos evidencia a necessidade de segurança para no caso de o projeto migratório falhar e ocorrer o retorno ao país de origem (O’Reilly, 2000, 2007; Vervotec, 2004b).

Embora os imigrantes possam se envolver em diferentes graus, as características dos estilos de vida transnacionais são experiências compartilhadas, em algum grau, por todos os migrantes contemporâneos (Glick-Schiller et al., 1992; Levitt & Jaworsky, 2007).

Em Portugal

(1) *cumprimento da exigência quanto à permanência no país por um período de seis meses ininterruptos ou oito meses intercalados*; (2) arrendamento de imóvel ou investimento em uma segunda residência; (3) transferência das pensões e outras fontes de renda para bancos portugueses; (4) todos os entrevistados estão registrados no SNS português, beneficiados pelo

acordo entre Brasil e Portugal; (5) seis entrevistados adquiriram seguro saúde em Portugal; (6) oito entrevistados frequentam instituições religiosas de vertente evangélica, que participavam no Brasil.

Sinto-me em casa porque comprei um imóvel. Temos participado das reuniões do condomínio. Quando retornamos ao Brasil (2018), não sentimos o desejo de ficar lá. Pode ser que a nossa visão mude. Estamos apenas há um ano e meio em Portugal. (Célio, Almada)

Somos presbiterianos e frequentamos a igreja em Lisboa. Fizemos muitos amigos ali (portugueses, brasileiros, e pessoas originárias da África). Pensamos em adquirir um imóvel, mas isso só decidiremos no próximo ano. Hoje, nós moramos aqui e no Brasil. Mais aqui do que no Brasil. E gostaria de continuar fazendo isso, enquanto tiver condições. (Gina, Lisboa)

Entre a população entrevistada, observa-se algum tipo de atividade transnacional, desde remessas monetárias ou em forma de presentes de produtos típicos de ambos países. Normalmente esses artigos são levados pelos próprios imigrantes quando viajam ao Brasil, por curtos períodos, ou quando de lá retornam. As remessas monetárias realizadas pelos reformados brasileiros, diferentemente dos imigrantes laborais, são transações realizadas exclusivamente do país de origem (Brasil) para o país anfitrião (Portugal). A maioria dos entrevistados utiliza os aplicativos *Transferwise* e/ou *Remessa Online* para transferência de suas rendas e pensões.

As práticas transnacionais observadas na comunidade britânica no sul da Espanha, assemelha-se ao verificado junto aos reformados brasileiros entrevistados. Hall & Hardill (2014) assinalam que a vida transmigrante dos britânicos pode variar de acordo com o tempo de permanência do migrante na comunidade anfitriã. Os vínculos tornam-se mais enfraquecidos junto àqueles que estão na Espanha há um tempo considerável. No presente estudo de caso, todos os entrevistados chegaram em Portugal a partir de 2016, o que pode justificar a intensa rede social ainda mantida com o Brasil e a manutenção de vínculos com outros residentes brasileiros em Portugal. Uma rede caracterizada, como bem dizem Hall & Hardill, de “reciprocidade em que todo mundo se ajuda”.

4.7 Perspectivas futuras (ficar/reemigrar/retornar)

Na prática, os migrantes reformados, em comum com a maioria dos outros, caracterizam-se pela diversidade e fluxo. Os migrantes de reforma não são homogêneos e os fluxos de pessoas que se movem na vida posterior incluem diversas situações pessoais e econômicas. Muitas decisões migratórias evoluem de forma incremental e imprevisível, e algumas produzem uma série de movimentos externos e de retorno em resposta às necessidades pessoais ou familiares. (Ackers & Dwyer, 2004:463)

O tempo médio de chegada dos reformados brasileiros entrevistados é cerca de dois anos. Dos vinte e um entrevistados, quinze chegaram no ano de 2017, e relataram que fizeram viagens ocasionais ao Brasil nos últimos dois anos. Nem todos conheciam Portugal antes da decisão de emigrar. A busca por informações acerca do país, ou mesmo a visita turística para conhecer a região, ocorreu, regra geral, após a verificação da possibilidade legal de viver em território português. Como já foi discutido, a maioria dos inquiridos informou que Portugal foi a sua primeira escolha para desfrutar os anos de reforma. A possibilidade de entrar legalmente no país foi fator decisivo na opção.

Da análise dos resultados, podemos concluir que entre os reformados brasileiros, que não possuem uma cidadania europeia, alguns pretendem permanecer em Portugal até adquirir o título de cidadão português. Na sequência, reemigrar para outro país europeu, como os relatos a seguir:

Ao conseguir a cidadania, pretendemos mudar para a Alemanha e ficarmos juntos a minha filha e netos. (Roger, Lisboa)

Entendo que Portugal só é um bom lugar para reformados, que vivem de rendas, ou para estudantes que são sustentados por familiares ou com bolsas de estudo. Meu filho, por exemplo, está consciente que não conseguirá bons empregos em Portugal. Já está se mobilizando para continuar seus estudos em outro país europeu. Desejo que ele seja um cidadão do mundo. Portugal, para mim, é só um trampolim. É o local onde foi mais fácil entrar legalmente. (Lícia, Amadora)

Penso em morar em outro país. Isso por conta da necessidade e da capacidade do meu marido. Por que não ir para um lugar melhor? Só esbarro mesmo é no fator clima. Pensamos até mesmo em ir para Genebra. Tenho uma amiga que vive há dezoito anos lá. (Dina, Porto)

Quando lemos as citações de Roger e Lícia, percebemos o projeto migratório de ambos buscou seguir uma trajetória pré-determinada. Entretanto, o processo migratório idealizado por Dina, que, em um primeiro momento, seria fixar residência por um período de dois anos em Portugal

e retornar ao Brasil, indica a possibilidade de sofrer alteração ao longo do tempo. Schapendonk (2012:32), argumenta que a trajetória migratória traçada pelos migrantes não constitui um processo fechado, mas um fenômeno aberto, sujeito a mudanças no decorrer da vida.

Paul (2011) refere-se à reemigração como um processo de “migração internacional gradual”. Uma estratégia utilizada pelos migrantes para superar as barreiras estruturais que os impedem de entrar legalmente em seus destinos preferidos. Uma hierarquia gradual no movimento migratório que pode envolver vários países e durar mais de uma década. Embora a autora tenha observado essa trajetória na migração laboral em um estudo de caso com empregadas domésticas de origem filipina, nossa pesquisa revelou que a estratégia é também utilizada na migração de reformados. Roger, residente em Lisboa, planejou o seu destino final de forma consciente. O tempo de permanência em Lisboa foi planejado como trampolim - enquanto aguarda a cidadania - para chegar ao local de destino idealizado: viver próximo à sua filha, que reside na Alemanha. Um tempo estimado em, no mínimo, seis anos, nos termos da alínea “b”, inciso 1, do artigo 6º da Lei Orgânica n.º 2/2006, de 17 de abril (Ato da Nacionalidade Portuguesa).

Dina (residente em Porto), ao contrário, não pretendia utilizar Portugal como um meio para chegar a outro destino europeu. O seu projeto migratório duraria dois anos, que coincidiria com o tempo necessário para que o seu esposo concluísse o curso de mestrado na Universidade do Porto. Entretanto, a experiência migratória de Dina ampliou o seu capital cultural. Durante a entrevista ela comentou: *“Parece que meus horizontes estão se abrindo mais. Penso em morar em outro país. Isso por conta da necessidade e da capacidade do meu marido”*. Em recente conversa com Dina, esta comentou que o seu esposo solicitou prorrogação para entrega da dissertação para mais um ano, o que significa que o projeto migratório idealizado foi postergado para um tempo maior do planejado.

Outros relatos, por sua vez, revelaram que alguns reformados desejam simplesmente usufruir da condição legal para permanecer temporadas em outros lugares da Europa, mas sempre tendo Portugal como base para retornar.

O que quero é firmar algumas possibilidades em Portugal. Conseguir minha cidadania. Conhecer mais a Europa. Ter estabilidade em Portugal, mas que me dê liberdade de ir ao Brasil. (Leo, Torres Vedras)

Buscamos também a cidadania. Não somos turistas. Somos moradores de Lisboa. Queremos viajar muito. Conhecer a Europa. (Breno, Lisboa)

A princípio, estou adorando morar cá. Mas, tem um outro lado meu que está aberto. Gostaria de morar em um motorhome e rodar pela Europa. Minha base seria Portugal. (Monise, Oeiras)

A assinatura do Tratado de Maastricht, em 1992 favoreceu a livre circulação e igualdade de direitos aos cidadãos de países terceiros portadores de nacionalidade de um dos Estados-membros. A pessoa que possui uma nacionalidade de um Estado-membro é considerada cidadã da UE (Ahrens, Kelly & van Liempt, 2016). Estas autoras afirmam que existem cerca de 11,9 milhões de nacionais de países terceiros naturalizados e com direito à liberdade de circulação como “novos cidadãos da UE” (p. 84). É importante salientar que nem todos os migrantes reformados brasileiros estudados nesta pesquisa puderam escolher livremente o país preferido de residência devido às políticas migratórias da UE. Nesse sentido, as restrições à livre circulação impostas aos imigrantes de países terceiros é comum a todo tipo de migrante (estudantes, familiares, reformados ou profissionais).

Embora a ideia ou projeto de retorno esteja presente na maioria dos projetos migratórios, ou seja, a perspectiva é um dia retornar para o local de origem (Pereira & Siqueira, 2013), observamos que a maioria dos entrevistados ainda não tem um projeto delineado quanto às perspectivas futuras. Os relatos apontam para uma perspectiva de permanência em Portugal, todavia somente o futuro poderá demonstrar com certeza a decisão desse grupo de migrantes. No percurso da vida, dependendo do contexto e das possibilidades apresentadas e do capital social, os imigrantes reconstróem seu projeto e retornam para algum ponto (Pereira & Siqueira, 2013). Não obstante, estamos tratando de um grupo de migrantes agrupados na categoria *lifestyle*, que, se comparados com a população em locais para onde migram, são considerados como indivíduos relativamente afluentes que se movem permanentemente ou apenas temporariamente para um lugar que lhes possibilite a realização de uma vida melhor (Benson & O’Reilly, 2009a). Considerando que os reformados brasileiros se encontram em uma fase inicial de realocação e de avaliar suas expectativas e aspirações, entendemos que, uma vez não realizadas, há possibilidade de adaptação a novas circunstâncias (Benson & O’Reilly, 2009a). O resultado pode desenhar uma vida multilocal, quando variações sazonais ou de longo prazo ocorrem entre residências em várias configurações geográficas (Kordel & Lutsch, 2018:616).

Outra situação que poderá influenciar na decisão de retornar ao Brasil é a volatilidade nas taxas de câmbio. Diferentemente dos migrantes que deixaram a Grã-Bretanha, a Alemanha, a França, a Suécia, o Canadá e os EUA, que são geralmente mais ricos do que a média dos habitantes locais nas cidades onde se instalam, os reformados brasileiros fizeram um caminho inverso. Embora os entrevistados relatem que conseguem manter o padrão de vida que usufruíam no Brasil, há uma preocupação em relação à diferença cambial e aos preços relativos entre os países de origem e acolhimento. Walters (2002), em *Later-Life Migration in the United States: A Review of Recent Research*, afirma ser provável que os reformados retornem com maior frequência, e em maiores números, quanto maior a diferença de preços relativos entre os países de acolhimento e de origem.

Conclusão

Este estudo, que trata do fluxo migratório de brasileiros reformados para Portugal, foi realizado a partir de dados relativos às solicitações de residência efetivadas neste país no intervalo compreendido entre 2008 e 2018. Estas informações permitiram-nos verificar, desde logo, que a migração internacional de reformados brasileiros em direção a Portugal é um fenómeno recente, intensificado na segunda metade da presente década, com aumento progressivo, notadamente nos anos de 2016 e 2017, com percentuais de 21% e 27,3%, respectivamente.

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) contabilizou – no intervalo entre 2008 e 2018 - a emissão de 6.497 títulos de residência a nacionais brasileiros reformados, pessoas com rendimento próprio e religiosos (visto D7). Enquanto em 2008 apenas 167 títulos de residência, vinculados ao visto D7, foram atribuídos a nacionais brasileiros, em 2018 foram emitidos 3.074, e até março de 2019, 639 títulos. O interlúdio entre os anos de 2016 e 2018 destacou-se como o de maior fluxo de entradas de brasileiros portadores de visto D7, com atribuição de 5.498 títulos de residência, tendo seu ápice em 2018. Esses números refletem um ganho de importância nos vistos concedidos a brasileiros reformados.

Em análise do contexto da emigração brasileira para Portugal no período em referência, foi possível obter informações adequadas acerca do conjunto de fatores estruturais que guardam relação com a migração da população brasileira para este país. A revisão da literatura permitiu-nos constatar que existiram dois períodos marcantes em que os fluxos se intensificaram: (1) o primeiro período (do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, até o final dos anos de 1990) foi marcado pela emigração laboral em busca de melhores condições de vida em decorrência da situação socioeconómica brasileira; (2) o segundo período – que se inicia em 1998 e se estende até a crise económica portuguesa de 2010 – é justificado pelo aumento do desemprego no Brasil e, em Portugal, pela necessidade de mão-de-obra em setores de desenvolvimento, notadamente nos setores de hotelaria, construção civil, serviços de limpeza e cuidado de idosos. A partir de 2010, em virtude da crise económica portuguesa que se estendeu até 2015, muitos imigrantes brasileiros retornam ao Brasil ou remigram para países menos afetados pela crise, como Reino Unido e Alemanha. A retomada da intensificação do fluxo da emigração brasileira para Portugal é verificada a partir de 2016. Os dados do Relatório do SEF disponibilizados em 2018 confirmam a nacionalidade brasileira como principal

comunidade estrangeira residente com 105.423 cidadãos, o que significou um aumento de 23,4% em relação a 2017, representando o valor mais elevado desde 2012.

Por outro lado, considerando a análise de tipos de vistos de residência concedidos aos imigrantes de nacionalidade brasileira, observa-se alteração nos perfis das entradas de brasileiros em Portugal a partir de 2016, destacando-se as mobilidades de estudantes, de investigadores e trabalhadores altamente qualificados, de trabalhadores independentes, de investidores e de reformados. Além destes, verificou-se aumento nos pedidos de Autorização de Residência para Atividades de Investimentos (ARI); de estada temporária para efeitos de transferência de trabalhadores entre países pertencentes à Organização Mundial do Comércio (OMC), para prestação de serviços ou formação profissional (visto E6); e de reformados, de pessoas que vivam de rendimentos e de religiosos (visto D7).

Posto isso, ao longo do trabalho de investigação foi possível verificar - em uma amostra ilustrativa de 21 entrevistas em profundidade - o processo migratório dos brasileiros reformados para Portugal, desde o contexto da partida até a inserção no país anfitrião e as perspectivas futuras. A partir do conteúdo exposto, identificamos as motivações dos reformados brasileiros em deixar o Brasil e as especificidades do processo migratório deste grupo, objetivos principais da pesquisa.

A contribuição inicial desta pesquisa é, portanto, o colmatar de uma lacuna no conhecimento deste fluxo migratório que, nomeadamente nos últimos cinco anos, têm se caracterizado por um grupo de pessoas que optaram em fixar residência em Portugal após a reforma, seja na condição de portador do visto D7 ou de uma cidadania europeia.

As características sociodemográficas dos brasileiros reformados, levantadas no presente estudo de caso, revelaram que esta migração é empreendida predominantemente por casais com idades entre cinquenta e cinco anos e setenta e um anos; população relativamente idosa e mais jovem; presença significativa de mulheres sozinhas (solteiras, viúvas ou divorciadas); de indivíduos com dupla nacionalidade; pertencentes a grupos sociais de classe média e alta. Além disso, a maioria dos entrevistados afirmou que não mais exercia atividade laboral no país de origem e nem pretendia exercer uma atividade profissional em Portugal, o que sinaliza que esses migrantes são detentores de recursos financeiros antes da emigração e ao chegarem no país de destino. Estes dados coincidem com o estudo apresentado por Casado-Díaz et al. (2004), em

Northern European retired residents in nine southern European areas: characteristics, motivations and adjustment, ao analisar os principais resultados de seis inquéritos - aplicados em nove áreas do sul da Europa (Toscana, em Itália; Malta; Costa del Sol, Alicante, Mallorca e Costa Blanca, em Espanha; Algarve, em Portugal) e nas Ilhas Canárias (Tenerife e Gran Canária) – abrangendo comunidades de migrantes reformados do norte da Europa que fixaram residência naquelas áreas. Portanto, uma segunda contribuição do presente estudo foi destacar os fatores que diferenciam e/ou coincidem entre a migração de reformados brasileiros e a de outras mobilidades de migrantes reformados. O que diferencia um do outro é a direção do fluxo migratório, que, em termos económicos, é mais favorável aos migrantes que se deslocam do Norte-Global para as áreas que apresentam um custo de vida menor. Nas sociedades ricas, a migração de reformados pode ser altamente atraente por motivos de estilo de vida, para evitar tributação no país de origem, ou como estratégia de otimização de renda, dentre outras categorias. A direção escolhida, portanto, tende a se concentrar em áreas específicas atraentes por razões de clima, estilo de vida e preço. No caso dos reformados brasileiros, ao contrário, a direção escolhida coincide com o fluxo da mobilidade dos migrantes laborais brasileiros (Sul-Norte). Um tipo de migração que pode ser, também, altamente atraente por motivos de estilo de vida, mas certamente não se encaixa nas categorias “para evitar tributação no país de origem” ou como uma estratégia - denominada por Hayes (2014) - de *geoarbitragem*.

As pesquisas têm demonstrado que um conjunto de fatores ambientais, económicos, culturais e, em menor grau, políticos são os gatilhos para mudanças de residência por parte dos reformados (Lardiés-Bosque, 2016). No presente estudo de caso, a análise da amostra sugere que as relações familiares afetam muitos aspectos do projeto migratório dos reformados brasileiros e desempenham papel significativo na permanência desses migrantes em Portugal. À exceção de dois casais (residentes em Torres Vedras e Porto), a experiência migratória dos demais participantes envolve o núcleo familiar em duas situações: (1) migraram acompanhados dos filhos (alguns adultos e outros ainda pré-adolescentes) e netos; (2) migraram para estarem mais próximos aos filhos e/ou outros familiares que residem na Europa. Embora a justificativa para emigrar, em alguns casos, tenha sido manifestada no discurso de outra forma, percebemos que a decisão dos filhos em fixar residência em Portugal (como estudante; ou na condição de reagrupamento familiar por casamento com cidadão português; ou por ter uma cidadania europeia) proporcionou maior tranquilidade na decisão de deixar o Brasil. Além disso, a situação da (in)segurança pública brasileira e insatisfação com as mudanças nos rumos da política brasileira, aliada a possibilidade de viver de forma legal em um país considerado um

dos mais seguros do mundo, aparece como mote propulsor na decisão de emigrar. Neste cenário, identificamos também alguns exemplos de migrantes *lifestyle*, que decidiram viver em outro país como uma experiência lúdica, em busca de paisagens socioculturais diferentes e qualidade de vida, assim como a possibilidade de transitar com maior liberdade pelo espaço europeu. Estas motivações assinaladas, muitas vezes, combinadas entre si, constituem os fatores que impulsionaram o processo de migração dos reformados brasileiros para Portugal.

A decisão de emigrar está intrinsecamente vinculada ao contraponto aspiração/capacidade migratória. Esta similitude de ideias e interesses, externa à vontade dos atores envolvidos no processo migratório, é subsumida no conceito de capacidade. A capacidade de migrar é determinada pelas políticas migratórias e diferentes tipos de recursos vinculados ao capital financeiro, social e humano (Carling & Schewel, 2018). No caso dos reformados brasileiros, sua capacidade migratória encontra-se alicerçada na política portuguesa de concessão de vistos a reformados detentores de recursos financeiros suficientes para subsistência no país.

Embora os entrevistados tenham comprovado - por ocasião da solicitação do visto - que possuíam os meios de subsistência suficientes para a residência no território português, e afirmado nos seus relatos que conseguiram manter a qualidade de vida que usufruíam no Brasil, nossa percepção foi diferente. Com exceção dos entrevistados residentes em Porto, todos os outros relataram dificuldades para encontrar um imóvel cuja renda se adequasse ao orçamento familiar. Uma despesa que necessita ser planejada porque representa um percentual significativo no orçamento familiar.

Todos os entrevistados portadores do visto D7 foram unânimes ao afirmar que a possibilidade legal de morar em Portugal foi fator preponderante na escolha do destino. A presença de antepassados familiares procedentes da Europa, e notadamente a presença da ascendência portuguesa é, também, fator de influência na escolha de Portugal como local de destino. O tipo de migração com vinculações histórico-familiar, a eleição de Portugal não só obedece a motivações de caráter emocional, mas também por razões de natureza instrumental. A perspectiva instrumental se reflete na maior facilidade na obtenção de cidadania portuguesa e a livre circulação no espaço da UE. Nesta abordagem, esta pesquisa contribuiu para analisar a aspiração e a capacidade no processo migratório dos reformados brasileiros para Portugal. No quadro teórico, que envolve a discussão aspiração/capacidade migratória, as aspirações podem assumir uma variedade de formas.

Para além dos fatores de facilidades de permanência legal em Portugal - seja por meio de obtenção de visto D7; ou na condição de cidadão português; ou de reagrupamento familiar (beneficiário de casamento com cidadão brasileiro portador de cidadania europeia ou com visto de estudante) - os entrevistados manifestaram outras razões para escolher este país como local de destino, como exemplos: idioma, laços culturais, clima, segurança e custo de vida mais barato.

No que se refere ao “custo de vida” em Portugal ser mais barato, se compararmos com os países de economia mais desenvolvida no contexto da UE, pode chegar a uma diferença de até 50%. No entanto, para os imigrantes reformados brasileiros não há otimização de renda quando se estabelecem em um país do Norte-Global. A diferença cambial entre a moeda brasileira e o euro europeu acarreta uma perda no poder de compra. Consequentemente há necessidade de adequação a um padrão de vida mais simples em território português.

As motivações analisadas no contexto desta pesquisa indicaram preferências orientadas ao estilo de vida até urgências para escapar de situações de (in)segurança e/ou de natureza política, com outras possibilidades no meio. Realmente, Goh & Lii (2014:2) salientam que “seja qual for a(s) razão(s) que o(s) adultos mais velhos têm para embarcar na migração internacional, a busca por uma melhor qualidade de vida (estabilidade política, segurança, serviços públicos e transportes, recreação, bens de consumo, habitação e ambiente natural) nunca está longe da lista de considerações”. Mas sabemos que nem todos os reformados brasileiros podem transformar as aspirações migratórias em capacidade, uma vez que há restrições diferenciadas quanto à capacidade individual. Neste sentido, uma linha de pesquisa sugerida é desvelar os obstáculos enfrentados pelos reformados brasileiros - quanto às barreiras legais e não capacidade comprobatória de rendimentos suficientes para sua própria subsistência - na hipótese de aspirar, como exemplo, acompanhar os filhos que migraram para Portugal e não pretendem retornar ao Brasil.

Temos visto que as redes sociais cumprem um papel importante na escolha do local de destino. Por meio das redes sociais, os potenciais emigrantes adquirem informações necessárias - principalmente através de relacionamentos com pessoas de confiança - acerca das condições de vida e outras particularidades do local de destino, o que contribui para a tomada de decisão em emigrar. No presente estudo de caso, verificou-se que rede social disponibilizada na

internet, agências de turismo e o próprio Consulado Português no Brasil, foram mecanismos importantes como fontes de informações sobre o local de destino e a obtenção de visto. Por outro lado, nem toda informação se mostra suficiente para que se tenha um adequado conhecimento sobre a realidade do contexto do local de chegada.

A chegada no local de destino é o momento para o confronto entre o imaginário e a realidade; a expectativa versus a realidade; e se há correspondência entre as informações obtidas antes da chegada e o contexto da realidade. Neste sentido, é frequente encontrar, entre os relatos, afirmações que apontam a distância entre o real e o imaginário/esperado. Embora a maior parte dos entrevistados tenha relatado que pesquisou intensamente acerca de Portugal, percebemos que os entrevistados possuem poucas informações sobre o contexto social, económico e político do país. Algumas expectativas não foram cumpridas de modo satisfatório, notadamente quanto à questão do alojamento. A dificuldade em arrendar um imóvel, decorrente dos elevados valores de rendas praticados, da pouca oferta de imóveis e do enfrentamento com situações discriminatórias em relação aos nacionais brasileiros, foram os pontos mais relevantes observados nas entrevistas. Outra questão negativa mencionada refere-se à dificuldade na integração com a comunidade de acolhimento. A população entrevistada ressentiu-se de não conseguir estabelecer vínculos relacionais com a comunidade portuguesa. Com raras exceções, os entrevistados informaram que as relações com os cidadãos portugueses acontecem no âmbito das instituições (quando necessitam de alguma prestação de serviço) e do comércio. Uma integração - segundo relatos dos entrevistados - superficial e difícil. A questão da burocracia nas instituições públicas e a ausência de um protocolo de atendimento é apontada também como situações constrangedoras e desafiantes no momento da obtenção de documentos necessários à efetiva legalização de residência no país e utilização de outros serviços.

Outros aspectos (agora positivos), relacionados com as representações e os imaginários sociais em relação aos portugueses e a Portugal, emergem no discurso da população entrevistada e permitem assinalar as diferenças entre os dois países, notadamente quanto à questão de segurança pública e serviço nacional de saúde português. A situação da violência no Brasil constitui um dos aspectos mais representativos na decisão de permanecer em Portugal, uma vez que este país oferece uma sensação de segurança já esquecida pelos nacionais brasileiros. Constata-se, portanto, que mesmo para aqueles que não vinculam a questão da (in)segurança pública brasileira à decisão de emigrar, a sensação de segurança vivenciada em terras lusitanas

é fator motivacional para permanecer aqui. Acrescenta-se a isso, a manifestação de satisfação quanto ao serviço nacional de saúde de Portugal. Para os que utilizam o SNS português, notadamente na Área Metropolitana de Porto, sentem-se plenamente satisfeitos com o atendimento, se comparado com a oferta dos serviços prestados na maior parte do território brasileiro.

Os reformados brasileiros apresentam diferenças óbvias quanto ao capital económico. Não é um grupo homogêneo. Por exemplo, alguns possuem imóvel no Brasil e adquiriram uma segunda residência em Portugal, enquanto outros arrendam. Há, também, diferenças no tamanho e na condição dos imóveis adquiridos ou arrendados, assim como a localização das moradas. Os padrões de mobilidade variam também. Os entrevistados que usufruem de uma melhor renda familiar conseguem viver parte do ano em ambos países, movimentando-se com mais flexibilidade dentro do espaço europeu, desfrutando de viagens turísticas e, conseqüentemente, mais lazer. Outros, ao contrário, mantêm laços transnacionais por meio dos recursos das TIC's; não possuem tanta flexibilidade de ir e vir ao Brasil e, em alguns casos, as pensões auferidas são suficientes somente para os custos com arrendamento do imóvel e alimentação. Algumas destas situações são encontradas no estudo de Oliver & O'Reilly (2010) que trata da migração de estilo de vida dos ingleses para a Espanha.

A pesquisa revelou o envolvimento dos reformados brasileiros em uma variedade de práticas transnacionais, desde a manutenção de estreita ligação com amigos e familiares no país de origem até a utilização de serviços de saúde em ambos países, incluindo as visitas frequentes ao Brasil por aqueles que possuem capital econômico para tanto. Horn & Schweppe (2017), em seu artigo, destacam a importância da tecnologia de informação na experiência migratória, possibilitando diferentes modos virtuais de interação nos relacionamentos familiares, facilitando a coesão entre gerações. Casado-Díaz, Kaiser & Warnes (2004), verificaram situação semelhante em nove áreas localizadas no sul da Europa e nas Ilhas Canárias, receptoras de migrantes do norte europeu. Concluíram que as novas tecnologias de telecomunicações contribuem para tornar consistentes os laços emocionais e consanguíneos entre familiares separados por longas distâncias. Neste cenário, vislumbramos uma linha de pesquisa ainda pouco explorada sobre as relações afetivas e de cuidados no contexto das famílias transnacionais. Quais os arranjos existentes para amenizar a distância emocional entre os que migraram e os deixados para trás? Um estudo comparativo, como exemplo, com o de

Baldassar (2008), em *Missing kin and longing to be together: emotions and the construction of co-presence in transnational relationships*.

As perspectivas futuras quanto à trajetória migratória dos reformados brasileiros em Portugal ainda é uma incógnita. A complexidade do processo migratório e a globalização resultam em cada vez mais pessoas interligadas com outras em diversos lugares. Descobrimos que laços transnacionais dos reformados brasileiros com outros Estados-membros da UE constituem outra camada que media as decisões de mover-se, no futuro, para outros países. Por outro lado, a aquisição da cidadania portuguesa é importante sob dois aspectos: (1) a possibilidade de viver em outro país da UE, o que poderá envolver vários graus de mobilidade; (2) a facilidade de retornar ao país de origem sendo portador de um título de residência estável.

Ciobanu (2012), em seu artigo *Ageing migrants in Portugal: methodological discussion and empirical evidence*, chama a atenção para a precariedade de estudos sobre os imigrantes que fixaram residência em Portugal. Considerando tal afirmação, a presente pesquisa pretendeu contribuir para o colmatar de uma lacuna no conhecimento do fluxo migratório de reformados brasileiros para Portugal, principalmente devido ao recente aumento desta população em particular.

Referências Bibliográficas

- Abdul-Aziz, A., Loh, C. & Jaafar, M. (2014). Malaysia's My Second Home (MM2H) Programme: An examination of Malaysia as a destination for international retirees. *Tourism Management, Elsevier*, 40(C): 203-212.
- Ackers & Dwyer (2004). Fixed laws, fluid lives: the citizenship status of post-retirement migrants in the European Union. *Ageing & Society*, 24:451-475.
- Aduana, G. (2019). Migration Patterns and Emigrant's Transnational Activities: comparative findings from two migrant origin areas in Ethiopia. *Comparative Migration Studies*, 7:1-28.
- Agnew, V. (2005). Introduction. In: Agnew, V. (ed.) - *Diaspora, Memory, and Identity: A Search for Home*. University of Toronto Press: Toronto, pp. 3-21.
- Ahrens, J., Kelly, M. & van Liempt, I. (2016) Free movement? The onward migration of EU citizens born in Somalia, Iran and Nigeria. *Population, Space and Place*, 22 (1): 84-98.
- Almendra, D. & Moraes, P. (2012). O medo, a mídia e a violência urbana – A pedagogia política da segurança pública no Paraná. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 6(2):266-281.
- Arango, J. (2004). Theories of International Migration. In D. Joly (ed.), *International Migration and the New Millennium*. Aldershot: Ashgate, pp. 15-36.
- Ashton, A. & Scott, N. (2017) International retirement migration in Thailand. Stakeholders' views: A Japanese case study, *Journal of Place Management and Development*, 10(1):7-22.
- Assis, G. (2002). *Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, Campinas/SP, 170 pp.
- Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Bagno, S.; Ewald, A. & Cavalcante, F. (2008). A Trajetória de Severino: Migração e pobreza no Brasil. *Literatura em Debate*. 2(2): 1-11. Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/430/778>
- Baldassar, L. (2008). Missing kin and to be together: emotions and the construction of co-presence in transnational relationship. *Journal of Intercultural Studies*, 29 (3): 247-266.
- Baldassar, L., Wilding, R. & Boccagni, P. (2017). Ageing in Place in a Mobile World: New Media and Older People's Support Networks. Special Issue by Invitation. *Transnational Social Review. A Social Work Journal*.
- Balkir, C. & Kirkulak, B. (2009). Turkey, the new destination for international retirement migration. In H. Fassmann, M. Haller, & D. S. Lane (Eds.), *Migration and mobility in Europe: Trends, patterns and control*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.
- Balkir, C. & Böcker, A. (2015). A comparison of residence, social security and citizenship strategies of turkish return migrants and dutch retirement migrants in Turkey. In: Ayşem Biriz Karaçay, Deniz Şenol Sert & Zeynep Gülrü Göker (eds.), *Waves of Diversity: Socio-Political Implications of International Migration in Turkey*. Istanbul: The ISIS Press, pp.179-224.
- Barreto, A. (2011). Brazilians in Lisbon: immigrant association and the meaning of urban spaces. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 8(2):480-501.
- Barreto, M. (2009). Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. *Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*, 7(1):1-11.
- Basch, L., Glick Schiller, N. & Szanton-Blanc, C. (1994). *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Amsterdam: Gordon and Breach.

- Bauman, Z. (1998). *La globalización. Consecuencias humanas*. México-Argentina: Fondo de Cultura Económica (FCE).
- Bowen, J. (2010). *The Economic Geography of Air Transportation: Space, Time, and the Freedom of the Sky*. London: Routledge.
- Baykara-Krumme, H. (2013). Returning, Staying, or Both? Mobility Patterns among Elderly Turkish Migrants after Retirement. *Transnational Social Review – A Social Work Journal* 3 (1): 11–29.
- BBVA (2012). Los “Baby Boomers” de EEUU en México: un grupo creciente de migrantes (The “Baby Boomers” from the U.S. in Mexico: a growing group of migrants - in Spanish). In: *Análisis Económico, n. 21, March, Mexico, Foundation BBVA Bancomer*. Available at: https://www.bbvaesearch.com/KETD/fbin/mult/120321_MigracionMexico_09_tcm346-378589.pdf, DoA: 15 February 2016.
- Bender, D., Hollstein, T. & Schewpe, C. (2018). International retirement migration revisited: From amenity seeking to precarity migration? *Transnational Social Review*, 8:1 e 98-102.
- Benson, M. (2007). *There’s more to life: British lifestyle migration to rural France*. PhD Thesis, Comparative and Applied Social Sciences, University of Hull.
- Benson, M. & O’Reilly, K. (2009a). Migration and the Search for a Better Way of Life: A Critical Exploration of Lifestyle Migration. *The Sociological Review* 57 (4): 608– 625.
- Benson, M. & O’Reilly, K. (2009b). Lifestyle Migration: Escaping to the Good Life? In Michaela Benson and Karen O’Reilly (eds.), *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations, and Experiences*, Farnham, Ashgate, pp. 1-14.
- Benson, M. (2013). Postcoloniality and privilege in new lifestyle flows: the case of North Americans in Panama. *Mobilities* 8(3):313-330.
- Benson, M. & O’Reilly, K. (2015). From lifestyle migration to lifestyle in migration: Categories, concepts and ways of thinking. *Migration Studies*, 1(4): 20–37.
- Biernacki, P. & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: problem and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods and Research*, 10:141-163.
- Bolender, B. (2010). *Fields of dreams or Diamonds in the rough: unconventional retirement migration*. Tese de Doutorado em Filosofia. Kansas State University, Manhattan, Kansas, USA.
- Bolzman, C., Fibbi, R. & Vial, M. (2006). What to Do after Retirement? Elderly Migrants and the Question of Return. *Journal of Ethnic and Migration Studies* 32 (8): 1359–1375.
- Bolzman, C., Kaeser, L. & Christe, E. (2016). *Transnational Mobilities as a Way of Life among Older Migrants from Southern Europe*. Population, Space and Place.
- Boyd, M. & Nowak, J. (2012). Social Networks and International Migration, in Martiniello, M. & Rath, J. (eds.). *An Introduction to International Migration Studies*. Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 77-103.
- Braga, F. (2011). *Conexões Territoriais e Redes Migratórias: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil*. Tese (Doutorado em Demografia)- Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Braga, S. & Bezerra, E. (2017). O Jeitinho Brasileiro: As Pequenas Corrupções Diárias e seus Reflexos na Morosidade da Justiça. *Revista de Política Judiciária, Gestão e Administração da Justiça*. Brasília, 3(1):17 – 33.
- Brettell, C. & Hollifield, J. (2000). Migration Theory. Talking across Disciplines, in Caroline B. Brettell; James F. Hollifield (orgs.), *Migration Theory. Talking across disciplines*. London: Routledge, 1-26.
- Breuer, T. (2005). Retirement Migration or rather Second-Home Tourism? German Senior Citizens on the Canary Islands Altersmigration oder eher Zweitwohnungstourismus?

- Deutsche Senioren auf den Kanarischen Inseln. Die Erd - *Journal of the Geographical Society of Berlin*, 136(3): 313-333.
- Brugnago, F. & Chaia, V. (2015). A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo. 7(21): 99-129.
- Caglar, A. (2001) Constraining Metaphors and the Transnationalization of Spaces in Berlin. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27(4):601- 613.
- Camacho, M. (2017). *Migración Norte - Sur: Inmigrantes jubilados estadounidenses y su proceso de inserción en Cuenca*. Tese de Mestrado. Derechos Humanos y Políticas Públicas. Universidad de Cuenca.
- Camarano, A. (2014). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Ana Amélia Camarano (Organizadora). – Rio de Janeiro: Ipea, 2014. 658 pp.
- Campos, M. & Barbieri, A. (2013). Considerações teóricas sobre as migrações de idosos. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, 30:569-584.
- Cano, I. & Duarte, T. (2012). “No sapatinho”: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008-2011). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll. 151pp.
- Carling, J. (2002). Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdeans experiences. *Journal of Ethnic and Migration Studies*.28(1):5-42.
- Carling, J. & Collins, F. (2017): Aspiration, desire and drivers of migration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 44:909-926.
- Carling, J. & Schewel, K. (2018) Revisiting aspiration and ability in international migration, *Journal of Ethnic and Migration Studies*.44:(6): 945-963.
- Carneiro, R. (2018, dezembro, 10). Morar em Portugal: o novo sonho da classe média brasileira. *Veja.abril.com.br*. Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/como-brasileiro-morar-portugal-aposentado-estudante-classe-media/>
- Casado-Diaz, M, Kaiser, C. & Warnes, A. (2004) Northern European retired residents in nine southern European areas: characteristics, motivations and adjustment. *Ageing and Society*, 24 (3):353-381.
- Casado-Diaz, M.A. (2009) Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees. In Benson, M.C. and O'Reilly, K. (eds) *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Aldershot: Ashgate.
- Casado-Diaz, M., Casado-Diaz, A. B. & Casado-Diaz, J. M. (2014) Linking tourism, retirement migration and social capital. *Tourism Geographies*, 16 (1):124-140.
- Castillejo, A. (2019, Mayo, 15). El 'agresivo' plan de Portugal para captar jubilados de todo el mundo. *65ymas.com*. Disponível em <https://www.65ymas.com/economia/el-agresivo-plan-de-portugal-para-captar-jubilados-de-todo-el-mundo>
- Castles, S. (2010). Understanding Global Migration: A Social Transformation Perspective. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 36(10): 1565-1586.
- Castro, A.; Vidigal, I. & Baracsi, K. (2015). Prospetiva sobre migrações, uma missão impossível? *Revista Migrações*, 12:9-37.
- Castro, F. (2012). Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atração-repulsão numa região de baixas densidades. *Cadernos de Geografia*, 30(31): 203-213.
- Castro, F. (2016). A influência das redes sociais na estruturação geográfica do projecto migratório. In: Castro, F.; Fernandes, J. e Gama, R. – *Redes, Capital Humano e Geografias da Competitividade*. Imprensa da Universidade de Coimbra, pp 81-104.
- Cazarré, M. (2018, Junho 6). Fugindo da crise e da insegurança, brasileiros migram para Portugal. *Agência Brasil*. Recuperado em 9 de setembro de 2019, de

- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-05/fugindo-da-crise-e-da-inseguranca-brasileiros-migram-para-portugal>. .
- Chand, M. & Tung, R. (2014). The Aging of the world's population and its effects on global business. In: *The Academy of Management Perspectives*, 28(4): 409-429.
- CICDR – Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial (2018). *Relatório Anual 2018: Igualdade e não Discriminação em Razão da Origem Racial e Étnica, Cor, Nacionalidade, Ascendência e Território de Origem*. Alto Comissariado para as Migrações. Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade. Recuperado em <https://www.cicdr.pt/documents/57891/0/Relatorio+Anual+2018+VERS%C3%83O+FINAL.pdf/61a87690-3cdd-43e4-ab7f-1f415559fb42> (Acesso em 02 de outubro de 2019).
- Ciobanu, R. (2012). Ageing migrants in Portugal: methodological discussion and empirical evidence. In: Fernando Luís Machado (org.) *Imigração e Envelhecimento Ativo*. *Revista Migrações*, 10:83-102.
- Ciobanu, R.; Fokkema, T. & Nedelcu, M. (2016). Ageing as a Migrant: Vulnerabilities, Agency and Policy Implications. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 43(2):164-181.
- Ciobanu, R. & Hunter, A. (2017). *Older Migrants and (Im)Mobilities of Ageing: An Introduction*. *Population, Space & Place*.
- Croucher, S. (2009). Migrants of privilege: The political transnationalism of Americans in Mexico. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 16(4): 463–491.
- Croucher, S. (2012). Privileged Mobility in an Age of Globality. *Societies*, 2: 1–13.
- Dal-Farra, R. & Lopes, P. (2013). Métodos Mistos de Pesquisa em Educação: Pressupostos Teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação*, 24(3):67-80.
- De Coulon, A. & Wolff, F. (2010). Location Intentions of Immigrants at Retirement: Stay/Return or Go 'Back and Forth'? *Applied Economics*, 42 (26): 3319– 3333.
- De Coulon, A. (2016). *Where do immigrants retire to?* Institute for the Study of Labor (IZA), Bonn, Iss. 297.
- De Haas, H. & Fokkema, T. (2010). Intra-Household Conflicts in Migration Decision making: Return and Pendulum Migration in Morocco. *Population and Development Review* 36 (3): 541–561.
- De Haas, H. (2011). *The determinants of international migration: Conceptualising policy, origin and destination effects (DEMIG Working Paper. 32-11)*. Oxford University, International Migration Institute. Retrieved from <https://www.imi.ox.ac.uk/publications/wp-32-11>.
- Diário de Notícias (2018, 23 de fevereiro). OMS. Portugal é um dos cinco países da Europa que pior trata os idosos. Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/portugal-esta-nos-cinco-paises-da-europa-que-pior-trata-os-idosos-estudo-9139937.html> (acesso em 23 de setembro de 2019).
- Dixon, D.; Murray, J. & Gellat, J. (2006). *America's Emigrants: US Retirement Migration to Mexico and Canada*. The Migration Policy Institute. Disponível em <https://www.migrationpolicy.org/research/americas-emigrants-us-retirement-migration-mexico-and-panama>
- Dorfman, J. & Mandich, A. (2016). Senior Migration: Spatial considerations of amenity and health access drivers. *Journal of Regional Science*. 56(1):96-133.
- Duarte, J. (2005). Entrevista em profundidade. Duarte, J.A.M (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. Atlas: São Paulo (1):62-83.
- Dutra, B. (2018, setembro, 25). Aposentado que vive no exterior consegue barrar desconto de 25% de IR. *O Globo*. Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/aposentado-que-vive-no-exterior-consegue-barrar-desconto-de-25-de-ir-23100200>

- Faist, T. (2000). *The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Spaces*. Oxford: Oxford University Press.
- Faist, T. (2010). Towards Transnational Studies: World Theories, Transnationalisation and Changing Institutions, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(10): 1665-1687.
- Ferreira, C. (2004) *Portugal, Destino Turístico da População Idosa Europeia. Abordagem Geográfica do Turismo Sénior Internacional*. Tese não publicada (Doutoramento), Universidade de Lisboa.
- Fedyuk, O & Zentai, V. (2018). A Entrevista em Estudos de Migração: Um passo em Direção a uma Coprodução de Diálogo e Conhecimento? In: Zapata-Barrero, R., Yalaz, E. (eds). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Europeus de Migração*. Série de Pesquisa IMISCOE. Springer, Cham. 171-178.
- Finotelli, C.; Acosta, D.; Fernandes, D.; Peixoto, J.; Belchio, L.; Gomes de Castro, M.; Knup, S. & Silva, T. (2013). *Migração Brasil-Europa. A situação dos migrantes brasileiros na Espanha e Portugal e de portugueses e espanhóis no Brasil: aspectos legais e vivências*. Conselho Nacional de Imigração (CNIg), Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e o International Centre for Migration Policy Development (ICMPD).
- Fonseca, A. (2012). Viver em Portugal após a reforma. In Machado, F.L. (org.) *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Envelhecimento Ativo*, 10:179-180.
- Fonseca, M.L.; Pereira, S. & Iorio, J. (2016). International Mobility of Brazilian Students to Portugal: The Role of the Brazilian Government and University Strategies in Portugal. In: Dominguez-Mujica, J. (eds). *Global Change and Human Mobility. Advances in Geographical and Environmental Sciences*. Springer, Singapore.
- França, T. & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33 (2):207-237.
- França, T.; Alves, E. & Padilla, B. (2018). Portuguese Policies Fostering International Student Mobility: colonial legacy or a new strategy? *Globalization, Societies and Education*, 16(3):325-338.
- Franklin, A. & Crang, M. (2001). The trouble with tourism and travel theory? *Tourist Studies*, 1(1):5-22.
- Freitas, W. & Jabbour, C. (2011). Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*.18(2): 7-22.
- Frey, W. (2010). Baby Boomers and the New Demographics of America's Seniors. *Journal of the American Society on Aging*. 4(3): 28-37.
- Gibler, K.; Taltavull, P.; Casado-Diaz, M. J.; Casado-Diaz, M. & Rodriguez, V. (2009) Examining retirement housing preferences among international retiree migrants. *International Real Estate Review*, 12 (1):1-22
- Glick Schiller, N.; Basch, L. & Blanc-Szanton, C. (1992). Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered. *New York: Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 645.
- Gober, P. & Zonn, L. (1983). Kin and elderly amenity migration. *The Gerontologist*, 23(3):288-294.
- Goh, P. & Lii, C. (2014). Evaluating International Retirement Migration Options Within Asia Pacific: The Topsis Method. *ICIC Express Letters*, 8(8).
- Goodson, L. & Grzymala-Kazłowska, A. (2017). Researching migration in a superdiverse society: challenges, methods, concerns and promises. *Sociological Research Online*, 22 (1): 1-13.
- Green, P. (2014). Contested Realities and Economic Circumstances: British Later-Life Migrants in Malaysia. In Janoschka, M.; Haas, H. (eds) *Contested Spatialities: Lifestyle Migration and Residential Tourism*, pp. 145 – 57.

- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipe.
- Gustafson, P. (2008). Transnationalism in Retirement Migration: The Case of North European Retirees in Spain. *Ethnic and Racial Studies* 31 (3): 451–475.
- Gustafson, P. & Cardozo, A. (2017). Language Use and Social Inclusion in International Retirement Migration. *Social Inclusion*. 5 (4): 69–77.
- Hall, K. & Hardill, I. (2014). Retirement migration, the ‘other’ story: caring for frail elderly British citizens in Spain. *Ageing and Society*, 36(3): 562–585
- Hayes, M. (2014). We Gained a Lot over What We Would Have Had: The Geographic Arbitrage of North American Lifestyle Migrants to Cuenca, Ecuador. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 40(12): 1953-1971.
- Hayes, M. & Perez-Gañán, R. (2017). North–South migrations and the asymmetric expulsions of late capitalism: Global inequality, arbitrage, and new dynamics of North–South transnationalism. *Migration Studies*. 5:116-135.
- Hayes, M. (2018). *Gringolandia: Lifestyle Migration Under Late Capitalism*. University Minnesota Press. Minnesota.
- Hodgson, G. (1994). *Economia e Instituições. Manifesto por uma Economia Institucionalista Moderna*. Oeiras: Celta Editora.
- Hoey, B. (2005). From Pi to Pie: Moral Narratives of Noneconomic Migration and Starting Over in the Postindustrial Midwest. *Journal of Contemporary Ethnography* 34(5): 586-624.
- Horn, V., Schweppe, C. & Seong-Gee, U. (2013). Transnational Aging - A Young Field of Research. *Transnational Social Review* 3 (1): 7–10.
- Horn, V. & Schweppe, C. (2017). Transnational aging: toward a transnational perspective in old age research. *European Journal of Ageing*, 14(4): 335–339.
- Hugo, G. (2003) Australia's ageing population. *Australian Planner* 40: 109-118.
- Illés, S. (2006). International Elderly Migration in Hungary. *Migracijske i etničke* 22 (1-2): 53–77.
- Iorio, J. (2018). *Trajetórias de Mobilidade Estudantil Internacional: estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37454>.
- Jeffery, L. & Murison, J. (2011). Guest editorial: the temporal, social, spatial, and legal dimension of return and onward migration. In: Jeffery, L. and Murison, J. – *Population, Space and Place*. Wiley Online Library, 17:131-139.
- Kaiser, C. (2011). *Transnationale altersmigration in Europa - sozialgeographische und gerontologische perspektiven*. Wiesbaden: VS.
- Karl, U. & Torres, A. (2016). *Ageing in Contexts of Migration*. London: Routledge.
- King, R., Warnes, A. & Williams, A. (1998). International Retirement Migration in Europe. *International Journal of Population Geography* 4 (2): 91–112.
- King, R., Warnes, A. & Williams, A. (2000). *Sunset Lives. British Retirement Migration to the Mediterranean*. (1^a ed), Oxford: Berg Publishers.
- King, R. (2012a). Geography and Migration Studies: Retrospect and Prospect. *Population, Space and Place*, 18(2): 134-153.
- King, R. (2012b). Theories and Typologies of Migration: An Overview and a Primer. In: Erica Righard (Ed.) - *Willy Brandt series of working papers in international Migration and ethnic Relations*. Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM) Malmö University, 3-12.
- King, R., Lulle, A., Sampaio, D. & Vullnetari, J. (2016) Unpacking the ageing-migration nexus and challenging the vulnerability trope. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(2):182-189.

- Kordel, S. & Lutsch, S. (2018). Status quo and potential of remigration among Transylvanian Saxons to rural Romania. *Europ. Countrys.* 10(4): 614-633.
- Lardiés-Bosque, R. (2016): Geographical mobility among retired US migrants living in the Northwestern region of Mexico bordering California, US. In: Szymańska, D. and Chodkowska-Miszczuk, J. (editors). *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, 32:105–116.
- Lawson, M. (2016). Narrative positioning and ‘integration’ in lifestyle migration: British migrants in Ariège, France. *Language and Intercultural Communication*, 17:58–75.
- Lee, E. (1996) – A theory of migration. In Cohen, Robin (Ed.) – *Theories of Migration*. Edward Elgar Publishing Company, 1:14-24.
- Levitt, P. & Glick-Schiller, N. (2003). Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. *International Migration Review*, 38: 1002– 1039.
- Levitt, P. & Jaworsky, N. (2007). Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends. *Review and Advance*, 33:129-156.
- Levitt, P.; Viterna, J.; Mueller, A. & Lloyd, C. (2016). Transnational social protection: setting the agenda. Oxford Development Studies. *Routledge*, pp. 1-18.
- Lévy-Strauss C. (1950). Introduction à l’oeuvre de Marcel Mauss. In: Mauss M. *Sociologie et anthropologie*. Paris: Presses Universitaire de France. 220 pp.
- Liebscher, P. (1998). Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master’s program. *Library Trends*, 46(4): 668-680.
- Lima, A. (2010). *Transnationalism: A new mode of immigrant integration*. Boston, MA: Mauricio Gaston Institute, University of Massachusetts Boston.
- Lucas, R. & Stark, O. (1985). Motivations to Remit: Evidence from Botswana, *Journal of Political Economy*, 93(5): 901-918.
- Machado, F. & Roldão, C. (2010). Migrações, ciclo migratório e envelhecimento dos imigrantes. In: *Imigrantes idosos: uma nova face da imigração em Portugal*. Observatório da Imigração, Lisboa, 39: 2-230.
- Machado, I. (2014). O Futuro do Passado: Imigrantes Brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. 43:225-234.
- McGarrigle, J. & Ascensão, E. (2017): Emplaced mobilities: Lisbon as a translocality in the migration journeys of Punjabi Sikhs to Europe, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 44(5):809-828.
- Malheiros, J. et al. (2011). *Acesso à habitação e problemas residenciais dos imigrantes em Portugal*. Observatório da Imigração. Alto-Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural. 1ª ed., Lisboa.
- Manzini, E. & Glat, R. (2014). Influência das representações sociais do pesquisador na análise de dados de entrevistas: um estudo no campo da educação especial. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 22(79). *Dossiê Educação Especial: diferenças, currículo e processos de ensino e aprendizagem*. Editoras convidadas: Márcia Denise Pletsch & Geovana Mendonça Lunardi Mendes.
- Marques, J. & Góis, P. (2007). Práticas Transnacionais dos Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal e dos Emigrantes portugueses na Suíça: Para além dos conceitos. [Working Paper n. 294]. *Centro de Estudos Sociais*. Coimbra, PT.
- Martins, R. & Rodrigues, M. (2004). Estereótipos sobre Idosos: Uma Representação Social Gerontofóbica. Millemium. *Revista do ISPV*, 29:249-253.
- Massey, D. et al. (1993). Theories of International Migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, 19(3):431-466.
- Massey, D., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A. & Taylor, J. (1998). *Worlds in Motion. Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press.

- Massey, D.; Arango, J.; Hugo, G.; Kouaouci, A.; Pellegrino, A. & Taylor, J. (2006), Theories of International Migration: A Review and Appraisal. In Anthony M. Messina; Gallya Lahav (orgs.), *The Migration Reader. Exploring Politics and Policies*. London: Lynne Reinner Publishers, 34-62.
- Matos, D. (2019). O Debate Brasileiro sobre a Nova Classe Média – Uma Revisão Bibliográfica. *Observatório das Metrópoles*, 1-24.
- McHugh, K. (1990). Seasonal migration as a substitute for, or precursor to, permanent migration. *Research on Aging*, 12(2):229–245.
- Mendes, K. (2014). As políticas criminais e neoliberalismo no Brasil: debates atuais. *Revista Habitus: Revista de Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, 13(1):52-64.
- Menin, M. (2006). Representação Social e Estereótipo: A Zona Muda das Representações Sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1):43-52.
- Minayo, M. (2011). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. [versão eletrônica]. *Sielo Saúde Pública*, 621-626. Acedido em 27 de outubro de 2018. Disponível em https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232012000300007&script=sci_arttext&tlng=en
- Miranda, G. (2019, maio, 28). Denúncias de xenofobia contra brasileiros em Portugal crescem 150% em um ano. *Folha de São Paulo*. [online]- Recuperado em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/queixas-de-discriminacao-contra-brasileiros-em-portugal-disparam-em-2018.shtml> [Acesso a 2 outubro, 2019].
- Moraes, R. (2003). Uma Tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, 9 (2):191-211.
- Morais, A. (2018). A estética da intolerância: extremismo político e arte no Brasil atual. *Revista Rua*. Campinas/SP, 24(2): 499-524.
- Monsutti, A. (2010). The Transnational Turn in Migration Studies and the Afghan Social Networks. British Academy Occasional Papers. In: *Dispossession and Displacement*.
- Montezuma, J. & McGarrigle, J. (2019) What motivates international homebuyers? Investor to lifestyle ‘migrants’ in a tourist city, *Tourism Geographies*, 21:2, 214-234.
- Müller, D. (2002). German second home developments in Sweden. In Hall, C. M. and Williams, A. M. (eds), *Tourism and Migration*. Kluwer, Dordrecht, Netherlands, pp. 169–85.
- Naranjo, J. (2018, julho, 16). O talento de origem africana conquista a Copa: mais da metade da seleção francesa de futebol tem suas raízes na África. *El País*. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/15/deportes/1531678163_080637.html.
- Näre, L., Walsh, K. & Baldassar, L. (2017). Ageing in transnational contexts: transforming everyday practices and identities in later life. *Routledge*. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/320177738_Ageing_in_transnational_contexts_transforming_everyday_practices_and_identities_in_later_life/stats
- Neal, J. W., Nea, Z. P.; VanDyke, E. & Kornbluh, M. (2014). Expediting the Analysis of Qualitative Data in Evaluation: A Procedure for the Rapid Identification of Themes From Audio Recordings (RITA). *American Journal of Evaluation*. 36(1) 118-132.
- Nedelcu, M. (2016). *Transnational grandparenting in the digital age: mediated co-presence and childcare in the case of Romanian migrants in Switzerland and Canada*. Eur J Ageing.
- Neri, M. et al. (2008). *A Nova Classe Média*. FGV/IBRE, Rio de Janeiro, 70 pp.
- Nolasco, C. (2016). *Migrações Internacionais: conceitos, tipologia e teorias*. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.
- Oliveira, C. & Gomes, N. (2018). *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2018*. Observatório das Migrações. Alto Comissariado para Migrações. 1ª ed. (Imigração em Números – Relatórios Anuais 3), Lisboa.

- Oliveira, C. & Gomes, N. (2019). *Estatísticas de bolso da imigração*. Observatório das Migrações. Alto Comissariado para Migrações. 1ª ed. (Imigração em Números), Lisboa.
- Oliveira, F. (2015). A Nova Classe Média Brasileira. *Revista Pensamiento Iberoamericano*, 10: 105-131.
- Oliveira, R. (2007). O Processo Histórico do Estatuto do Idoso e a Inserção Pedagógica na Universidade Aberta. *Revista HISTEDBR On-line*, 28:278 –286.
- Oliver, C. (2011) Lifestyle Migration. In Betts, A. (ed.) *Global Migration Governance*. Oxford: Oxford University Press.
- Oliver, C. & O'Reilly, K. (2010). A Bourdieusian Analysis of Class and Migration: Habitus and the Individualising Process. *Sociologia*, 44 (1): 49-66.
- OMS. Portugal é um dos cinco países da Europa que pior trata os idosos. (23 de fevereiro, 2018). *Diário de Notícias*. Acedido em 17 de setembro, 2019. Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/portugal-esta-nos-cinco-paises-da-europa-que-pior-trata-os-idosos-estudo-9139937.html>
- Ono, M. (2008). Long-Stay Tourism and International Retirement Migration: Japanese Retirees in Malaysia. In: Yamashita et al. (eds). *Transnational Migration in East Asia* Senri Ethnological Reports, 77: 151–162.
- O'Reilly, K. (2000). *The British on the Costa del Sol: Transnational identities and local communities*. London: Routledge.
- O'Reilly, K. (2003). When is a Tourist? The Articulation of Tourism and Migration in Spain's Costa del Sol. *Tourist Studies*, 3: 301–317.
- O'Reilly, K. (2007). Intra-European Migration and the Mobility: Enclosure Dialectic. *Sociology*, 41(2): 277 – 93.
- O'Reilly, K. (2012). *International migration and social theory*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Ormond, M. & Toyota, M. (2016) Confronting economic precariousness through international retirement migration: Japan's old-age "economic refugees" and Germany's "exported grannies", in J.M. Rickley-Boyd, K. Hannam and M. Mostafanezhad (eds), *Tourism and Leisure Mobilities: Politics, Work and Play*. Abingdon: Routledge.
- Padilla, B. (2009). As migrações Latino-americanas para a Europa: uma análise retrospectiva para entender a mobilidade actual. In Padilla, B. e Xavier, M. (org.), *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, 5:19-35.
- Padojinog, W. & Rodolfo, C. (2004). Developing the Japanese Market for Philippine Tourism and Retirement Services: Prospects and Impediments. *Philippine Institute for Development Studies*, 31:1-26.
- Papastergiadis, N. (2000). *The Turbulence of Migration: Globalization, Deterritorialization and Hybridity*. Cambridge: Polity Press.
- Paul, A.M. (2011). Stepwise International Migration: A Multistage Migration Pattern for the Aspiring Migrant, *American Journal of Sociology* 116:1842–86.
- Pedone, C. (2002). Las Representaciones Sociales en torno a la Inmigración Ecuatoriana a España. *Revista de Ciencias Sociales*, 14: 56-66.
- Peixoto, J. (1998). *As migrações dos quadros altamente qualificados em Portugal. Fluxos migratórios inter-regionais e internacionais e mobilidade intra-organizacional*. Ph.D. Tese. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. 1:555pp e 2:218pp.
- Pennington, J. (2013). *Moving on: Migration Trends in Later Life*. Instituto de Pesquisa de Políticas Públicas. Disponível em http://www.ippr.org/files/images/media/files/publication/2013/06/moving-on-older-people_June2013_10898.pdf

- Pereira, S. & Siqueira, S. (2013). Migração, Retorno e Circularidade. *REMHU - Revista Interdisciplinaridade e Mobilidade Humana*, 41:117-138.
- Pimentel, D. & Sousa Gomes, M. C. (2018). L'inversion des tendances migratoires au Portugal. In: Golaz, L.; Lefèvre, C. & Verón, J. - *La crise dix ans après Quels effets sur la conjoncture démographique des pays d'Europe du Sud?* Paris, Ined, Documents de travail, 239.
- Pinho, F. (2012). *Transformações na emigração brasileira para Portugal: de profissionais a trabalhadores*. Tese de Doutoramento em Sociologia. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Pinho, F. (2014). *Transformações na emigração brasileira para Portugal: de profissionais a trabalhadores*. Alto-Comissariado para as Migrações. Observatório das Migrações. 1ª ed. (Teses; 44)
- Pinho, F. (2015) – Redes sociais no recrutamento de imigrantes: teóricos de uma proposta de explicação. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXIX:81-103.
- Pinnegar, S.; Van den Nouwelant, R.; Judd, B. & Randolph, B. (2012). *Understanding housing and location choices of retiring Australians in the 'baby boom' generation*. City Futures Research Centre. UNSW - Built Environment University of New South Wales, Sydney.
- Pinto, M. (2018, julho, 20). A desesperança brasileira encontrou casa em Portugal. *Publico.pt* Disponível em <https://www.publico.pt/2018/07/20/p3/noticia/a-desesperanca-brasileira-encontrou-casa-em-portugal-1838119>
- Piore, M. (1977). Alcune note sul dualismo nel mercato de lavoro. *Rivista di Economia e Politica Industriale*. 3(2):185-210.
- Piore, M. (1979). *Birds of Passage*. Migrant Labor and Industrial Societies. Cambridge, Cambridge University Press.
- Pochman, M. et al. (2006). *Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil: Classe Média Desenvolvimento e Crise*. Cortez, São Paulo.
- Portela, E. & Schwinn, S. (2018). Elementos para (re)pensar a mobilidade humana: globalização, novos fluxos migratórios e políticas públicas. In: *Migrações Sul-Sul*. 1 ed., Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, Campinas.
- Portes, A. (1981). Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration, in M.M. Kritz et al. (Ed.), *Global Trends in Migration - Theory and Research on International Population Movements*. Nova Iorque, Center for Migration Studies. 279-297.
- Portes, A. (1999). Towards a New World – The Origin and Effects of Transnational Activities. *Ethnic and Racial Studies*, 22(2): 465-477.
- Portes, A., Guarnizo, L. & Landolt, P. (1999). The Study of Transnationalism: Pitfalls and Promises of an Emergent Research Field. *Ethnic and Racial Studies*, 22(2): 217-237.
- Portes, A. (2003). Theoretical Convergences and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism. *International Migration Review*. 37(3): 874-892.
- Portes, A. (2010). Migration and Social Change: Some Conceptual Reflections. *Journal of Ethnic and Migration Studie*. 36(10): 1537-1563.
- Procópio, D. & Toyoshima, S. (2017). Fatores Associados à Criminalidade no Brasil. *Análise Económica*. 35:263-288.
- Puga, D. (2001). Un lugar en el Sol: Inmigración de jubilados hacia Costa Rica. In: *Población del Istmo 2000: Familia, Migración, Violencia y Medio Ambiente*. Centro Centroamericano de Población. Disponível em <https://ccp.ucr.ac.cr/libros/poblaist/conte.htm>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Portugal: Gradiva. Disponível em https://www.ufpe.br/documents/685425/0/fdr4_quivy.pdf/282b7293-ce35-4674-90ec-40a361773941
- Ravenstein, E. (1889). The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, 52(2), 241-305.

- Ripoli, E. (2008). *De Brasil a Espanha: Un estudio sobre la migración desde una perspectiva integrada de los lugares de origen y de destino*. Tesis doctoral. Universidad de Alicante. 454 pp.
- Rego, C.; Mendes, M.; Rebelo, J. & Magalhães, G. (2010). Perfil dos imigrantes em Portugal: por países de origem e regiões de destino. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*. 24: 17-39.
- Rendon, J. & Terry, O (2018, junho, 13). Em país que valoriza a velhice, idosos vivem com mais saúde: pesquisas apontam menor depressão e risco de demência, além de recuperação física mais rápida. *Folha de São Paulo*. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/06/em-pais-que-valoriza-a-velhice-idosos-vivem-com-mais-saude.shtml?loggedpaywall#_=_
- Repetti, M. & Calasanti, T. (2019). Retirement migration and transnational grandparental support: a Spanish case study. *Global Networks*, pp. 1-17.
- Resende, R. (2016). Técnica de Investigação Qualitativa: ETCl. *Journal of Sport Pedagogy & Research*. 2(1):50-57.
- Rodrigues, T. & Ferreira, S. (2014). Portugal e a Globalização das Migrações. Desafios de segurança. *População e Sociedade*.22:137-155.
- Rodriguez, V. (2001). Tourism as a Recruiting Post. *Tourism Geographies*, 3: 52-63.
- Rodriguez, V. (2004). Turismo Residencial y Migración de Jubilados. In: Martin, J. (coord). *Las Nuevas Formas del Turismo*. Mediterráneo Económico, 5:233-253.
- Sampaio, D. (2011). *Migrações Pós-Reforma em Áreas de Baixa Densidade do Algarve: Um Olhar da Geografia na Perspectiva do Desenvolvimento Local*. Tese de Mestrado em População, Sociedade e Território. Universidade de Lisboa. 157pp.
- Sampaio, D., King, R. & Walsh, K. (2018). Geographies of the ageing–migration nexus: An introduction. wileyonlinelibrary.com/journal/area. 440-443.
- Sardinha, J. (2009). *Immigrant Associations, Integration and Identity Angolan, Brazilian and Eastern European Communities in Portugal*. IMISCOE International Migration, Integration and Social Cohesion. IMISCOE Dissertations. 341pp.
- Sardinha, J. (2011) Lifestyle Migrants in Central Portugal: Strategies of Settlement and Socialisation. *Actas de conferência, Comunicação apresentada no 2nd International Workshop on Lifestyle Migration and Residential Tourism*, Madrid: 1-13.
- Schapendonk, J. (2012). Turbulent Trajectories: African Migrants on Their Way to the European Union. *Societies*, 2:27–41.
- Schmalzbauer, L. (2004). Searching for Wages and Mothering from Afar: The Case of Honduras Transnational Families. *Journal of Marriage and Family*, 66: 1317– 1331.
- SEF (2013). *Relatório Estatístico anual*. Lisboa: Publicações do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- SEF (2017). *Relatório Estatístico anual*. Lisboa: Publicações do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- SEF (2018). *Relatório Estatístico anual*. Lisboa: Publicações do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Shih, K. (2015). Transnational Families. In: *Encyclopedia of Family Studies*, C. L. Shehan (Ed.). Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119085621.wbefs177>
- Snijders, T. (1992) Estimation on the basis of snowball samples: how to weight. *Bulletin Methodologie Sociologique*, 36:59–70
- Spalding, A. (2013). Lifestyle Migration to Bocas del Toro, Panama: Exploring Migration Strategies and Introducing Local Implications of the Search for Paradise. *International Review of Social Research*. 3(1): 67-86.

- Stark, O. & Bloom, D. (1985). The New Economics of Labour Migration. *American Economic Review*, 75(2): 173-178.
- Stark, O. (1991). *The Migration of Labor*. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell.
- Sunil, T.; Rojas, V. & Bradley, D. (2007) United States' international retirement migration: The reasons for retiring to the environs of Lake Chapala, Mexico. *Ageing and Society* 27(04):489.
- Taylor, J. (1999). The New Economics of Labour Migration and the Role of Remittances in the Migration Process, *International Migration*, 37(1): 63-88
- Tiago, L. (2018, setembro, 10). Novas regras de acordo fiscal com a Finlândia para pensionistas começam em 2022. *Diário de Notícias*. Recuperado em <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/10-set-2018/interior/novas-regras-de-acordo-fiscal-com-finlandia-para-pensionistas-comecam-em-2022>
- Toyota, M., Böcker, A. & Guild, E. (2006). Pensioners on the move: social security and trans-border retirement migration in Asia and Europe. *ASEF-Alliance Workshop 5-7 January 2006*. Singapore. Acedido em 26 de outubro de 2018. Recuperado em <https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/12728>
- Toyota, M. & Xiang, B. (2012), "A emergente" indústria de aposentadoria "transnacional no sudeste da Ásia", *International Journal of Sociology and Social Policy*, 32(11/12): 708-719.
- Torkington, K (2010). Defining lifestyle migration. Dos Algarves. *Revista da ESGHT/UAlg*. 19: 99-111.
- Torkington, K. (2012). Place and lifestyle migration: the discursive construction of “Glocal” place-identity. *Mobilities*, 7(1):71-92.
- Triviños, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). *World Population Ageing 2017 - Highlights (ST/ESA/SER.A/397)*.
- Van Hear, N. (2010). Theories of Migration and Social Change. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(10): 1531-1536.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and Researching Transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 22(2): 447-462.
- Vertovec, S. (2001) Transnational Challenges to the ‘New’ Multiculturalism. *Paper presented to the ASA Conference held at the University of Sussex*.
- Vertovec, S. (2003) Migrant Transnationalism and Modes of Transformation. Social Science Research Council – *International Migration Review Conference on Conceptual and Methodological Developments in the Study of International Migration*. Princeton University.
- Vertovec, S. (2004a). Cheap Calls: the social glue of migrante transnationalism. *Global Networks*, 4(2): 219-224.
- Vertovec, S. (2004b). Migrant Transnationalism and Modes of Transformation. *International Migration Review*, 38(4): 970-1001.
- Vicente, P. (2012). *Estudos de mercado e opinião. Princípios e aplicações de amostragem*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Vilela, C. (2018, junho, 30). Brasileiros Imigrantes Buscam o Canadá para Viver o Sonho Americano. *Notícias R7*. Recuperado em <https://noticias.r7.com/internacional/brasileiros-imigrantes-buscam-o-canada-para-viver-sonho-americano-30062018>
- Waiselfisz, J. (2014). *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Secretaria-Geral da Presidência da República/ Secretaria Nacional de Juventude/ Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
- Wallerstein, I. (1979), *The Capitalist World Economy*, Cambridge, Cambridge University Press

- Walsh, K. & Näre, L. (2016). *Introduction. In Transnational Migration and Home in Older Age*, edited by K. Walsh, and L. Näre. London: Routledge.
- Walters, W. (2002). Later-Life Migration in the United States: A Review of Recent Research. *Journal of Planning Literature*, 17(1):37-66.
- Warnes, A. (1991). Migration to and seasonal residence in Spain of Northern European elderly people. *European Journal of Gerontology*, 1:53-60.
- Warnes, A.; King, R.; Williams, A. & Patterson, G. (1999). The Well-Being of British Expatriate Retirees in Southern Europe. - *Ageing and Society* 19 (6): 717-740.
- Warnes, A. & Williams, A. (2006). Older migrants in Europe: an innovative focus for migration studies. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32(8): 1257-81.
- Warnes, T. (2009). Migração Internacional de Aposentadoria. In: Uhlenberg P. (eds) *Manual Internacional do Envelhecimento da População. Manuais Internacionais de População*, vol. 1. Springer, Dordrecht.
- Williams, A., King, R. & Warnes, T. (1997). A place in the sun: international retirement migration from Northern to Southern Europe. *European Urban and Regional Studies*, 4(2), 115 e134.
- Williams, A. M., King, R., Warnes, A. & Patterson, G. (2000). Tourism and international retirement migration: new forms of an old relationship in southern Europe. *Tourism Geographies*, 2(1):28 e 49.
- Wong, K. & Musa, G. (2013). Retirement Motivation among 'Malaysia My Second Home' Participants. *Tourism Management*, 40:141-154.
- Zainub, I. & Tremblay, R. (2017). *Lifestyle Migration and the Quest for a Life-long Vacation*, *Téoros* [Online], 36, 2, Online since 08 September 2017, connection on 01 July 2019. URL: <http://journals.openedition.org/teoros/3074>

Anexo I



Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

Anexo I: Questões de investigação e tópicos a avaliar

Entrevista n.º _____

Data da entrevista: ____ / ____ / 2019

Local: _____

Horário do início: _____ Horário do término: _____

(1) O processo migratório (planeamento, meios mobilizados, aspirações):

- 1.1. Qual motivo (ou motivos) foi fundamental na decisão em viver em Portugal após a reforma? Havia outro país como hipótese de destino?
- 1.2. A partir da tomada de decisão, como foi o planeamento para se estabelecer em Portugal? (documentação, habitação, contas bancárias, outros). Veio sozinho(a) ou acompanhado(a) de algum familiar e/ou amigo(a)?
- 1.3. Quais meios (material e humano) mobilizou para efetivar o processo de deslocamento para Portugal? Tem amigos e/ou familiares em Portugal ou na Europa? Já conhecia Portugal ou a Europa? Como obteve informação sobre Portugal?
- 1.4. O que ambicionava ao tomar a decisão de viver em outro país?

(2) As expectativas *versus* realidade da experiência migratória em Portugal e as relações com a origem:

- 2.1. Ao tomar a decisão, quais eram as expectativas em relação ao novo ambiente onde fixaria residência? A realidade da experiência de viver em Portugal atendeu às suas expectativas?
- 2.2. Tinha escolhido o concelho onde iria se estabelecer? Por que razão escolheu essa cidade para viver?
- 2.3. As pensões recebidas no Brasil constituem recursos adequados a viver em Portugal?
- 2.4. Pensa em fazer investimentos em Portugal? Quais?
- 2.5. Desenvolve alguma atividade profissional (ou pretende desenvolver) em Portugal?
- 2.6. Ao tomar a decisão de migrar para um outro país significa deixar para trás vínculos e relações com o local de origem. Como tem sido a sua relação com o local de origem (os vínculos materiais e afetivos)? De que modo a decisão afetou a sua vida?

(3) As perspectivas futuras (fixação, reemigração ou retorno).

- 3.1. Quais as perspectivas futuras? Pretende fixar-se definitivamente em Portugal? Se não pretende, o que deseja fazer?

Anexo II



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

Anexo II: Formulário sociodemográfico complementar:

Entrevistado nº: _____ Data da entrevista: ____/____/2019 Local: _____

1. Idade: _____
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Estado Civil: _____
4. Nacionalidade: _____
5. Naturalidade: _____
6. Dupla nacionalidade: () Sim Qual: _____ () Não
7. Grau de escolaridade (formação académica):
() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-graduação
() Mestrado () Doutorado
8. Renda Familiar (em Reais):
() até R\$ 2.500,00
() de R\$ 2.501,00 a R\$ 4.999,00
() de R\$ 5.000,00 a R\$ 7.499,00
() de R\$ 7.500,00 a R\$ 10.000,00
() acima de R\$ 10.000,00
9. Ano em que se aposentou: _____
10. Ano em que chegou a Portugal: _____
11. Cidade brasileira onde residia/unidade da federação:

12. Local onde fixou residência em Portugal:
Concelho (atual): _____ Freguesia: _____
13. Tipo de moradia:
() casa () apartamento () outro
Situação do imóvel:
() arrendamento () imóvel próprio () imóvel financiado
14. Situação legal no país:
Tipo de visto: _____
Outra situação:

